



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RÊCONCAVO DA BAHIA

CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

BAGA DE BAGACEIRA SOUZA CAMPOS

***CHOQUEER* DE MONSTRO: TIKAL BABADO E PAI
AMOR E OS MODOS DE SENTIR E PERCEBER SUAS
VESTES EM CACHOEIRA-BA**

CACHOEIRA-BA

2019

**CHOQUEER DE MONSTRO: TIKAL BABADO E PAI AMOR E OS
MODOS DE SENTIR E PERCEBER SUAS VESTES EM
CACHOEIRA-BA**

BAGA DE BAGACEIRA SOUZA CAMPOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mídia e Formatos Narrativos – da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito final para obtenção do Título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Pitombo Cidreira.

Linha de Pesquisa: Mídia e Sensibilidades.

CACHOEIRA-BA

2019

Ficha Catalográfica: Biblioteca Universitária de Cachoeira - CAHL/UFRB

C198c Campos, Baga de Bagaceira Souza
Choqueer de Monstro: Tikal Babado e Pai Amor e os
modos de sentir e perceber suas vestes em Cachoeira-BA /
Baga de Bagaceira Souza Campos. – Cachoeira, 2019.
140 f. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Renata Pitombo Cidreira.
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação
em Comunicação: Mídia e Formatos Narrativos, Centro de
Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do
Recôncavo da Bahia, 2019.

1. Vestuário. 2. Corpo. 3. Violência. 4. Cachoeira (BA).
I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de
Artes, Humanidades e Letras. Programa de Pós-Graduação
em Comunicação. II. Título. III. Título: Tikal Babado e Pai
Amor e os modos de sentir e perceber suas vestes em
Cachoeira-BA.

CDD: 391

Elaboração: Fábio Andrade Gomes - CRB-5/1513

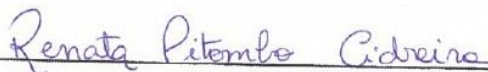
Dissertação submetida à avaliação para obtenção do grau de Mestre em Comunicação do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mídia e Formatos Narrativos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

CHOQUEER DE MONSTRO: TIKAL BABADO E PAI AMOR E OS MODOS DE SENTIR E PERCEBER SUAS VESTES EM CACHOEIRA-BA

Comissão Examinadora da Defesa de Dissertação de:

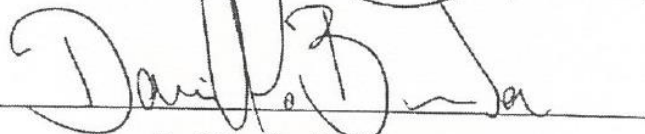
BAGA DE BAGACEIRA SOUZA CAMPOS

Aprovado em 29 de julho de 2019.



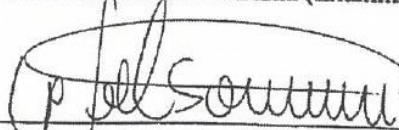
Profa. Dra. Renata Pitombo Cidreira

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Orientadora)



Prof. Dr. Danilo Silva Barata

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Examinador interno)



Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Jr.

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (Examinador externo)

CACHOEIRA-BA

2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha Mãe, Tiêta, pelos incentivos diários. E a Babado e Amor, pelas partilhas sensíveis e por movimentar em mim novas rupturas.

AGRADECIMENTOS

Este, talvez, seja o momento mais difícil, o dos agradecimentos. É muito importante nominar aqueles e aquelas que, direta ou indiretamente, contribuíram neste trabalho e, conseqüentemente, na minha formação. Ao mesmo tempo, torna-se uma tarefa árdua dimensionar todas as pessoas que me impulsionaram nessa trajetória. Então, vamos lá:

Gostaria de agradecer primeiramente aos meus amigos do peito, farei o esforço de nominar todos: Vinny Nepomuceno, Larissa Neres, Fredieh Simons, Gaby Diaz (*In Memoriam*), Roqueline Muniz, Reifra Pimenta, Vinicius Zacarias e Allan da Silva, amigos que a universidade me deu, Jéssica Siqueira, Juliana Souza, Libanio Nahas e Laércio Diniz, amigos que a vida não deixou escapar e Clécia Junqueira, amiga de sala, amiga dentro e fora de aula; Maria Clara Araújo, Ana Tubarão, Lanmi, travestis que resistem. Essas, com muita perseverança me levantaram sempre que tropecei e me acudiram quando quis desistir de tudo e, sobretudo, me acompanharam nos momentos mais felizes desse período. Um agradecimento especial a Silvia Leme pela sensibilidade com que tratou as fotos. Devo a essas pessoas todo o meu carinho e gratidão.

Agradeço imensamente e do fundo de todo o meu coração a sensibilidade e a força que Tikal Babado e Pai Amor me fizeram sentir nesses últimos anos, entre encontros corriqueiros e conversas mais íntimas. Foi extremamente importante realizar uma pesquisa em que eu tinha proximidade com eles. Foram muitas trocas, aprendizados e que nesta pesquisa se mostraram relevantes para que, conseguinte, conseguíssemos apresentar as suas vestes dentro dessa dimensão em que movem seus corpos destoantes histórico e sensivelmente nos seus atos de vestir a roupa.

A minha imensa gratidão as cidades de Cachoeira e São Félix que, nesse encontro das idas e vindas na Ponte Dom Pedro II, me proporcionaram estar aqui contribuindo para esta pesquisa tão importante sobre os corpos destoantes adornados nos campos da Comunicação e das relações sociais. Devo muito aos Orixás que pisam nessa terra por terem me proporcionado conhecer a energia destas duas cidades, heróicas, exuberantes e de um povo que carrega consigo muita resistência.

Não poderia deixar de reconhecer a dedicação da minha ilustre orientadora, Renata Pitombo Cidreira, que me acompanha desde a graduação e que também me apoiou em tudo nesta fase acadêmica. Unir aquilo que gosta e ter ao lado alguém em quem pude confiar, enriqueceu ainda mais o trabalho. Por isso, minha eterna gratidão a professora Renata.

Aos professores da graduação, ao qual sou extremamente gratx: Robério Marcelo Ribeiro, Juliano Mascarenhas, Leila Nogueira, Hérica Lene, Suzana Maia, Patrícia Ramos, André Itaparica, Silvia Pereira, Heleni Àvila, Ângela Figueiredo, Maria Goretti, Luiz Nova e Carolina Costa Nova. Assim como elxs, agradeço a toda comunidade Acadêmica da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), discentes, docentes, técnicos e terceirizados por, de algum modo, terem participado da minha formação pessoal e profissional.

Não poderia deixar de destacar nesta pesquisa, que se realiza num cenário político opressor, a força que nós LGBTQ+ e negrxs possuímos enquanto resistência. Eixos como violência, resistência e amor são aqui discutidos nos âmbitos da vestimenta no corpo dissidente, *queer*, e que falam de um lugar que precisamos potencializar cada vez mais no intuito de demarcar nossas histórias enquanto corpos políticos. Por isso, esse trabalho é um reconhecimento a todas as minorias que continuam impetrando a sua força e estão demonstrando o que o arco-íris de seus desejos nos convocam a dizer.

Este trabalho de dissertação não seria possível sem a participação da pessoa mais importante pra mim e a qual dedico também este trabalho, minha Mãe, Tiêta. Uma pessoa única, que apesar da intensa relação, me aceitou e respeitou sobre aquilo que decidi na vida. Ela também foi uma pessoa que sempre esteve do meu lado para me apoiar em qualquer decisão que eu tomasse.

Agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por me proporcionar a Bolsa de estudos.

Uma saudação, que também diz respeito à saudade, para todas as Travestis e Pretas que continuam resistindo e àquelas que nos deixaram, tornando-se borboletas e libertas para virem em meus sonhos dizer que está tudo bem e que eu continue essa luta também em nome delas.

A todas as pessoas *Queers!*

EPÍGRAFE

“Eu estou vestido com as roupas e as armas de Jorge para que meus inimigos tenham pés, não me alcancem; para que meus inimigos tenham mãos, não me peguem, não me toquem; para que meus inimigos tenham olhos e não me vejam. E nem mesmo um pensamento eles possam ter para me fazerem mal”

(Jorge Ben Jor, Jorge de Capadócia)

RESUMO

Esta dissertação está imbuída sobre inquietações que visam à compreensão da dimensão das vestes nos corpos de Tikal Babado e Pai Amor. Na relação entre corpos vestimentados *queers* e a cidade de Cachoeira, na qual se insere a análise, buscamos abordar três eixos divididos nessa dissertação: o primeiro localiza a discussão em que estão seus corpos na dimensão de humanidade e monstrosidade que emprestam seus corpos adornados socialmente, em seguida convidamos para a discussão em que imperam os processos de violência e resistência acometidos ao corpo dito dissidente conjuntamente com sua expressão vestimentada e de seu caráter político enquanto sujeitos atuantes, e por fim movimentamos as discussões da sensibilidade de acordo com a proposta discutida ao longo do trabalho sobre os modos pelos quais sentem e percebem a própria vestimenta, não deixando de lado as intersecções vivenciadas por seus corpos, como raça, gênero e sexualidade, e os desejos que permitem as suas cores, formas e texturas na projeção de suas dissidências adornadas. Para potencializar este cenário envolvido na pesquisa, apresentamos fotografias que dão a ver no trabalho a força que impetram as suas armaduras, convocadas aqui no sentido de apresentar a resistência do dito corpo que desobedece às ordens “eficazes” do vestir. A metodologia aplicada ao trabalho foi desenvolvida a partir de entrevistas, segundo as contribuições de Duarte (2005), na elaboração inicial de utilizar essa ferramenta metodológica dentro de uma perspectiva sensível pelo qual os sujeitos da pesquisa sentem e percebem sobre a própria vestimenta e como esta relação se insere socialmente. As histórias contadas por eles e por nós se entrecruzam entre os estudos *queers*, artísticos, culturais e midiáticos que compõem suas vestimentas. As desestruturas provocadas neste trabalho remetem a um lugar em que possamos estabelecer um campo sensível e potencialmente atuante do vestir sobre seus corpos, buscando caminhos que desvirtuem a atuação de formas, como a cisheterosupremacia dos corpos e de suas extensões.

Palavras-chave: Vestes; Sensibilidade; *Queer*; Corpo; Violência.

ABSTRACT

This dissertation is imbued with concerns that aim at understanding the size of the garments on the bodies of Tikal Babado and Pai Amor. In the relation between dress bodies *queers* and the city of Cachoeira, in which the analysis is inserted, we try to approach three axes divided in this dissertation: the first locates the discussion in which their bodies are in the dimension of humanity and monstrosity that lend their bodies socially adorned, then we invite to the discussion in which the processes of violence and resistance affect the dissident body together with its dressing expression and its political character as acting subjects, and finally we move the discussions of the sensibility according to the proposal discussed to the logo of work on the ways in which they feel and perceive their clothing, not leaving aside the intersections experienced by their bodies, such as race, gender and sexuality, and the desires that allow their colors, shapes and textures in the projection of their adorned dissidences. To enhance this scenario involved in the research, we present photographs that show in the work the force that their armor imposes, called here to present the resistance of said body that disobeys the “effective” orders of dress. The methodology applied to the work was developed from interviews, according to the contributions of Duarte (2005), in the initial elaboration of using this methodological tool in the elaboration of a sensitive perspective by which subjects of the research feel and perceive about the dress itself and how this relation inserts socially. The tales told by elxs and by us intersect between the *queer*, artistic, cultural and mediatic studies that compose their dress. The destructions provoked in this work refer to a place where we can establish a sensitive and potentially active field of dressing on their bodies, searching for ways that detract from the performance of forms, such as the cisheterosupremacy of bodies.

Key-words: Clothes; Sensibility; *Queer*; Body; Violence.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 01 – Foi nesse giro que a porra da normatividade estremeceu toda	25
Imagem 02 – Vislumbres incessantes da monstruosidade nas andanças da cidade	29
Imagem 03 – O que é você sair na rua e não receber uma piscada?	32
Imagem 04 – Lembranças de um encontro marcado para lacrar.....	39
Imagem 05 – O mistério nosso de cada dia.....	41
Imagem 06 – O fundamento brilho das águas e as fontes de desejos que nunca secam	46
Imagem 07 – tomara que o tomara-que-cai não caia, que ele se realize.....	52
Imagem 08 – Arco-íris babadeiro.....	55
Imagem 09 – Farpas que secam as minhas dores e plantam as minhas cores	57
Imagem 10 – Tremidas poéticas de um caminhar que incomoda.....	60
Imagem 11 – Nossa mente é um mistério e o nosso corpo uma máquina.....	64
Imagem 12 – A armadura <i>queer</i>	69
Imagem 13 – Armaram uma cocó, mas o babado já estava armado.....	71
Imagem 14 – Me gritaram viado, eu gritei Amor.....	77
Imagem 15 – No balanço do amor, os teus singelos movimentos.....	81
Imagem 16 – Que brilho foi esse, viado?.....	83
Imagem 17 – Por uma comunicação adornada que seja, acima de tudo, afrontosa.....	88
Imagem 18 – Para me “aceitarem” tive que fazer das tripas, coração.....	91
Imagem 19 – Com que roupa eu vou, afrontar a sociedade que sempre me julgou?.....	94
Imagem 20 – Ilumina e reflete esse brilho midiático.....	96
Imagem 21 – Brilho, Babado e Bomba.....	99
Imagem 22 – O sagrado, o badalado feminino e o inesquecível choque.....	106
Imagem 23 – Balanços sensíveis do perceber.....	111
Imagem 24 – Que o <i>queer</i> torne-se a força e que a sua roupa seja armadura de resistência.....	114
Imagem 25 – Cores vibrantes, vestes estonteantes.....	116
Imagem 26 – A vitrine anuncia o próximo casamento?.....	119

Imagem 27 – Formas radiantes para quem enxerga os seus presépios.....	120
Imagem 28 – Esvoaçantes texturas calaram a boca dos preconceituosos.....	122
Imagem 29 – A sua fé é força que resiste com a sua arte de cobrir o corpo.....	124

SUMÁRIO

Apresentação	14
Introdução	19
1. Monstros ou Seres Humanos?	26
1.1 Conceitos abordados	26
1.1.1 O <i>queer</i> : Por que entendê-los?	27
1.1.2 As sensibilidades: O que afetam?	38
1.1.3 O vestuário: Como nos provocam?	45
2. A dimensão política das vestes: violências e resistências	56
2.1 Corpo e Violência	56
2.1.1 A potência do corpo político	63
2.1.2 Os processos de resistência	69
2.2 Por uma comunicação sensível e atuante das vestes	80
3. Sensibilidades adornadas: Tikal Babado e Pai Amor	90
3.1 O Sentir e o Perceber	91
3.1.1 A roupa enquanto mídia	95
3.2 Vozes das Margens.....	100
3.2.1 Pode o corpo masculino afeminar-se?	103
3.2.2 As performances do Corpo e da Sexualidade	108
3.3 Elementos composicionais do vestuário: as cores, formas e texturas ..	112
4. Discussão e Considerações Finais	125
4.1 E agora, rompemos com a norma?	125
4.2 <i>Queerizar</i> nossas perspectivas é urgente	129
5. Referências Bibliográficas	
6. Apêndices	
6.1 Apêndice A: Perfil com <i>Amor</i> e com <i>Babado</i>	
6.1.1 Apêndice B: Roteiro das Entrevistas	
6.1.2 Apêndice C: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	

APRESENTAÇÃO

Nesta primeira apresentação gostaria de situar o meu lugar de fala e o que me permitiu chegar até aqui, gerindo ao longo desses últimos meses essa tão sonhada pesquisa. Quando a possibilidade de ingressar na Universidade se tornou realidade, vivi um mundo de sonhos e descobertas, sendo o primeiro da família a estar nesse espaço, que muitas vezes me aproximava de algumas questões, mas também me provocava incômodos. Vivenciei durante dois anos num curso de exatas (Engenharia Sanitária e Ambiental para ser mais específico) e que me possibilitou adentrar nesse novo universo acadêmico, mas que, ainda assim, eu sentia que não era aquilo que queria.

Após a mudança, o contato com a cidade de Cachoeira-Ba, com todos os seus encantos e Axé, foi me ganhando ao passo que me envolvia paulatinamente com sua motricidade. Senti a energia, senti que algo me prendia nessa terra mística em que vibra as vozes dos terreiros, do povo negro, um lugar de resistência. Foi aí que disse: é aqui que vou morar pelos próximos anos! Decidi, portanto, cursar Jornalismo, mesmo não sendo realmente o que eu desejava na época. Fui levando o curso, ainda sobre a energia que a cidade me envolvia.

Se eu pensei em desistir? Sim, mas segui firme. Assim, ao passar do tempo o curso foi me ganhando e aos poucos fui conquistando meu espaço que, antes de tudo, já estava motivado pelas experiências da militância. Em uma das etapas mais importantes e decisivas no período do curso, me abri com professores e professoras que me incentivaram a não desistir. Foi assim que, nesse meio tempo, fui buscando uma forma de encontrar aquilo que realmente desejava no mais profundo sentimento, um lugar para trocar com o outro.

Ainda nessa fase, encontrei o grupo de pesquisa Corpo e Cultura, coordenado pela minha atual orientadora Renata Pitombo Cidreira e, assim, pode despertar em mim esse desejo pela pesquisa. Foram encontros, seminários e discussões que enriqueceram

todos aqueles trabalhos que culminaram no meu trabalho de conclusão de curso, na graduação, intitulado *Queer Moda é essa?* E ainda hoje, muitas daquelas questões se desdobram no meu trabalho de Dissertação no âmbito do Mestrado em Comunicação – Mídia e Formatos Narrativos.

Assim, fui atrelando os estudos do curso de Comunicação com a minha já engajada militância. E por falar em militância, não poderia deixar de citar o coletivo Aquenda! de Diversidade Sexual e o Movimento Negro, no qual pude soltar ainda mais a purpurina que estava presa dentro de mim e me perceber enquanto negro nessa trajetória, contribuindo no meu processo formativo. Foram etapas da minha formação que colaboraram, incessantemente, para o meu amadurecimento enquanto pessoa.

O CAHL me deixou mais humano, mais sensível. Debater com meus pares tornou-se uma rotina e nas mesas de bar as discussões se intensificavam. Com certeza, encontrei o lugar certo, mas sei que há muito a se construir. De todo modo, foram essas discussões em mesa de bar, nos grupos de pesquisa, nos coletivos, nas salas de aula e corredores que constituíram a pessoa que sou hoje.

Nesse sentido, estou convencido de que pesquisar sobre aquilo que me afetou e me afeta diretamente, além de prazeroso, é um modo de plantar a sementinha para pensarmos em uma educação que esteja pautada em reflexões significantes no âmbito social, sem racismos, machismos, lgbtfobias, etc.

O mestrado e as oportunidades

O percurso no mestrado foi produtivo ao mesmo tempo em que foi desafiador. Enfrentar as pressões e produções de uma pós-graduação me fizeram perceber emoções intensas que não sentia tanto na graduação. Um misto de alegrias e estresses contínuos para preparar os trabalhos a tempo.

Sinto que tive um desempenho que me favoreceu e me fez amadurecer na absorção dos conteúdos enquanto estudante de comunicação. O mestrado que, antes do ingresso, era um sonho e continua sendo; nele eu tive a oportunidade de dividir e estar nos mais diversos espaços. As disciplinas cursadas me possibilitaram o contato com autores e autores até então jamais vistos por mim. Isso sem dúvida me possibilitou um

leque de conhecimento e de novos horizontes. Do mesmo modo, pude revisitare autores e autores já conhecidos da minha bibliografia.

Participei de eventos internacionais, dentre eles o Congresso da Associação Latinoamericana de Investigadores da Comunicação, realizado na cidade de San José, Costa Rica e da Iª Conferência Internacional de Estudos *Queers*, na cidade de Aracaju, em Sergipe. Tais trabalhos apresentados nesses eventos foram frutos dos artigos propostos nas disciplinas do Programa de Pós, respectivamente, Teorias Contemporâneas da Comunicação e Comunicação e Comportamento, respectivamente.

As publicações não pararam. Ainda sobre os frutos das discussões, eventos e disciplinas do Programa, continuo a produzir trabalhos em revistas, eventos e conferindo palestras. Por isso, destaco o PPGCOM/UFRB e o seu papel significativo na minha formação e produção acadêmica.

A evolução da pesquisa

A evolução do meu projeto de pesquisa intitulado *Choqueer de monstro: Tikal Babado e Pai Amor e os modos de sentir e perceber suas vestes em Cachoeira-Ba* foi percebido, como citei anteriormente, no decorrer do meu envolvimento com o programa e na forma como fui lapidando a pesquisa. Esse aprimoramento foi perceptível na medida em que fui sendo tomando cada vez mais pela pesquisa, nos encontros e conversas com meu corpus empírico.

É certo que o projeto inicial tinha suas falhas, assim como toda pesquisa não está tomada por um círculo fechado, ou seja, há sempre o que complementar e refinar em nossos trabalhos. Isso mostra a potência de nossos trabalhos, a força que possibilitam sempre com a chegada de novas questões e atravessamentos.

O debate que proponho para a pesquisa demonstra uma discussão que deve ser encarada pela Comunicação como questão urgente, como luta do campo. Pensar esse debate visto por tantos como “mais amparado no campo da sociologia”, deve encontrar no âmbito da comunicação a sua devida importância, para que também possamos fortalecer a Comunicação e demonstrar as urgências que os sujeitos dissidentes do gênero, da sexualidade e da raça possuem enquanto corpos questionadores a serem encarados pela nossa área.

Os procedimentos metodológicos foram refinados a partir do momento que estabeleci diálogos com Pai Amor e Tikal Babado, procurando compreender como sentem e percebem as próprias vestes através da fenomenologia de suas formas, cores e texturas e lançando mão das entrevistas enquanto método para melhor alcançar a proposição da pesquisa. Foram as suas vozes que tomaram o trabalho, xs tornando fontes principais do texto. A hipótese retratada no material enviado inicialmente ao PPGCOM ainda se mantêm forte, pois é a partir dela que percebemos as normatizações que se mostram enraizadas sobre a atuação social adornada dxs nossxs sujeitxs sociais, por estarem entrelaçados pelas suas condições desviantes do gênero e da sexualidade e do seu corpo negro.

Com tudo isso, consegui dar conta da pesquisa em tempo hábil de formação, uma vez que a pesquisa já demonstra expressiva finalidade e adensamento tanto com a proposta do programa em Mídia e Formatos Narrativos quanto ao aporte teórico proposto. O processo de Qualificação me possibilitou maior aprofundamento sobre questões já postas na pesquisa e no enriquecimento do trabalho. Com isso, agradeço as contribuições da banca, formada pelos professores Wilson Penteado Jr., Danillo Barata e pela minha orientadora, Renata Pitombo Cidreira.

Tirocínio: experiência em sala de aula

Sem dúvida, uma das melhores etapas do Mestrado Acadêmico. A oportunidade de poder estar em sala de aula, com a supervisão assistida da Profa. Dra. Renata Pitombo Cidreira, e experimentar a Docência. Fiz o tirocínio em duas disciplinas do Curso de Comunicação Social – Jornalismo: no primeiro momento em Teorias da Comunicação e na segunda experiência em Comunicação, Cultura e Arte.

O tirocínio me proporcionou maior interação com os estudos da pós-graduação. As discussões abordadas em sala foram caras para a minha pesquisa. Além de afinar meus estudos com o programa, o estágio docência assistida permitiu uma vivência interativa e produtiva com os estudantes da turma. O estágio abriu meus caminhos para o ensino e a pesquisa. Com auxílio da Professora Renata, os desafios foram postos e com eles uma busca mais incessante ao conhecimento.

As discussões dos textos nas disciplinas auxiliaram na sedimentação dos assuntos e, conseqüentemente, nos novos caminhos que busquei na minha pesquisa. Ainda colho os frutos da experiência de ministrar algumas aulas, bem como passar pelo

processo de avaliação. Sigo com minha orientadora nesse processo, para que eu possa aprender cada vez mais daqui para frente.

INTRODUÇÃO

A dissertação apresentada debruça-se sobre as dimensões do sentir e perceber das vestes em Tikal Babado e Pai Amor na cidade de Cachoeira, Recôncavo baiano. Compreenderemos suas formas de adornar no intuito de debater os choques sociais gerados pelos modos com que os contornos, as formas, texturas e cores dessas extensões compõem suas aparências, a partir de aspectos que sensibilizam e que aqui dividiremos em três momentos.

O corpus empírico, gentilmente a ser apresentado neste trabalho, é proposto dentro de uma abordagem desafiadora sobre o modo com o qual sua comunicação, exercida sobre os caminhos sensíveis, experimenta as possibilidades que os seus adornos produzem enquanto força intimidadora na produção de suas subjetividades. Não somente pela fascinante representatividade que Pai Amor e Tikal Babado possuem no âmbito das cidades de São Félix e Cachoeira, como também por adentrarem dentro das interseccionalidades propostas por esta pesquisa, tanto nas questões que envolvem suas dissidências sexuais e de gênero e da perspectiva de raça, é que o trabalho potencializa as discussões que envolvem a compreensão do corpo e suas extensões.

Considerando o pensamento enraizado e que se sustenta num ideal performático e naturalizado sobre a atuação dos corpos adornados em seus respectivos gêneros e sexualidades destoantes do ideal, esta pesquisa compartilha de questionamentos urgentes, tanto no tornar visíveis estxs sujeitxs e seus modos de adornar o corpo, como na busca por localizar as situações que envolvem a compressão sensível de seus corpos adornados nos âmbitos de resistência e desobediência àquelx visto como “anormal”. O objetivo torna-se, primordialmente, apresentar as nuances artísticas, políticas e violentas que suas vestes encaram a partir dos modos como sentem e percebem a própria roupa em sua íntima relação com o corpo.

O problema de pesquisa se configura justamente no fato dos nossos sujeitos apreenderem suas formas de vestir-se e reconfigurá-las sob um plano possível de expressar suas sensibilidades e modos de sentir e perceber suas vestes. É interessante afinar no trabalho a argumentação sobre a percepção aos olhares alheios, àqueles

vigilantes e reguladores, apresentando-os a partir da repercussão vestimentada de Tikal Babado e Pai Amor, enquanto questão que visa potencializar a afirmação de suas vestes, criando, portanto, suas próprias formas sensíveis de enfrentamento.

Recorremos a uma revisão metodológica interdisciplinar, formando uma tríade entre os estudos da comunicação, em seu aspecto midiático; da sensibilidade, propiciada pela fenomenologia da percepção; e dos estudos culturais, desenvolvendo-a a partir das entrevistas enquanto ferramentas de análise do corpus investigativo desta Dissertação. O intuito do trabalho é potencializar sensivelmente os seus corpos (e adornos), nesse encontro marcado por suas historicidades, enquanto sujeitos políticos, com o campo sensível que seus corpos adornados provocam, evidenciando, assim, o campo epistemológico ao qual estou vinculado.

Em resumo, o horizonte metodológico de análise desta pesquisa será de revisão bibliográfica dos estudos acima citados, utilizando enquanto ferramenta metodológica as entrevistas. Assim, esta pesquisa se designa pela investigação de campo com a formulação de “entrevista em profundidade” como finalidade de “recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer” (DUARTE, 2005, p. 62).

As entrevistas foram realizadas de forma semi-estruturadas, seguindo um roteiro dentro das temáticas sobre a relação de corpo e roupa, mas formuladas de maneira mais “aberta e flexível” (DUARTE, 2005, p. 3). Através dessas perguntas abertas, sem qualquer compromisso com a obtenção de respostas objetivas, as entrevistadas abordaram aspectos que consideram mais relevante sobre o tema, destacando quais influências pesam sobre seus corpos na construção dos modos de vestir-se, ver-se e ser visto. Nesse ponto, objetivamos apresentar nossa análise ao longo de todo o trabalho. Ou seja, as entrevistas surgiram nos três momentos da pesquisa e que aqui estão subdivididas.

Seguimos um roteiro (APÊNDICE B) no qual demonstramos alguns questionamentos feitos às nossas entrevistadas no desenrolar dos capítulos. As entrevistas orais foram transcritas com o consentimento de ambas (APÊNDICE C) e ao longo do processo de conversas foram surgindo problematizações que potencializaram os argumentos que orquestram o entendimento sensível de seus corpos adornados no âmbito de Cachoeira-Bahia e por entendermos que esse ambiente diz muito, inclusive

sobre o processo de contextualização em que se inserem os corpos adornados de Babado e Amor.

Neste trabalho sensível em que suas vestes ganham destaque, construímos com Silvia Leme as imagens que dão potência à discussão em torno de suas estéticas. Discutindo sobre o processo de curadoria das imagens apresentadas nesse trabalho, o fator de impacto de escolha e construção do ensaio fotográfico partiu de uma proximidade em que eu, pesquisador, e Silvia Leme, fotógrafa fomos moldando ao longo do trabalho. As imagens apresentam títulos que correspondem ao processo em que fomos mergulhando em suas entrevistas, ou seja, as próprias falas de Babado e Amor foram evidenciadas nos títulos-choques a partir do qual algo lhes incomodava.

Desenvolveremos a seguir um breve resumo sobre os capítulos propostos para esta Dissertação.

No primeiro capítulo são abordados alguns conceitos teóricos para que, antes de tudo, consigamos dar conta da proposta aqui apresentada. O título inicial *Monstros ou Seres Humanos?* é dissertado enquanto questão que visa provocar a discussão sobre quais sujeitos tem ou não seu papel de humanidade nas relações sociais. O conceito de monstruosidade e humanidade, apresentado por alguns autores como Michel Foucault (2001) e Kabengele Munanga (1988) tem extrema importância ao recorte estabelecido aqui no entendimento sobre aqueles que, historicamente, tiveram suas existências negadas.

Entre os conceitos explanados neste capítulo, buscamos aproximar o entendimento sobre os corpos *queers*, os processos sensíveis na comunicação e na apresentação dos vestuários. Entender a questão *queer* é fundamental para não distanciarmos seus corpos adornados do entendimento desviado que os intersectam constantemente. As sensibilidades e os modos com que elas nos afetam se revigoram ao trabalho no intuito de perceber as emoções, afetos e demais sentimentos sentidos pelos sujeitos em sua apreensão no mundo. A provocação do vestuário se entrelaça tanto sobre o corpo *queer* quanto às suas sensibilidades, no modo como a sua *composição da aparência* (CIDREIRA, 2013) estranhada se desenrola enquanto um choque que desnaturaliza a concepção dita correta sobre os modos de vestir o corpo na conformidade da performance de gênero e sexualidade.

Aqui, serão trabalhados autorxs *queers* envolvidos com as problemáticas sobre a comunicação das vestes em sua compreensão sensível. Dentre elxs destacam-se as

citações de Judith Butler (2003; 2011), Richard Miskolci (2009), Renata Pitombo Cidreira (2005; 2008), Guacira Lopes Louro (2004), além do já citado autor Kabengele Munanga (1988) e dos homônimos autores Michel Foucault (1999; 2001; 2013) e Frantz Fanon (2008).

No capítulo seguinte brindamos a continuidade de mais uma sessão teórica para destacar a gradação de hipóteses relacionadas aos sujeitos da pesquisa. Por isso, evidenciamos o envolvimento das questões pertinentes às violências, processos de resistências de seus corpos adornados e o desempenho político de suas vestes, refletindo mais do que uma necessidade na pesquisa diante do meu envolvimento político com esse terreno de investigação.

O corpo e a violência são compreendidos neste trabalho indissociavelmente, pois é a partir dessa interligação que se configuram os processos que colocam os sujeitos pesquisados em risco iminente. A roupa agarrada sobre seu corpo não está livre de sofrer as violências simbólicas e físicas que acabam por se tornar parte desse processo de vigilância e julgamento. Portanto, pensar tais corpos é não romantizar suas vivências e dizer que essas violências existem e, mais do que tudo, elas operam na lógica de eliminação do sujeito.

Com isso, denominamos a potência do sujeito político, marcado na memória e no imaginário social, como forma de refletir sobre estratégias de enfrentamento. Desse modo, se quisermos potencializar o discurso midiático de suas vestes, é necessário evidenciar seus enfrentamentos diante da norma imposta e, assim, pensar numa comunicação vestimentar que seja, acima de tudo, politicamente atuante. Para tanto, é importante compreendermos a percepção fenomenológica que suas vestes provocam e fazem sentir.

Dado esse enfoque, apontamos nesta pesquisa para uma abordagem da literatura envolvendo os assuntos designados à violência, resistências e atuação política e de enfrentamento de suas vestes. Entre os autores trabalhados, usufruiremos das contribuições de Peter Stallybrass (2000), Jota Mombaça (2016), Homi K. Bhabha (1998), Merleau-Ponty (1999), Paulo Freire (1987), Judith Butler (2003), Erving Goffman (2004), dentre outros.

O último capítulo, e não menos importante, abordará a questão central do nosso corpus, nele discutiremos as subdivisões propostas, encarando-as como a espinha dorsal

da pesquisa. Intenciono, aqui, de *sensibilidades adornadas*, para dar conta de toda essa dimensão, tanto teórica quanto prática da pesquisa, do corpo adornado *queer*. O que há de sensivelmente adornado se apresenta a partir dos seus modos de sentir e perceber as vestes, ou seja, de apresentar aquilo que xs tornam visíveis em suas *composições de aparência* e xs fazem perceber o mundo que o circundam sob as dimensões políticas, afetuosas, sensíveis, etc., já citadas no primeiro e segundo capítulo dessa pesquisa.

Como tomamos como ponto de partida a roupa enquanto mídia, a própria ideia de comunicabilidade se faz potente no discurso na qual suas vestes se inserem e demarcam o seu corpo através da leitura e linguagem social.

Frisamos em um dos subitens deste capítulo os demarcadores de gênero, raça e sexualidade enquanto intersecções de seus corpos, no cruzamento com seus modos de sentir e perceber suas vestimentas dentro dessa relação de subjugamentos ao que estes corpos representam. Para tanto, refletimos a “feminilização” apontada sobre um corpo dito, em sua naturalização, enquanto masculino, para dimensionar a projeção que suas vestes possibilitam a partir de suas cintilantes presenças. Quais os problemas? O que está por trás disso? Que choques são esses? Como desvirtuam a ordem de gênero?

Apontamos para a performance do corpo e da sexualidade, como pontos-chaves para desenvolver a visão do outro no julgamento não somente pelo gênero como também sobre aquilo que dizem sobre sua sexualidade, simplesmente pelo modo como cobrem o corpo. Estabeleço troca com xs autorxs Michel Foucault (1999a; 1999b; 2001; 2013), Judith Butler (2003), Renata Pitombo Cidreira (2005; 2008), Marshall McLuhan (2005), Stuart Hall (2006), Muniz Sodré (2006), Eva Heller (2013), Herman Parret (1997), Mikel Dufrenne (1981), Monclar Valverde (2018), e demais autorxs.

Contudo, apresentamos os elementos de seus vestuários e de que forma são colocados como expressões centrais para entendermos as sensibilidades provocadas em suas cores, formas e texturas. Cada elemento desses será dimensionado na compreensão dos impactos provocados pelas colorações, na forma e na expressão que carregam sobre seus corpos, e as texturas e tecidos que acendem suas forças.

Em minhas considerações finais propus abordar reflexões pertinentes, tanto às indagações de Tikal e Amor e tudo que implica os seus modos perceptíveis do vestir, como também busquei problematizar questões relevantes para pensarmos sobre nossas metodologias acadêmicas.

Portanto, acredito num novo e encorajador horizonte que se abre sobre as pesquisas com sensibilidade e vestes. Assim, é importante *queerizar* nossas

perspectivas, ou seja, o que quero dizer com isso é que a urgência de nossas subjetividades precisa sofrer as rachaduras necessárias e que o encontro com as barreiras e, conseqüentemente, o atravessamento delas, ainda que venham a tornar-se um terreno perigoso, força a necessidade de transformação do que está (im)posto, enraizado, naturalizado.

Aqui, registro também minhas contribuições para avanço e continuidade da pesquisa em meu caminho acadêmico.

Imagem 01: Foi nesse giro que a porra da normatividade estremeceu toda.



Fotógrafa: Silvia Leme (2019).

CAPÍTULO I

Monstros ou Seres humanos?

“Se mexer, o bicho pega”

Tikal Babado

1.1 Conceitos abordados

O intuito deste trabalho não se trata, exatamente, de classificar xs nossxs sujeitxs empíricos, Tikal Babado e Pai Amor, entre humanos ou monstros, mas o de expor como as negações de humanidade se relacionam com as ditas produções monstruosas a partir dos seus corpos vestimentados. A antítese construída entre a concepção de humanidade e o fato de não serem consideradxs como tal, pela desobediência que imperam, nos possibilitou interpretar as plasticidades e os modos como são vistxs nessa dualidade.

Decidimos utilizar a flexão “x” ao invés de atribuir, definitivamente, os gêneros (masculino ou feminino) aos pronomes encontrados para expressá-lxs. Desse modo, responderemos a um lugar em que o “x” permite transitar entre essas infinitas fronteiras *queers* de suas vivências e formas de vestir, sobretudo, além do que compreenderíamos o significado de ser homem ou mulher de forma fixada. Em alguns momentos da pesquisa, utilizo a primeira pessoa do plural, entendendo o processo através do qual minha orientadora contribui no trabalho. Do mesmo modo, me coloco, em alguns momentos, no uso da primeira pessoa do singular, como aquela pessoa que também se envolve com as histórias contadas. Num processo, enquanto pessoa, em que me lanço sensivelmente desde o momento de preparação da escrita até aos nossos encontros.

Neste capítulo serão abordados alguns conceitos teóricos para que, antes de tudo, consigamos por em prática a proposta aqui apresentada, se tratando do realce da roupa que cobre seus corpos. O título inicial *Monstros ou Seres Humanos?* é dissertado

enquanto questão que visa provocar a discussão sobre quais sujeitos tem ou não seu papel de humanidade nas relações sociais. A definição de monstrosidade e humanidade, apresentada por alguns autores como Michel Foucault (2001) e Kabengele Munanga (1988), respectivamente, tem elevada importância ao recorte estabelecido no entendimento sobre aqueles que, historicamente, vivenciaram suas existências de forma rejeitada.

Outro debate que nos parece inevitável é o de estabelecer aqui uma comunicação transversal sobre o que os seus corpos adornados intentam provocar e, assim, podermos empenhar, interseccionalmente, as relações entre raça, gênero e sexualidade que se estabelecem em seus corpos adornados. Esses esforços em trabalhar as diversas formas que desumanizam o outro põem em pauta a inegável relação da experiência do indivíduo que recusa a normalidade e que não deve ser desconsiderada em sua pujante compreensão ao que foi sinalizado como corpo dissidente.

É por conta desse reconhecimento que resolvemos reunir aqui tais estudos, considerando apontar algumas falhas e, ao mesmo tempo, recuperarmos a carência de investigações sobre raça nos estudos *queers*, do mesmo modo em que há negligência com os estudos da sexualidade e gênero (em alguma medida) nos estudos de raça. O que, conseqüentemente, não nos deixa contrariar que os corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor interligam-se entre marcadores de raça e gêneros não ideais e, desse modo, expressam-se de maneira conjunta.

Por isso, movimentamos autores e autoras no empenho de interseccionar o tratamento aos aspectos *queers*, e destes ao corpo negro, assim como abordar a partir de alguns/as autores/as a reflexão às afetações que a sensibilidade permite sentir a partir dos adornos de Babado e Amor. Ao final deste capítulo, buscamos nas contribuições da moda, em sua compreensão indissociável com o corpo, a sua presença provocativa.

1.1.1 *O queer: por que entendê-los?*

Entender a questão *queer* é fundamental para não distanciarmos os corpos adornados do entendimento desviado que intersectam tanto Tikal Babado quanto Pai Amor, constantemente. O problema envolvido nesta pergunta inicial *por que entendê-los?* ainda que seja importante na compreensão do que caracteriza o sujeito excluído, é

identificada em seu outro ponto de interrogação quando podemos incitar questionamentos que levem, de algum modo, na resolução também do porquê tais corpos não são entendidos.

Antes de qualquer coisa precisamos explicar o que se configura como um corpo *queer*. Autores e autoras brasileiros/as tem se debruçado sobre tal expressão, chegando até mesmo a ressignificar o termo a partir do contexto brasileiro (e até latinoamericano) no desejo de chegar o mais próximo de uma definição (mas não definitiva) do termo. O *queer* é a bixa, o viado, a sapatão, a pessoa trans, o corpo negro, e tudo mais que consigamos estabelecer enquanto categoria que, historicamente, deteve (e detêm) de algum prejuízo ou exclusão social. No entanto, o termo ainda apresenta-se mais aproximado das pessoas dissidentes de gêneros e sexualidades tidas como inadequadas.

Ainda que o *queer* seja tratado como minoria, sabemos que não é bem assim que essa categoria coexiste, pois esta remete aos indivíduos que, em alguma medida, rompem alguma norma estabelecida (em grande parte, naturalizada), seja ela de cor, raça, gênero, classe, sexualidade, etc., e que acaba por torná-lxs um conglomerado de dissidentes em maior número e que podemos chamar de massa *queer*. O autor Paul Beatriz Preciado acentua dizendo que “as minorias sexuais tornam-se multidões. O monstro sexual que tem por nome multidão torna-se *queer*” (PRECIADO, 2011, p. 14), apontando não só uma fragilidade que, ao gerar desvirtuação de uma determinada conduta ou regra social, pode configurar o indivíduo como *queer*, mas indicando a essa minoria (não-númerica) sua direção nas relações valorativas ou coercitivas da sociedade.

Logo, os choques que essas multidões lançam “na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias sexopolíticas específicas de produção dos corpos ‘normais’ e ‘desviantes’” (PRECIADO, 2011, p. 16) nos instigam a repensar sobre quais modelos nós queremos para nossos corpos? O desvio é de cara uma sentença ao martírio de si mesmo? A provocação em que são colocadas essas questões nos leva a refletir sobre como as categorias de humanidade foram se constituindo no intuito de endeusar determinadas estéticas e corrigir xs chamadxs ingratus da política normalizadora.

Imagem 02: Vislumbres incessantes da monstrosidade nas andanças da cidade



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Nesse desejo pela normalidade, se constituiu também uma adoção à categoria de monstrosidade que define aqueles para quem os corpos são indesejáveis e desobedientes. A condição de humano é, assim, autorizada a reconhecer nos corpos a plena produção das hierarquias e, do mesmo modo, se esbarra pelos tormentos gerados na experiência do sujeito transgressor, seja pelas vestes, formas de andar, desejos, relações ou até mesmo do próprio corpo.

A palavra *queer* não aparece no dicionário Aurélio, pois concerne a um termo em inglês que se designa àquelxs denominadxs de corpos “estranhos”, mas é abordado em nossa pesquisa de forma potente sobre o que seu significado representa no contexto brasileiro, mas especificamente ao território cachoeirano. Para a autora Guacira Lopes Louro, *queer* pode ser entendido como:

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais [...] Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. (LOURO, 2004, p. 38).

E mais, ainda que o *queer* esteja sendo pensado aqui na categoria do indivíduo socialmente dissidente em sua expressão de gênero e sexual e de sua afirmação como negro, não deixaremos de apresentá-lo sob a perspectiva daquilo que cobre sua pele, chamada também de extensões. Tais abordagens se fazem potentes para determinar as afetações e provocações que permitem ser entendidas no eixo da sensibilidade adornada.

Digamos assim, digamos não, é verdadeiro. Do lado homossexual [refere-se a toda comunidade LGBTQ+¹] a sociedade tem a gente, eu no caso, muito mais como andrógeno, doença, descaração, um ser que não existe nesse mundo e não deveria existir. Mas o homem é que mais precisam da gente, as mulheres também, na hora de um trabalho doméstico, por exemplo, sabe? Uma faxina, um ariar de panela, lavar um tapete, uns trabalhos bruscos, que *a gente dá brilho*, a gente puli mesmo, a gente é esforçado. Mas a grande maioria de nós não era pra tá trabalhando pra ninguém, era pra ter o nosso comércio, o nosso empreendimento, a gente deveria trabalhar mais pra ter o que é nosso mesmo (...) A minha formatura foi o Candomblé, me tomou, me deu Decá, me deu os búzios, essas coisas, é tanta coisa que vai acabar a entrevista e eu ainda não acabei [risos]. Pro lado homossexual o preconceito é grande demais. Minha luta é a favor. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/04/2019).

Eu digo assim (...) essa coisa [preconceito] do homossexual nunca vai mudar. Porque tem que ter aquela coisa de conscientização. O povo não quer ter a consciência que somos gente, nos somos seres humanos. Como eu falei com um rapaz alí: nós pagamos impostos, temos direito de ir e vir e porque não respeitar? Mas só que acontece com o ser humano, como eu falei com o rapaz hoje: o pessoal gosta de *ofuscar o brilho do outro, ofuscar o brilho do outro*, porque você [sociedade] nunca quer ver o outro bem. E eu pergunto assim, meu Deus, porque não entendem o porque de eu me transformar assim? Eu sabia que iria enfrentar problemas com a sociedade, como eu tô vivendo até hoje, mas tem que ter pé no chão. É o que eu quero, o que eu gosto de fazer. É o direito, então ninguém (...), até discuti com minha mãe hoje, tô até sentido assim sabe?, É mãe, mas só que quer impor, quer mandar na vida da pessoa. Ela é mãe, pariu, criou filho, educou, mas não vai mandar no destino; quer controlar a pessoa, quer determinar o que tem que fazer. Então eu disse assim: eu sou eu, hoje me chamo Tikal. Mas, na minha ousadia de morar numa cidade homofóbica e lá vendo que o bicho ia pegar, eu mostrei meu outro lado, então eu me chamo de Babado. O que é Babado? A pessoa que tem ousadia. E na proporção que a gente vive, a tendência é piorar. Por que esse mundo de discórdia, que não vê o outro como gente,

¹ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros, Transexuais, *Queers* e mais.

como ser humano? (Entrevista realizada com **Tikal Babado**, 11/04/2019)

Quando ressaltamos a importância de abordar as problemáticas envolvendo a desumanização dos seus corpos, reafirmamos mais que um desejo, mas um compromisso com as políticas de direito de o indivíduo poder cobrir seus corpos da maneira como sentem e se percebem na relação social. Quando afirmam que “dão brilho” ao que fazem ou que existem aqueles/as que gostam de “ofuscar os seus brilhos” percebemos que os conflitos sociais que tentam negar suas existências são refletidos por práticas expurgatórias que as suas presenças provocam socialmente e que acabam por caracterizar esse lugar de abjeção, enquanto que o outro permanece em seu conforto social.

Na provocação de abordar a categoria *queer* também ao corpo negro, achamos oportuno transversalizar tais questões, uma vez que não podem ser desconsideradas tendo em vista a notável estética da corporalidade ornamentada de Tikal Babado e Pai Amor. A categoria que estabelecemos neste trabalho ao dito corpo negro *queer* é perspectivada pela desobediência. Esta, portanto, é compreendida enquanto categoria subhumanizada aos quais seus corpos foram e são jogados, e que aqui invocamos a relação estabelecida, também, com os seus ornamentos para confirmar uma sequência de pretensões que ressoam sobre suas individualidades com o propósito de rejeição ou, até mesmo, aniquilamento.

Essa subjugação as suas humanidades são tensionadas porque analisamos o racismo de modo mais abrangente, representado aqui sobre o corpo negro e dissidente em sua sexualidade ou gênero ideal, frente aos falsos e delirantes atrativos de uma heteronormatividade compulsória e, muitas vezes, vislumbrada. O autor Guerreiro Ramos em seu texto, *O problema do negro na sociologia brasileira*, aponta que “a cor da pele do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar. Dir-se-ia que na cultura brasileira o branco é o ideal, a norma, o valor, por excelência” (RAMOS, 1995, p. 192). Não só configuramos problematizar o ideal de beleza branco, como apontamos para uma outra possibilidade que para a superfície do corpo no anseio ao estabelecimento conformativo de gênero e de expressão do desejo sexual que impera na já indicada construção das humanidades.

A anormalidade que tanto os teóricos e as teóricas *queers* tem se debruçado é posta, muitas vezes, em defesa, como numa espécie de contra-ataque argumentativo ao que é impugnado para o corpo estranho, e que em nossa pesquisa é demonstrado pela radicalidade com que as “inversões” às condutas adequadas do vestir nos ressaltam. A contradição entre anormal e normal, humano e não-humano, superior e inferior, busca não somente descaracterizar a condição de existência do sujeito, mas, similarmente, de se mostrar despreocupada com o que tais corpos produzem no regime das sensibilidades: afetos, paixão, amor, etc.

Imagem 03: O que é você sair na rua e não receber uma piscada?



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Construímos no plano de fundo desta pesquisa um pensamento voltado à descolonização dos corpos negros dxs sujeitxs aqui pesquisadxs, com o objetivo de

apontar que o corpo negro (e *queer*) não mede esforços em construir suas resistências históricas diante dos processos de desumanização e outros açóitamentos projetados sobre seus corpos. Portanto, os corpos adornados de Pai Amor e Tikal Babado são reconfigurados para um presente em que também contestam as ordens ofertadas e emancipam seus corpos na compreensão de que as formas que autoplasmam suas peles não necessitam sofrer as interferências calçadas de uma normatividade inconsequente, mas sim, que elas podem explorar a potencialidade com que brilham seus ornamentos, utilizando das estratégias que xs rejeitam para, por fim, reapropriá-las em seu sentido mais resistivo.

Valorizamos uma sensibilidade que esteja, sim, pautando suas dissidências no intuito de motivá-las, mas, sobretudo, que ela tensione a leitura que seus choques provocam no processo de invisibilização. Assim como vemos a noção de *monstro* sendo trabalhada em Michel Foucault (2001), sobre os controles sociais, e em Kabengele Munanga (1988) na perspectiva de raça, provocamos questiona-la em seu aspecto de estranheza, no intuito de debater, explicitamente, as definições com as quais as formas aqui se apresentam e a relação com o entendimento estético que compreendemos enquanto coerência ditada pela normalização, ou não monstruosidade.

No que tange à compreensão do “monstro”, parece improvável a motivação que elevamos ao dizer que é possível constranger às normas e potencializar suas dissidências de forma enfática, mas não tão estranho assim, pois “de fato, o monstro contradiz a lei. Ele é a infração, e a infração levada a seu ponto máximo”, já que, “ao mesmo tempo que viola a lei, ele a deixa sem voz” (FOUCAULT, 2001, p. 70). A definição expressa na citação acima de Michel Foucault abre-se para o diálogo de um possível corpo incorrigível, que é desobedecido, mas que também impetra desobediência:

O que define o indivíduo a ser corrigido, portanto, é que ele é incorrigível. E no entanto, paradoxalmente, o incorrigível, na medida em que é incorrigível, requer um certo número de intervenções específicas em torno de si, de sobre intervenções em relação às técnicas familiares e corriqueiras de educação e correção, isto é, uma nova tecnologia da reeducação, da sobrecorreção. De modo que vocês vêm desenhar-se em torno desse indivíduo a ser corrigido a espécie de jogo entre a incorrigibilidade e a corrigibilidade. Esboça-se um eixo da corrigível incorrigibilidade, em que vamos encontrar mais tarde, no

século XIX, o indivíduo anormal, precisamente. (FOUCAULT, 2001, p. 73).

Ao confiar o termo, expresso nas palavras de Foucault, estamos convencidos de que há um imperativo sobre o corpo que destoa de ser sempre o corpo que merece correção, punição. É bastante visível como essas expressões do corpo adornado que infringe as regras são apontados nas diversas esferas.

É de se pensar, também, que a necessidade que se constrói na pauta sobre as manutenções coercitivas que o monstro merece, não consegue efetivamente cumpri-la. Ao afirmar isso, não apontamos que é impossível ao corpo que desobedece as regras universais normativas deixar de lado a forma com qual adorna, anda, fala, gesticula, etc., nosso ponto trata de questionar tais padrões como formas únicas de ser e existir e, sobretudo, pensar a categoria de monstro, considerada inapropriada, como possibilidade de resistência diante de desejos outros, que em nada lhes cabem.

Desse modo, estamos reivindicando uma conceitualização do abjeto para dizer que o corpo negro não necessita seguir os padrões corporais de brancura, nem tampouco que o corpo que não tem conformidade com o gênero que lhe foi atribuído, se sujeite a uma determinada lei somente porque isso ou aquilo é avaliado como correto. O mesmo vale para a vestimenta que, como veremos mais adiante nesta pesquisa, acaba por acionar no outro, em dados momentos, específicas confusões sobre alguns questionamentos no que se refere ao entendimento de gênero e sexualidade.

Essas pré-configurações são as ferramentas utilizadas na categorização dos indivíduos, onde se pode observar que o corpo que obedece às normas consegue se autoestabelecer dentro dessa categoria humanizadora dos corpos, “já aqueles que não têm oportunidade de representar a si mesmos correm grande risco de ser tratados como menos que humanos, de serem vistos como menos humanos ou, de fato, nem serem mesmo vistos” (BUTLER, 2011, p. 24).

A mesma abordagem é encontrada quando se trata de que tipo de dignidade estamos falando e de quais corpos merecem ter essa respeitabilidade, quando não se é possível nem, ao menos, exergá-lxs.

Era tempo de buscar outros caminhos. A situação do negro reclama uma ruptura e não um compromisso. Ela passará pela revolta, compreendendo que a verdadeira solução dos problemas não consiste em macaquear o branco, mas em lutar para quebrar as barreiras sociais que o impedem de ingressar na categoria dos homens. Assiste-se agora a uma mudança de termos. Abandona a assimilação, a libertação do negro de efetuar-se pela reconquista de si e de uma dignidade autônoma. (MUNANGA, 1988, p. 49)

Podemos notar semelhanças com o que é dito acima pelo sociólogo Kabengele Munanga, quando refletimos que para encararmos a humanização de determinados corpos não é preciso, necessariamente, que procuremos uma assimilação com o que já é padrão. Em alguns momentos, é preciso provocar a ruptura, deixar visível, inclusive no sentido de reeducação ao que lhe sempre foi digno, seja no vestir, no andar, no falar. Nem precisa ir muito longe para entender que tudo isso acontece. Vejamos o que nos dizem as falas de Babado e Amor:

Nesse caso pra eu falar assim, da vestimenta, da transparência, eu vou falar da vestimenta interna, porque a vestimenta externa até um caixão veste a gente. Vou falar assim, porque só querem matar [a gente]. Já começa dentro de casa desde que descobrem que você é homossexual, você é estranho, você é rápido, você é habilidoso, você é perfeccionista; todos nós que somos gays somos perfeccionistas só pensam em matar. “É muito estranho. Tá usando uma roupa muito apertada, porque tá usando assim. Porque usa muito brilho. Só tem amizade com mulher”, eles falam assim. Eu no caso, falando de mim, especificamente, tenho amizade com todo tipo de pessoa entre aspas, mesmo porque eu tenho o meu segredo homossexual e não vou querer dividir o meu homem com outra pessoa [risos] em torno de amizade. Tem amizade que só vem pra matar, roubar e destruir [risos]. Desculpe se tô sendo um pouco (...) . Então, sobre vestes, voltando ao tema aqui, né? No caso de roupa tecido eu aprendi, cresci, me educaram vestindo roupa masculina, mas roupa feminina sempre vesti calcinha desde criança. Uma coisa incrível, mesmo porque antes da gente se entender a gente não sabe o que é calcinha, nem o que é cueca. Como hoje existe uma tal de cueca box, calcinha box e tá tudo misturado. Homem vestindo calcinha descaradamente, mesmo, “da mulher”; e mulher vestindo cueca de “homem”. Mas a gente, homossexual, vestia isso as escondidas. Eu mesmo vestia as escondidas pra ir no colégio, pra ir dançar, pra ir no trabalho, mas até tirar uma roupa na frente de um homem, só ele iria ver aquela situação. Eu me achava sexy, me sentia seguro. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/04/2019).

Oxê, com certeza, né? Isso acontece comigo constantemente. As pessoas vim até (...) e deparar com a questão da roupa. Ah, você tá (...) Aconteceu comigo essa semana, agora. Fui numa determinada denominação cristã e ao chegar lá a pessoa olhou pra mim e disse assim: “você veio parar aqui com essa maquiagem?” E pensei em falar assim: Eu não vim no intuito da Igreja, eu vim pra 25 [praça], mas a Igreja tava aberta, eu entrei. “mas maquiagem não é certo. É um ato religioso” e não tem nada a ver. Biblicamente falando, Jesus fala: “rasge o coração”. Então, se for ver a espiritualidade, vai ver que o povo tá pagando mico pra espiritualidade. Não tá ouvindo a palavra na prática. Isso acontece com muita gente porque se for ver, quem eu era antigamente? Que vivia no meu canto, sossegadozinho, vivia na sociedade “social”. E hoje eu me transformar, mudar o estilo de vida e mudei e mudo cada dia mais do jeito que eu quero porque é o meu direito. Me sinto bem e se um dia eu achar que não devo vestir assim, eu vou mudar tudo bem de novo. Mas não tem que sociedade se interferir na minha vida particular, nem família, nem ninguém na minha vida. A minha vida diz respeito a mim, ao meu eu que fala dentro de mim, ao meu querer e isso as pessoas tem que respeitar. Infelizmente, a gente vê as pessoas de cidade pequena, de lugar pequeno, Cachoeira e São Félix eu digo sempre, lugar pequeno, e que aqui é uma cidade heróica, cidade de monumetos, cidade histórica, mas a cabeça tá ainda lá em baixo, lá em baixo. Porque se passar uma pessoa montada, o pessoal: “kkkkk”. Isso não vai mudar nunca e não tem pra onde correr. Só vai melhorar, quando cada um se melhorar, se corrigir e aceitar o outro como ele é. Se eu não posso ajudar, também não vou derrubar. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 11/04/2019).

Essas correções que seus corpos e vestes passaram e passam, abarcam uma dimensão que, como já mencionamos aqui, refere-se a essa dita categoria de humano. Tanto Babado quanto Amor entendem que existe um borrão nessa concepção construída sobre roupas femininas e masculinas, inclusive na compreensão dos absurdos que são estabelecidos para categorizar as pessoas a partir da vestimenta. Apesar de ambxs estarem nesse lugar denominado “inapropriado” ou “inesperado”, seus universos chocam essa cansável ordem que nos rodeia.

A referência ao texto de Jocélio Teles dos Santos, “*Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados*”: *Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX* (1997) se encaixa satisfatoriamente às abordagens que motivamos aqui sobre as formas de pensar as sensibilidades das vestes comprometidas nos corpos de nossxs sujeitxs da pesquisa. Pois, segundo o autor, o sentido propagado por essas desconfigurações sociais do ato de cobrir o corpo surgem da seguinte forma:

Como consequência, encontramos deslocamentos e transformações dos elementos vestimentares constitutivos da ordem social dominante no mundo urbano no século XIX que serão definidas como transgressivas. Esta ordem abrangeria a gestão das aparências (sexuadas), a normatização do corpo (através da roupa, ou da ornamentação corporal e da cosmética de uma forma geral) e a regulação da sua visibilidade (nos espaços público e privado). (SANTOS, 1997, p. 146).

Mostrou-se justo apontar que, “a normalidade vestimentar passou a ser uma dimensão da vida cotidiana, cada vez mais regulamentada pelo Estado, através da legislação e de instituições especializadas destinadas ao controle do espaço público” (SANTOS, 1997, p. 147) e que diz respeito às qualificações e desqualificações do sujeito na incorporação ou destruição de uma condição que possa vir a torná-lo na figura de um ser harmonizado ou de uma aberração. O que determina o fato dessa decisão também ser formulada e acionada por instâncias macro que gerem os micros dispositivos sexualizados, racializados e generificados de regulação na formulação dos monstros na sociedade.

A propósito, vale ressaltar que a concepção desumana, e que faz parte dos estudos *queers*, é impulsionada em seu sentido disruptivo. Uma suspensão que segue na linha de compreensão ao dado fato dos diversos corpos - nas suas desobedientes inscrições de gênero, raça e sexualidade - não serem entendidos, enquanto força não somente de sua operação diante dos enfrentamentos sociais, como também de máquina propulsora que compartilha experiências enquanto ser dotado de sensibilidade e plasticidade.

O porquê de não entendê-los ultrapassa as noções de uma simples forma com qual são vistos, apontados, punidos, e nos revelam que a noção estabelecida pelo “outro” como errada, não passa do medo de si próprio a contar aqueles que insistem em se esconder para reiterar uma cisheteronormatividade. Nesse sentido, a caracterização que os colocam como menos importantes, afirma o que já dizia Frantz Fanon: “aquele que hesita em me reconhecer se opõe a mim” (FANON, 2008, p. 182). E se a gente existe (resiste) como monstros; estaremos aqui para *monstruorizar* as “benditas” noções humanas de vossas excelências. Em nome do Pai Amor, Espírito Babado, Amem?

1.1.2 *As sensibilidades: o que afetam?*

Dissertar sobre como as sensibilidades de Tikal Babado e Pai Amor, possibilitadas pelas emoções, afetividades e percepções, nos afetam é deixar marcado o encontro com as formas adornadas as quais nos emprestam suas configurações, a partir do sentir e do perceber (a esse respeito, conversaremos no terceiro capítulo). A afetabilidade observada pela plasticidade em que se envolvem as vestes e os corpos dxs nossxs sujeitxs na cidade de Cachoeira nos convida a refletir sobre a relação que suas aparições tendem a ter com o aspecto sensível.

Antes, gostaria de trazer os significados de sensibilidade em nossas buscas. De acordo com a definição encontrada no dicionário Aurélio, o termo sensibilidade é expresso como:

Sensibilidade. [Do lat. Tard. *sensibilitate*.] **S. f.** **1.** Qualidade de sensível. **2.** Faculdade de sentir; sentimento: *sensibilidade literária*. **3.** Propriedade do organismo vivo de perceber as modificações do meio externo ou interno e de reagir a elas de maneira adequada; excitabilidade: *sensibilidade ao calor*; *sensibilidade da pele*; *sensibilidade estomacal*. **4.** Faculdade do ser humano sensível [2]; impressionabilidade. **5.** Faculdade de experimentar sentimentos de humanidade, ternura, simpatia, compaixão. **6.** Faculdade que tem o artista de ser especialmente sensível aos elementos que, transmitidos à sua obra, são capazes de despertar emoções. **7.** Disposição para ofender-se ou melindrar-se; suscetibilidade. **8.** Emoção, sentimento, afetividade: *O “Pequenino Morto”*, de Vicente de Carvalho, é um poema cheio de *sensibilidade*. **9.** *Automat.* O mínimo sinal de entrada capaz de causar, num sistema, um sinal de saída com características determinadas. **10.** *Estat.* A propriedade dum julgamento de uma hipótese no qual é muito grande a probabilidade de rejeição da hipótese quando ela é falsa. (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2004, p. 1829).

Essa faculdade do sensível ao qual esse vocábulo se insere experimenta as mais diversas formas de sentimento e são retomadas aqui no que diz respeito, mais especificamente, as “segundas peles” (MCLUHAN, 2005). Ao longo do trabalho observamos que as sensibilidades envolvidas passam por experimentações que vão desde expressabilidades do desejo, prazer, paixão, etc. pelas quais as vestes de Pai Amor e Tikal Babado produzem enquanto corporalidades que acionam nossa percepção.

Demonstrando que os subitens (*queer* e sensibilidade) estão totalmente interligados, percebemos o quanto essa categorização de desumanidade sobre os corpos *queers* são operados sobre um terreno em que suas sensibilidades são afetadas. Diante dessa investigação, a autora Ieda Tucherman aponta que:

A figura da monstruosidade exerceu uma função simbólica fundamental. Perturbando os sentidos, especificamente a visão, o monstro foi pensado como uma aberração, uma folia do corpo, introduzindo, como oposição lógica, a crença na necessidade da existência da “normalidade” humana, do corpo lógico. (TUCHERMAN, 1999, p. 79).

As sensibilidades acionadas pelos modos de sentir e perceber as vestes em Tikal Babado e Pai Amor, partem de um contorno discursivo em que destacamos a representação dessa figura do sujeito *queer*, não deixando de lado aspectos sensíveis de suas atividades, formas de viver, de partilhar, da própria memória que constroem e os compartilhamentos que desenrolam-se no âmbito social. Observamos, assim, que há sentimentos envolvidos na relação estabelecida entre o corpo e a roupa, com destaque para a “dimensão propriamente estética desta sensibilidade, que não se pode mais reduzir à mera captação de sensações, pois se vê envolvida por formas, sentidos e valores” (VALVERDE, 2018, p. 33).

Imagem 04: Lembranças de um encontro marcado para lacrar



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Em alguns momentos da Dissertação, por exemplo, chamamos xs nossxs sujeitxs da pesquisa apenas de Babado e Amor; tais sobrenomes que carregam são também

pensados como signos representativos que dão sentido as suas sensibilidades. Não utilizamos os nomes de Tikal Babado e Pai Amor, ou simplesmente Babado e Amor, apenas como mero jogo de palavras; propomos, portanto, instigar ainda mais o que lhes envolve enquanto afeto de uma sensibilidade que, inclusive, realça suas vestes e existências no mundo. É a roupa que é Babado e que transmite Amor. Sentidas sem deixar de negar a sensibilidade que o seu corpo transpõe, seja ela nas mais diversas formas de sentimentos que vivem.

Eu choro, eu adoro chorar. Eu choro se alguém sofre, eu choro se alguém vai embora, eu choro se alguém morre, *se alguém mata* ou é assassinado. (...), eu choro se alguém tá vestindo bem, se alguém tá veste mal; a emoção dentro de mim é muito forte. Eu já nasci assim, melancólico, vou dizer assim. O pessoal fala sentimental, porque o sentimento dentro de mim é muito desembaraçado e pra eu me expressar é tanta dificuldade que só o lado Candomblé, você senta na mesa de um Ifá, de uma consulta (...) você iria me entender muito bem. Mas no caso de mim, se eu fosse falar um pinguinho de mim você iria concordar, mas você não iria entender porque eu escondo dentro de mim o meu segredo. Eu nasci assim, eu penso, pra passar segurança, passar emoções, emoções diferentes da que você vive, eu queria um Pai Amor na vida como eu [risos]. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/04/2019)

Rapaz, eu sou uma pessoa muito sensível. Às vezes as pessoas acham que não, que eu tenho esse lado *muito brutal* e tal. Mas tem muita coisa que me fere assim, (...) me pisar. Eu sinto, eu choro, eu choro mesmo no canto. Na hora de brigar, desafiar, pegar a garrafa, mas depois (...) eu venho a refletir, eu choro. Na hora a atitude é essa, a reação é essa, mas depois eu sinto *muito no profundo*, muito sensível mesmo. Às vezes eu passo e o povo me chama de capenga, isso mesmo com a sensibilidade. Quer se mulher, quer botar xibiu, vagina, essas coisas (..) Mas é isso, nos somos sensíveis quando nos somos feridos e nossa sensibilidade vem à flor da pele. Porque nós somos um pessoal que a gente passa com uma roupa de “mulher”: “ah, quer ser mulher” [sentido pejorativo], e isso fere com nossa sensibilidade e a gente faz porque gosta. “ah, você não tem vagina, tá afrontando a sociedade”. Porque eu trabalho na vidência e quando diz: “a cidade não comporta viado, não comporta travesti”. E ainda disseram assim pra mim: “viado, suja o bairro”, suja, a palavra. E aí se você for levar para o seu íntimo bem lá no fundo, você vai se sentir mesmo um (...) porque como é que você vai sujar? Você é um ser humano, você ama, você tem um coração. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 11/04/2019)

Outro aspecto do sensível que se estabelece fortemente com seus modos de vestir e que não nos deixa mentir é a relação religiosa que possuem. Tanto Babado quanto Amor demonstram relação com a espiritualidade. Talvez isso demonstre a forma como sentem essa sensibilidade, chegando a nos provocar no mais profundo sentimento e a não desejar as brutalidades que somente elxs podem sentir. Suas escolhas e rupturas com os modos de vestir respondem sobre essa camada sensível que emprestam a partir de suas crenças.

Imagem 05: O mistério nosso de cada dia



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Assim, concebemos a experiência estética das aparições *queers* vestimentadas num lugar de experimentação sensível. O autor Mikel Dufrenne, por exemplo, afirma que “ninguém põe em dúvida que a experiência estética diga respeito primariamente à sensibilidade” (DUFRENNE, 1981, p. 90). Podemos, assim, citar uma experiência, ou melhor dizendo, experiências estéticas transpassadas a partir dos modos de uso da roupa que cobre o corpo dito desobediente em sua expressão sexual ou de gênero em seu aspecto sensível.

A partir dessas indagações, a autor trata a questão da essência sensível do sujeito, a saber:

Pois há uma essência do sujeito, uma essência singular e sensível. Singular porque ela pertence a um indivíduo. O indivíduo é a obra. Mas é também o autor. Pois essa ligação da obra como o autor, essa presença do autor na obra que define o estilo, ao mesmo tempo justifica a singularidade e ilustra a universalidade da essência. (DUFRENNE, 1981, p. 91).

Dufrenne nos chama a atenção para o fato de que, diante de uma perspectiva localizada na esfera sensível, se justifique em sua essencialidade e a partir da ilustre universalidade enquanto sujeitxs, que os mesmos se projetem numa visão de mundo que esteja preparada, de forma sensível, às diversidades que compõem as formas de vestir o corpo. Essa talvez seja uma das compreensões de essência que buscamos aqui, no sentido de operar as sensibilidades que nos e xs afetam desde o momento que adornam o corpo e caminham em direção a um mundo prestes a ataca-lxs.

“Fuja, corra, a sociedade não está preparada”. Essa frase, que percorre a minha cabeça agora, é pensada na perspectiva de que parece faltar a sociedade uma certa sensibilidade para se ‘confrontar’ com visualidades destoantes de um certo padrão reconhecível e assimilável. Não queremos dizer que, fora Babado e Amor, nenhum outro corpo em Cachoeira não detenha de sentimentos (sejam eles quais forem); intentamos apontar que há, sem dúvida, uma incompreensão insana estabelecida pela expressão vestual dxs nossxs entrevistdxs ou daquelx que ousem interferir nas ordens sociais.

Aquilo que compõe as mais diversas esferas do sensível encontra nas formas, cores e texturas das vestes de Babado e Amor seu mais valoroso ímpeto. É, portanto,

evidente a projeção e infinidade de sentidos que esses elementos do vestuário podem provocar, a partir dos modos pelos quais são percebidos. Dessa maneira, entendemos que não devemos incitar o afugentamento, muito menos a repressão sobre os modos como o outro adorna o corpo; é preciso encarar o que suas sensibilidades - no caso de Pai Amor e Tikal Babado - nos revelam ao escapar dos equívocos e más compreensões de suas formas de ser e estar no mundo, como qualquer outro indivíduo.

As sensibilidades e os modos como elas nos afetam se revigoram no trabalho no intuito de perceber as emoções, afetos e demais sentimentos sentidos por Babado e Amor em sua apreensão no mundo. Nessa certeza, Babado e Amor expõem os seus sentimentos nas entrevistas, apontando que:

Ei cara que vai ser Babado agora. Babado, fecheção e baixaria! [risos]. Rapaz, a guerra. A guerra nossa começa dentro de casa, depois na escola, que são as disputas, as disafenças, a concorrência, depois no trabalho. Tudo isso é guerra. Veja bem aonde vou parar até chegar a guerra. Mas o que falta mais pra esse mundo melhor: apoio do governo sobre nós. Existe um banheiro masculino e feminino, uma cidade feminina e masculina. Mas gay, é uma coisa exclusiva. E nós, somos os mais passivos que existe no mundo. É quem não procura guerra, que não faz baixaria (baixaria com certeza, porque você sabe o que é ser coisa baixa); somos profissionais, procuramos estudar, a tese da gente é diferente. No caso de trazer uma paz, acho que só suspendendo um Alá sobre o País em peso, botar um lençol branco sobre o país porque nem as nuvens tão dando jeito (...) Eu não sei nem como falar agora direito, eu to aqui desabafando. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/04/2019)

Meu amigo, deixa eu dizer a você: uma palavra que vai fechar tudo assim. Se o povo entender quando o ser humano tiver Deus, por que Deus? Eu, Babado, conheço Deus. Deus nas árvores, Deus nas águas, Deus na mata, Deus em todo o mistério, Eu, Deus nos dons. Quando o ser humano tiver dentro do coração um Deus, uma luz, uma luz que emana, que irradia, entendeu? Aí você vai se curvar e vai dizer assim: “eu vou ver um mundo diferente, eu vou ver o outro diferente” Porque aqui nesse mundão, tudo é ilusão, tudo é passageiro. O mundo que perdura, a verdade, a realidade que perdura e perdurará na eternidade é o mundo espiritual para mim, para você e para todos. Se a gente não trabalhar nosso eu, faz do mundo uma ilusão. Então, quando é (...) entrando no assunto da sua pergunta (...) que a pessoa vai ter a consciência de mudança, de aceitar o outro como é, de encarar um mundo com naturalidade? Quando a pessoa tiver um Deus. E tem gente que não acredita em Deus, então numa força maior. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 11/04/2019)

Parafrazeando Amor: a guerra que começa em casa, passa pra escola e assim por diante; não tem hora pra acabar. O sossego, que quase nunca existiu, escorrega sobre um imenso tobogã de punições, vigilâncias e de todo o peso que carregam pela simples escolha de serem quem são, de vestirem o que são. Babado e Amor tornam-se, assim, a ameaça de um corpo adornado com o qual a sociedade não consegue conviver. Nesse meio em que resistem na cidade de Cachoeira e suas paisagens históricas e exuberantes, suas vestes vão se formando enquanto acessórios para guerrear e, portanto, para o combate em que não cessamos de encontrar.

Se afirmarmos que as suas sensibilidades operam a partir do ânimo de seus desejos e que há uma lógica de eliminação sobre o que possam desejar, é porque se constitui, unilateralmente, quais desejos serão aceitos e quais percepções podem fazer parte de uma comunicação social “ideal”. Pois, desse jeito, compreendemos que as suas sensibilidades não são mensuradas nos planos fisiológicos e muito menos de forma incorpórea nem digital como bem nos adverte Monclar Valverde (2018); eles retomam a categoria compreensiva a partir das percepções de cada comunidade (VALVERDE, 2018).

A condição a partir da qual suas sensibilidades são negadas, em alguma medida, revela, realmente, a despreocupação da sociedade pela forma como sentem seus corpos, vestes, dores. Dizer que choram, que sentem, que amam, não nos deixa de pensar sobre sua *composição da aparência*. É necessário pensarmos como esses sentimentos vivenciados por Babado e Amor nem são pensados. Nesse sentido, uma pergunta nos surge: a forma “estranha” com qual se vestem, implica no fato de não receberem o devido amor? A devida atenção para com seus corpos adornados passa longe, pois é como já mencionamos neste trabalho: o fato de serem desumanizados pelas vestes que usam (compondo aparências que provocam), pesa também sobre um desdém que se projeta sobre suas faculdades do sentir.

É como se, retirando as suas humanidades, retirássemos também suas capacidades de sentir, de perceber. Talvez valha mais pensar, não só como categoria de humano, conseqüentemente, dotado de sensibilidade, o indivíduo padrão que veste o que a sociedade quer e não percebe que por trás do seu ato de vestir, existe um plano compulsório que determina apenas aquela forma e rejeita o diferente. O que tornam esses planos compulsórios, normativos e de adequação do vestir as verdadeiras ‘chatices’ que, incansavelmente, não cessamos de ver, sentir e perceber no cotidiano.

1.1.3 O vestuário: como nos provocam?

O que chamamos por peças, vestuários, formatos, adereços, números/tamanhos, texturas e outros elementos que dizem respeito às vestes são destacados neste subitem para que possamos dimensionar em quais níveis elas podem provocar. O que todos esses diferentes modos de se dizer as extensões do corpo nos causam ou nos impactam vai tomando forma durante o trabalho, conforme os choques com que os corpos adornados de Pai Amor e Tikal Babado vão impetrando enquanto modulação de novas formas e modos de ver.

Buscamos também no dicionário Aurélio as definições das palavras vestuário e vestir (seu ato). Segundo a definição do dicionário:

Vestuário. [Do lat. med. *vestuariu*, por *vestuariu*] **S. m. 1.** O conjunto das peças de roupa que se vestem; traje, indumentária. **2.** Vestidura (1). [Cf. *vestiário*]. (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, 2004, p. 2055)

Vestir. [Do lat. *vestire*] V. t. d. **1.** Cobrir com roupa ou veste: *A mãe vestiu a criança*; “Tragicamente silencioso, olhando / O corpito esburgado e miserando / Da filha morta, resolveu tranqüilo / Pentear-lhe os cabelos e vesti-lo” (Conde de Monsaraz, *Musa Alentejana*, PP. 244-245). **2.** Pôr ou trazer sobre si (qualquer peça de vestuário): “Bateu gavetas, vestiu o paletó, apagou as luzes.” (Ricardo Ramos, *Os Inventores Estão Vivos*, p. 25); “Vestia um costume marrom, avivado no peito por um pequeno lenço branco” (Xavier Placer, *Doze Histórias Curtas*, p. 17), “Ela vestiu seu vestido mais humilde” (Oswaldo de Andrade, *Um Homem sem Profissão*, p. 171); “Vestia armas azuladas, o elmo com que seu avô Carlos V entrara em Túnis” (Aquilino Ribeiro, *Aventura Maravilhosa*, p. 9). **3.** Usar roupas feitas de: vestirchita. **4.** Calçar (luvas). **5.** Dar vestuário a: *O orfanato veste 110 crianças*. **6.** Fazer ou talhar roupa(s) para: *Este alfaiate veste homens elegantes*. **7.** Cobrir, forrar, revestir, alcatifar: *Tapetes persas vestiam o chão*. **8.** Ajustar ao próprio corpo, envolver-se em; envergar: “*Poti vestiu suas armas, e caminhou para a várzea*” (José de Alencar, *Iracema*, p. 117). **9.** Ornar, adornar, enfeitar, embelezar: “Doze cadeiras de veludo cor de fogo, esculpidas de finos labores, vestem os vãos e os outros lados da casa” (Rebello da Silva, *De Noite Todos os Gatos São Pardos*, p. 150). **10.** Adotar, tomar, aceitar: *Os escritores modernos já não vestem expressões antigas*. **11.** Encobrir, disfarçar: *vestir a verdade*. **12.** Resguardar, defender. **T. d. e i. 13.** Cobrir, envolver: *Vestiu o menino de pesada manta*. (Dicionário Aurélio Buarque de Holanda de Ferreira, 2004, p. 2055).

Observamos diferentes definições do ato de vestir na própria literatura, como observado nos exemplos do dicionário. Isso demonstra cada vez mais uma representação da roupa como forma de se estabelecer em diferentes contextos permitidos pela sua historicidade.

Assim como arriscamos abordar ou resignificar alguns conceitos durante o percurso dessa pesquisa, trazemos a *Antropologia da Face Gloriosa* (1997), do autor

Arthur Omar, e compartilhamos o que chamaríamos sensivelmente aqui de uma Comunicação das Vestes Gloriosas.

Diferentemente do significado atribuído ao conceito por Arthur Omar, acreditamos em uma contemplação dos corpos vestimentados, no sentido de não apenas explorar os instantes, como define o autor, mas procurar nesses diversos instantes um resgate de imagem que se desassossege, antes de tudo, com o processo e o fazer político que as vestes intentam provocar e afetar, envoltas por seus brilhos, lantejoulas, paetês, cores e a tudo aquilo que realce as formas vibrantes.

Desse modo, a produção das imagens, ao longo da pesquisa, demonstrou que através do que elas nos exibem, conseguimos vislumbrar a força que todo o cenário que a compõe consegue transmitir enquanto sentidos em um ritmo frenético que, conjuntamente à escrita, nos fazem provocações. Assim, ressignificamos o trabalho do Arthur Omar, não no sentido de desmerecê-lo mas, sobretudo, abordando uma contemplação dos corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor como forma de sentir as nuances que se entrelaçam a partir das imagens produzidas. Diferentemente, o que nos interessa é perceber as sensações que permitem a produção dos choques não somente no instante fotografado, mas a todo o momento em que essa comunicação se mostra eficaz ao embate político.

Imagem 06: O fundamento brilho das águas e as fontes de desejos que nunca secam



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

É certo que a *Antropologia da Face Gloriosa* (OMAR, 1997) nos auxilia dentro de uma demanda em que a sensibilidade e o campo dos afetos nos permitem, através das imagens, atravessá-las, senti-las, sem se perder de vista o seu real sentido, na *composição da aparência* dxs sujeitxs. A vibração que suas vestes (gloriosas) operam enquanto impulsão de choques, sentidas nas imagens nas quais, cuidadosamente, lançamos trabalhar, são a própria força de suas existências nas memórias que vão se construindo no cenário da Cidade de Cachoeira-Ba. Os seus corpos e vestes trabalham conjuntamente e as imagens não nos deixam escapar os reais motivos que xs tornam passíveis de serem apontadxs no espaço público.

Não podemos esquecer de que a brilhosidade com que se apresentam diariamente e os seus *status* de reconhecimento na cidade, criam, de certo modo, imaginários construídos sobre suas vestimentas. Entre xurrias², gritos e algazarras por onde passam e atravessam, os caminhos ali traçados permanecem sobre o enfrentamento diante dos momentos “gloriosos” e os de “tormento” (OMAR, 1997, p. 7). Como os encontros de alegria e os de violência. Destacamos a ideia da vestimenta nessa dimensão de defesa ao que sua potencialidade midiática provoca no corpo; ela, ao mesmo tempo que transborda resistência, pode representar o que entendemos como disfarce, nos proporcionando construir nossos movimentos para um ou para outro, na defesa e resistência ou no disfarce.

Ao entendermos a roupa como uma mídia (conforme CIDREIRA, 2005) – capaz de expressar sentidos, inclusive daquele que a porta – também nos damos conta de como ela afeta nossa dimensão sensível. Desse modo, essa forma de mídia acende a visibilidade crítica que fulgencia as dimensões sensitivas nas vestes dxs então, carinhosamente, chamadxs de Babado e Amor. Aí, observamos em suas experiências adornadas que:

Em questão de sensação, a roupa me provoca? Gosto de vestir roupa feminina [enfática]. Ter uma mulher num corpo masculino. Briguei com Deus antes de descer a terra. Me perdoe pessoas que acha que isso é blasfemar, mas eu disse: Senhor, porque eu vim com esse corpo? e pra não ficar muito constraste Deus disse: esse corpo você vai decidir o que fazer. E se eu sou uma mulher no corpo de um homem, então eu vou ser metá-metá. Foi o que aconteceu, sou Oxumaré, sou LogunEde, sou gay [risos], ou sou uma gilete, seja lá o

² O significado de xurria pode ser posto como uma espécie de estímulo à provocação. É também uma forma de *gongação*, de incomodar o outro com algum xingamento ou expressão desagradável. O termo aparece, também, em alguns momentos das entrevistas.

que você quiser. E as vestes tão aí, não posso me vestir como “homem” que tá errado ou totalmente de “mulher” que tá errado. Então, sou de OxumOpará, na minha Nação é chamado de Ziritoboce. Mas meu Pai que botou a mão na minha cabeça é desse Santo. Tem tudo a ver, arco-íris e água, tudo é metade-metá, água mestiça e água limpa. A gente pra se aceitar dá trabalho, tem a barba que tem hora que dá vontade de arrancar a banda da cara e os vestes é uma loucura; essa parte do se vestir, a parte de se arrumar, que tipo de pano, que tipo de peça, é horrível, porque a gente nunca tá se sentindo bem totalmente. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/04/2019).

Ahh [risos], Babado, confusão. Uma maravilha! Uma alegria! Eu me sinto, assim, uma aceitação de mim mesmo, da minha pessoa própria porque eu tô usando o que eu quero, o que eu gosto. Então, a maquiagem que eu gosto, uma roupa que eu gosto e não quero nem saber o que o outro acha e o que o outro pensa. Eu tô me sentindo bem no meu corpo, o que eu (...) Porque tem muita gente quando eu saí de casa que: “o que é essa roupa?, vá mudar essa roupa?”. Eu digo: “Oh rapaz”. Eu passei ali agora e o rapaz falou: “Babado, isso é atentado ao pudor” [referindo-se a sua vestimenta]. Oxê, eu não uso short, porque eu sou deficiente. Qual o mal, o que tem de errado aqui? Meu Deus, que cidade pequena! Levei na esportiva, pra não brigar, pra não botar a baixaria, porque se mexer o bicho pega, aí levei no pagode e foi passando. Mas o povo não aprendeu ainda. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 11/04/2019)

Seja de forma enfática, seja na maneira de questionar, Amor e Babado não abaixam a cabeça quando o assunto é a forma como vão cobrir o próprio corpo. Mesmo quando se sentem presos em um corpo que não lhes pertence ou quando brigam pelo direito de ser quem são, ainda, assim, são capazes de construir estratégias que não deixem escapar o desejo que sentem pelo vestir, sem se deixar levar pelas críticas alheias.

Esse estranho que, muitas vezes, pode parecer à suas modas, acaba por se tornar familiar (HOLZMEISTER, 2010). Esse afujentamento aos ditos modos corretos do vestir para encontrar-se com os seus *eus* radiantes, demonstram como suas vestes encontram-se sobre essa atmosfera característica do babado e da lacração, assim como do enfrentamento ao que dizem ser bizarro.

A provocação do vestuário se entrelaça tanto sobre o corpo *queer* quanto às suas sensibilidades, no modo como a sua *composição da aparência* estranhada se desenrola enquanto um choque que desnaturaliza a concepção dita correta sobre os modos de vestir o corpo na conformidade da performance de gênero e sexo. Essa sequência de gradações, que observamos na intensa relação estabelecida pelas vestes, corpos e sensibilidades, é construída no invólucro extensamente emergido e compartilhado pelos

desejos de uma política que brinda essas três palavras: vestimenta, corpo e sensibilidade.

A compreensão das vestes, como já mencionada, não pode ser pensada sem o aporte do corpo, com seus gestos, movimentos, trejeitos, contornos e que dão vida nesse processo de *composição da aparência* (CIDREIRA, 2005). Nesse sentido, deve-se considerar não apenas o que uma ou outra intente provocar ou afetar, mas levar em conta sua ação em conjunto. Ao longo do trabalho, essa descrição vai surgindo, já que nos é mais adequado não abordar essas diferentes questões de forma estanque.

Aí vem o seguinte, as vestes, como é que eu faço? Eu vestia calcinha como eu tinha falado; a calcinha corta o pênis pra traz, aperta o ovo, aperta tudo, vou botar bem assim [risos]. Bota uma sainha jeans, pego o salto e boto no pé ou uma meia-calça assim, se tiver, porque sou meio pobrezinha. Boto um implante de saco de alinhagem, de canecalon, qualquer coisa assim, até de Emília mesmo, retalinhos, e saio bonita. E os povos que me vem, me elogiam, acham bonito, não desfazem de mim, ainda perguntam quem fez aquilo em mim, quem me montou, quando na verdade fui eu mesmo que trancei no meu próprio corpo. E assim eu me sinto bem, mas quando dizem que você se vestir assim de madrugada é pra se prostituir. Dizem assim, mas eu me sinto bem assim de manhã, de tarde e de noite vestida desse jeito. Mas chega uma hora que é a pressão é tanta que você se enjoa de ter o seu próprio corpo, porque é uma manutenção horrível pra você trabalhar no seu corpo, como se você tivesse um defeito no seu corpo. Você veste uma camiseta e sabe que tá errada, você corta ela e corta no meio e faz uma mini-camiseta [*crooped*]. Você pega uma camisa masculina, você veste?, você tira, eu tenho mania de rasgar a gola e fazer tomara-que-caia e as mangas botar pra dentro. Como eu falei antes, tem o pessoal que gosta, que elogia, mas tem aquelas pessoas que gostam de pisar, achar feio, essas coisas. Essa é minha transformação. Hoje mesmo, por exemplo, tô aqui recebendo essa entrevista e tô aqui com essa bermuda grandona masculina, havaiana, com essa blusa masculina, mas a minha vontade é de rasgar essa roupa porque eu queria uma roupa mais feminina. Eu queria tá de sainha aqui, sentada, com as pernas abertas. Queria tá de tomara-que-caia que eu adoro vestir. Queria tá com meu cabelo montado, adoro botar um implante. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/04/2019)

Como eu conheço uma travesti aqui e bateram nela porque ela tava de saia. Aí eu achei um absurdo. Alguém chamou ela e disse: a cidade não comporta e isso e isso. E ela mudou, hoje se veste de homem porque ele é assim. Mas comigo homem não bate, porque eu uso o que eu quero. E como eu falei anteriormente, em outras falas, que eu sou candomblecista. Então, no Axé tem as cores dos dias da semana. Então cada dia da semana eu gosto de usar uma cor do Orixá, a segunda é uma cor, a terça é outra, ta tata... Eu mesmo crio as combinações, vem na mente, na hora. Essas coisas fluem, poxa. Nossa mente é um mistério. E eu tô conversando com você aqui e tem uma

peessoa aqui do meu lado [Orixá] e dizendo: “é isso mesmo que você tá falando, é isso mesmo” [concordando com suas falas]. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 11/04/2019)

Nos trechos acima, não podemos deixar de observar, através da oralidade de Babado e Amor as suas experiências sensíveis com a vestimenta, seja na experiência consigo ou com o outro. Os seus desejos nunca são incompletos; é muito mais do que vestir o corpo com uma saia, é tornar esse corpo a projeção de sua própria sensibilidade desvirtuosa. Em suas falas observamos o desejo de uma sociedade que aceite e respeite suas cores, brilhos, estampas, formas; de dia, de tarde e de noite. São essas estilizações da aparência que observamos justamente em Tikal Babado e Pai Amor, possibilitada não somente por suas peças, mas também na plasticidade de seus gestos, que se desdobram na manifestação de suas sensibilidades.

Enquanto atos resistivos, as suas vestes, não falam só de si, elas falam de toda uma sociedade inserida nessas configurações que separam o vestir pela classe, gênero, etc. O autor Richard Miskolci indaga que:

A forma de vestir não pode ser reduzida à simples utilidade prática das roupas, pois, nos últimos dois séculos, a vestimenta se constituiu em uma das formas de adequação social ou de resistência às fronteiras simbólicas entre as classes e os gêneros. A busca de aceitação e de pertencimento social é patente na forma como a grande massa de migrantes e imigrantes, sobretudo na vida urbana, utilizou-se da vestimenta como meio de inserção em suas novas vidas. (MISKOLCI, 2008, p. 42)

Em seu texto de 2008, ainda que com mais de uma década, o autor Richard Miskolci aborda paralelos sobre as formas de vestir no sentido de pensar a vestimenta e suas formas de utilização, inclusive quando pensamos nas resistências que determinadas formas de vestir sensibilizam. Do mesmo modo, o autor ainda complementa:

Construir um estilo individual por meio das roupas equivale a construir simbolicamente fronteiras sociais autodefinidoras. A pessoa bem vestida, em nossos dias, seria aquela capaz de expressar pelas roupas suas simpatias e contradições com a ordem social vigente. (MISKOLCI, 2008, p. 44)

Quando buscamos uma aproximação com o prazer de estar bem vestido, respondemos, ainda que em parte, sobre o que a roupa provoca ao próprio indivíduo que a utiliza. Não necessariamente estaríamos generalizando todas as formas de sentir. As

contradições com a ordem social, a que diz Miskolci, representa essa provocação que as vestem desobedientes no corpo impetram sobre o outro, colocando sob o respaldo prazeroso do vestir.

Mais uma vez, comprovamos que as subseções que separam este trabalho, conectam-se para contar que não podemos pensar nas provocações do vestuário sem fazê-las no regime do sensível, tampouco do que representa este ou aquele corpo que veste. É um círculo vicioso onde opera isso tudo.

Minha vestimenta provoca emoções e sensações diferentes em cada pessoa. Umas vai me elogiar e outras vai me apedrejar, você me entende, né? Essa questão eu entendo muito bem, porque crianças gays hoje, você vê um menino, ele com 10 anos, 8 anos por aí, você hoje bate o olho e já sabe que ele é gay. O andar, às vezes já usa as roupas de mulher escodido, bota salto, tem o jeito de falar também, vem se quebrando todo, falando fino. Coisa que pra gente se reconhecer com 15 anos; eu vim me reconhecer, acredite se quiser, com 19 anos. Com 22, 23 mais ou menos é que eu vim assumir pra minha mãe por causa de um namorado, *Alibã*³, vou falar assim, sabe aqueles policiais bem grandões, bem gostosão, bem (...)? [risos]. E ficava a amizade escondendo alguma coisa e no mesmo horário você se encontrando, babado da desconfiança, né?. Aí veio a parte das vestes, naquela época eu vestia calça jeans, sapato, roupa “normal” social, me vestia social. Mas aí, até mesmo pela criação que tive, aquela criação de puxar sua orelha só em você olhar atravessado ou então se meter na conversa de outra pessoa, uma coisa antiga, pra você ver a hierarquia que tive. Quando passei a me vestir de “mulher”, passei por perto de uma criança gritando “viado”, ali a criança não sabe que não tá me ofendendo, ela age no intuito de ter me reconhecido. E cada um tem uma reação diferente quando vê você vestido com determinadas roupas. Vocês que são homens e mulheres “normais”, que não são andrógenas como eu e outras pessoas, uma coisa é que pra gente é mais complicado. Se a gente não vestir roupa de homem dentro de casa, é uma desgraça, então tenho que morar só pra gente botar pra fora como a gente gosta de vestir, e ser realmente. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/04/2019)

Porque, voltando a fala de dom, de mistério. Deus que capacitou o homem o dom de fazer a cor na roupa. Branca, vermelha, azul. O branco não reflete? Essa cor mesmo agora, o *neon*, que tá moda. Eu mesmo tava toda de neon, mas tava calor, tava atacada, e botei assim. E uma pessoa toda de neon não reflete na pessoa? “oh pra lá”. Hoje eu ia botar um turbante rosa neon, uma saia, mas não usei. Todo mundo sabe que ali sou eu passando. Eu já coloquei essa blusa neon, todo mundo já gritando. Isso reflete. Tudo isso aqui é partilha. Só que sabemos que esse afrontamento é atraque na sociedade, principalmente aqui que é pequeno. É muito babado que o povo não

³ Gíria em Yorubá, utilizado pela comunidade LGBTQ para referir-se ao policial.

dá conta não, viu? (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 11/04/2019)

As suas falas, no geral, dispensam qualquer comentário. É a força como vivem nesse mundo de julgamentos sendo contada pelo protagonismo de resistência que os corpos adornados de Babado e Amor provocam e afetam na sociedade. Uns elogiarão, outros apedrejarão, mas o que não conseguirão é calar os seus desejos sensíveis. Chamarão atenção de uns e afugentarão aqueles/as que, ofuscados pelo neon de suas vestes, um dia entenderão que a capacidade do sujeito de romper as barreiras normativas é muito maior do que aquela que se diz inata.

Nesse sentido, as afetações das roupas de Tikal Babado e Pai Amor que nos interpelam são compreendidas como campo de suas mudanças, tanto nos regimes em que atuam a lógica social quanto sentimental, e que se estabelecem por esse contínuo movimento entre corpo e roupa. Assim, o movimento provocado a partir do cenário de cores compostas sob as estonteantes formas e brilhos é incorporado em seus corpos no intuito de evidenciar as afetividades que se movem rumo à desobediência.

Imagem 07: tomara que o tomara-que-cai não caia, que ele se realize



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Comprovando que não se trata apenas de uma vertente estética, a vestimenta (e o seu ato) estão relacionadas dentro da perspectiva sociológica; reiterada em seu uso, forma e conteúdo para fins também de controle social. Vejamos a citação do autor Jocélio Santos:

Deste modo, poderíamos dizer que a roupa, ou o seu uso como marcador social/sexual, os jogos simbólicos diferenciadores-indicadores que envolvem o vestir-se (e o travestir-se) devem ser considerados numa perspectiva não somente estética, ou de moral privada, mas de moral pública e de Direito, situando-se já na intersecção entre a sociedade civil e o Estado. (SANTOS, 1997, p. 146-147).

O que o autor nos chama atenção trata-se de questões em que o debate sobre as formas ideais da aparência e que demandam aos corpos obedecer, encontram-se numa dimensão em que os formatos de punição e vigilância, são operados pelos construtos hegemônicos de reprodução dos discursos de adequação vestimentar.

Desse modo podemos estabelecer um vínculo com o espaço que habitamos, objetivando pensar que as afetações nas quais se inserem as vestes de Babado e Amor agenciam-se nesse trânsito de relações perceptíveis de si. Mas também não podemos desconsiderar a relação com o outro, pois também ela configurará o sentido de seu entendimento. Suas aparições estéticas anunciam as corporificações e desejos de suas interações com o mundo que os rodeia.

Nesse sentido, a moda como comunicação se potencializa, na medida em que é através dos modos de aparição que nos engajamos no mundo e com as coisas do mundo. A moda, enquanto expressão dos modos de aparecer do indivíduo, exhibe nas suas “operações expressivas” variações comportamentais, em última instância, corporais, que presentificam as interações do indivíduo com o mundo e sua atividade comunicativa com os outros. (CIDREIRA, 2016, p. 234)

Toda essa mobilização que invocamos alicerça-se no desejo de aproximar ainda mais a relação vestimenta-corpo-sensibilidade. Assim objetivamos compreender a dinâmica das aparições dxs sujeitxs ao que chamaremos, no último capítulo, de “sensibilidades adornadas”. E, com toda essa carga de desumanização que suas existências enquanto corpos *queers* e suas vestem se inserem, é que podemos aqui, ao menos refletir e propor em nossas práticas diárias novos sentimentos e novas propostas

que adentrem para uma sensibilidade que não canse de trabalhar as suas formas de existência.

Para não esquecermos de comentar que esses gloriosos adornos que aqui evocamos na regência a que sua potencialidade projetada empresta ao corpo, são o próprio escudo que protegem Babado e Amor. São a afronta adornada em que suas mídias provocam nos outros e que se arriscam num meio em que suas resistências passam a funcionar a partir da enunciação de suas vestimentas e o que a ela pode acarretar enquanto embate (para tanto, apontaremos esse debate no próximo capítulo).

CAPÍTULO II

A dimensão política das vestes: violências e resistências

“Todos os viados merecem respeito. Eles lutam pelo seu direito. A gente já nasceu gritando.”

Pai Amor

O que pretendemos apresentar enquanto dimensão política das vestes encontra-se neste trabalho a partir dos questionamentos envolvendo as investidas violentas e as maneiras com as quais Tikal Babado e Pai Amor resistem ao adornar-se. Refletimos neste capítulo o desejo transformador possibilitado por suas vestes no fazer atuante e político de seu ritmo sócio comunicacional e vestimentado.

Imagem 08: Arco-íris babadeiro.



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

É importante destacar o perfil potencializador que suas vestimentas provocam em suas identidades *queers* próprias, causando estranhamentos e produzindo resistências. Ainda é certo dizer que a violência a qual sofrem diz respeito ao modo como emprestam seus corpos adornados nesse jogo social em que o risco que encaram os atinge de forma unilateral, ou seja, propomos abordar uma relação entre as violências que sofrem e as resistências que engendram pelo modo como se vestem, afirmando que este embate impulsionado por suas vestimentas se encontra numa dinâmica desigual de violência.

Trouxemos o conceito de armadura e o desarmamos no sentido de potencializar o que este conceito representa aos corpos negros de Babado e Amor e os seus modos de adornar. Profanamos o conceito justamente por ele não representar xs sujeitxs aqui pesquisados e por acreditarmos que essa ressignificação nos aponta para uma dimensão resistiva que as suas *composições de aparência* nos provocam.

Dentro ainda da proposta deste capítulo potencializamos algumas noções como as ideias de *lacrção*, *bombaço* e *fechaço* e procuramos interligá-las àquilo que podemos chamar de uma atuação política dos corpos e das vestes, chamando a atenção ao poder que elas exercem. Recorremos, desse modo, a uma preocupação em que as camadas vibrantes, estonteantes e brilhantes de suas extensões se configurem como estratégia de luta e de seus desejos.

2.1 Corpo e Violência

Bichas, bichonas, travecas, pervertidxs, más influências, viados, baitolas, mal vestidas, pervertidas, indecentes, mulherzinhas, bichinhas. Não nos assustemos, pois já estamos acostumados com tantos nomes que nos dão. Estamos diante de xingamentos dirigidos sobre àquelxs que se desprenderam das amarras sociais da normalização e deslizam sobre o arco-íris de cores vibrantes, formas estonteantes e texturas brilhantes, desfazendo os nós que as normas sociais, incansavelmente, insistem em enfatizar e remontar.

Neste capítulo, brindamos a continuidade de mais uma sessão teórica para destacar a gradação de hipóteses relacionadas aos sujeitxs da pesquisa, Tikal Babado e

Pai Amor e os seus adornos, no que se refere à violência e a criação nos seus processos de resistências. Deste modo, evidenciamos, assim, o envolvimento das questões pertinentes às violências, processos de resistências de seus corpos adornados e o desempenho político de suas vestes, refletindo mais do que uma necessidade na pesquisa diante do nosso envolvimento político com esse terreno de investigação.

Trataremos xs sujeitxs desta pesquisa a partir dos aspectos que envolvem a atuação política das vestes, bem como nas performances que dizem respeito as suas sexualidades e gêneros, tidas como degeneradas, refletindo, portanto, sobre a relevância dos argumentos desconstrutivos da potência relacionada ao sujeito *Queer*. Nessa relação se envolvem os modos de se pensar sua ação resistiva em conjunto com ideais normativos do meio social e da sua própria existência vestimentada *queer* dentro dos espaços.

Assim como a relação da roupa com o corpo, o corpo e a violência são compreendidos neste trabalho, indissociavelmente, pois é a partir dessa interligação que se configuram os processos que colocam xs sujeitxs pesquisadxs em risco iminente. A roupa diária que cobre seu corpo não está livre de sofrer as violências que acabam por se tornar parte desse processo de vigilância e julgamento. Portanto, pensar tais corpos é não romantizar suas vivências e dizer que essas violências perduram e, mais do que tudo, elas operam na lógica de eliminação ao que, na nossa perspectiva, compreendemos enquanto experiências de suas expressões adornadas.

Imagem 09: Farpas que secam as minhas dores e plantam as minhas cores



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

As máquinas de guerra em que seus corpos e adornos estão postos a confrontar, serão abordadas mais a frente desse trabalho, exemplificando que, por exemplo, suas vestes enquanto armaduras além defenderem seus corpos também os expõem. É a partir desses choques embativos que objetivamos dimensionar tais aspectos envolventes das estéticas dos seus respectivos confrontos diários.

A esse debate sobre violência, buscamos questionar de que modo ou em que medida seus corpos adornados sofrem violência e que violências são essas suscitadas? Nesse sentido, trazemos para a discussão também os modos que xs colocam num lugar tão amado a ponto de serem reverenciadxs e, ao mesmo tempo, alvos fáceis de violência.

Por serem esse símbolo de resistência na região, a vibração de suas vestes estonteantes perpassa sobre esse lugar da violência, nos dizendo que:

Os atos de violência diminuiram mais porque eu passei a berrar, a gritar. Tinha vontade até de jogar pedra. Alguns passavam por mim e não falavam nada, só esperando eu chegar bem na frente pra começar a gritar de tudo quanto era nome só porque eles achavam que eu não me vestia bem. Falta união. Não tem muito isso, a gente nem é vista como gente. Aqueles que me conhecem já sabem, mas eu acordo todos os dias e faço minhas tarefas. A cidade sempre foi assim. Mas se a gente não se coloca, as pessoas querem montar em cima e pra quem já sofre a discriminação, fica mais difícil. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

São Félix, eu digo sempre, é uma cidade boa, maravilhosa, é um presépio, eu amo a cidade que eu nasci, o que eu me chateio e hoje eu vivo chateado com as pessoas que pela minha mudança, transformação, elas não querem respeitar. Mas eu digo a você, eu trabalhei mais de dez anos de frentista na cidade e o ser humano tem que amar o outro e respeitar. Quando trabalhava de frentista eu usava o macacão, bem homem, não podia fazer essas extravagâncias. Hoje mesmo eu já me chateei, vou falar. E eu não entendo porque as pessoas não respeitam o outro. Eu agradeço a Deus todos os dias, esse mundo de mistério, porque eu tô vivo até hoje, fiz cinco cirurgias, fiquei internado. O pior é povo de religiões de denominações cristãs, que tem a discriminação dentro da própria igreja, como eu já passei várias vezes no modo de vestir, pela minha “opção” sexual. Tem muita gente que gosta de mim, mas tem essas pessoas que me chateiam. Vou falar a verdade pra você, eu tenho uma coisa assim em

mim, eu amo as duas cidades [São Félix e Cachoeira], mas não me dou em cidade pequena. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

As falas, que abrem esse diálogo na perspectiva de compreensão das violências e resistências de seus corpos adornados são tomadas dentro dessa dimensão ativista que xs mesmxs possibilitam em suas aparições. De maneira alguma, buscamos separar ou construir um grau de violência entre a violência simbólica e a física, pois violência é violência. Pretendemos apontar na pesquisa para uma questão que envolve os processos de reiteração ao qual não é permitido ao corpo adornado *queer* sua livre expressão. Segundo Jota Mombaça:

Todas essas formas de violência e brutalização são de fato parte de um design global, que visa definir o que significa ser violento, quem tem o poder para sê-lo, e contra que tipos de corpos a violência pode ser exercida sem prejuízo à normalidade social. No marco desse design global, a violência é gerida para ser mortal para muitos e lucrativa e/ou prazerosa para uns poucos. No marco desse design global, a violência cumpre um programa e opera em favor de um projeto de poder anexado a heteronormatividade, cissupremacia, neocolonialismo, racismo, sexismo e supremacia branca como regimes de exceção. (MOMBAÇA, 2016, p. 9).

O corpo não é algo inato, puro, estritamente biológico, são unidades em meio às diversidades étnicas, raciais, de gênero, etc. De outro modo, a violência que, porventura, ocasione a este corpo a concretização de suas marcas é dada a partir da maneira como este corpo é visto, este corpo e suas vestimentas. Reafirmando, portanto, a importância da roupa como armadura que o adorna.

Na medida em que caminhamos nesta pesquisa, as relações estabelecidas entre suas vestes e existências enquanto sujeitos dotados de sensibilidade, percebemos a constituição de um processo de armação do corpo, a partir das vestimentas. É quando, também, despontamos as questões que levam seus corpos adornados a uma espécie de minação ao que representam socialmente.

Imagem 10: Tremidas poéticas de um caminhar que incomoda.



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Esse descompasso na maneira como são vistos no ambiente, reveste essa tal abjeção em ferramentas poderosas de confronto ou mesmo como elementos de perturbação da ordem. “Enquanto a violência dos opressores faz dos oprimidos homens proibidos de *ser*, a resposta destes à violência daqueles se encontra infundida do anseio de busca do direito de *ser*” (FREIRE, 1987, p. 24). Com isso, abordar uma dimensão de violência que também é infringida pelas roupas que Babado e Amor utilizam, é poder compreender as dinâmicas reveladoras de produção e exclusão do sujeito.

Esses espaços os atingem, enquanto LGBTQ+, negrxs, e assim como demais minorias, demonstram o constante perigo que rondam seus corpos, seus adornos, trejeitos e formas de existir. A esse respeito, compreendemos a violência desse corpo sinalizada por diversos estigmas. O autor Erving Goffman (2008) ao apresentar o termo estigma já o faz referindo-se ao modo como aquilo tido como extraordinário ou mau, já poderia acarretar ao indivíduo o seu *status* abjeto.

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida: Construimos uma teoria do estigma; uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças, tais como as de classe social. Utilizamos termos específicos de estigma como aleijado, bastardo, retardado, em nosso discurso diário como fonte de metáfora e representação, de maneira característica, sem pensar no seu significado original. (GOFFMAN, 2008, p. 15).

No desenvolvimento do conceito de estigma, o próprio autor afirma que “o problema já não é saber se uma pessoa tem experiência com seu próprio estigma, porque ela a tem, mas sim saber quantas são as variedades dessa experiência” (GOFFMAN, 2008, p. 140). É entender, por exemplo, que toda essa purpurina emanada pelos desejos que projetam em suas vestes receberá os bombardeios que xs infringem em determinados graus e em determinadas circunstâncias.

E assim as representações presentes nesse jogo vestimentado, provocadas por Pai Amor e Tikal Babado vão sendo observadas pela sociedade no sentido de implicarem uma falha sobre esse verdadeiro objeto ao qual deve seguir os gêneros, suas performances e vestimentas. Em ambos os casos, o estigma reforça o peso que seus corpos adornados desempenham socialmente e imputam sobre Tikal e Amor certa fabricação caricata de suas vivências.

Eu me sinto assim: a gente já sente desde criança que somos diferentes. Tive que lutar muito. Tem pessoas que me respeitam hoje. No candomblé, eu faço minhas obrigações e sou respeitado. Agradeço também pelo pessoa da faculdade que gravou comigo o documentário,

me ajudou a ganhar respeito. Todo mundo me viu. Me filmaram. Isso é muito bom. Nem sempre foi assim, até hoje ainda acontece de pessoas me xingarem, falarem de mim. Eu dou risada. Prefiro ser essa pessoa alegre sempre. Mas o tempo todo tem sempre alguém, até mesmo aqueles que me conhecem, que fazem alguma piadinha, xurria, essas coisas pra colocar a gente pra baixo. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/02/2019).

O que me dói mesmo é a discriminação, é não aceitar eu como eu, como eu sou ou me visto. O meu direito de vir e de ir, o meu direito de escolha. As pessoas, não sei o porquê, fazem essa perseguição comigo. Isso não tem muita explicação, porque não vai parar por aí. Porque o pessoal não procura respeitar o outro. Mas eu tenho consciência que isso é da cidade, aqui a mente é pequena, não evolui. Falam que é brincadeira. Eles acham que é passageiro, que vou mudar algum dia, mas eu gosto de ser assim. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

Salientamos as entrevistas imbricadas neste trabalho, no sentido de potencializar as percepções e sentidos a partir desse panorama de desigualdade lançado sobre suas fascinantes vestimentas. Intentamos buscar nas entrevistas esse resgate às violências impetradas, que não foram constituídas da noite para o dia, mas que fazem parte de uma estrutura macro ao que lhes designaram na maneira como xs diferenciam, como o correto para se adornar socialmente. Mais uma vez, reafirmamos a potencialidades das imagens de Babado e Amor, que em momentos oportunos entrecruzam este trabalho e ao qual assumimos enquanto estética nesse processo de produção, distribuição e inserção.

Potencialmente abordada nas entrevistas, Tikal Babado e Pai Amor são pessoas que carregam consigo as marcas culturais, as histórias de vida permeadas por diversos processos de violência epistêmica, provações, *xurrias* e também de vitórias, desejos e sonhos dentro de um projeto político de sociedade que não pensa em outra coisa senão violentar. Para onde vão sendo configuradas as formas com as quais se adornam? De que modo as violências são suscitadas? Podemos, portanto, estabelecer uma relação que, de algum modo, mede a forma como as violências são investidas sobre seus corpos vestimentados? Prossigamos nesse debate, estabelecendo sempre uma relação de resgate as suas existências diante das produtividades desviantes as quais lhes foram apontadas nas suas constituições enquanto sujeitxs sociais sensíveis.

2.1.1 A potência do corpo político

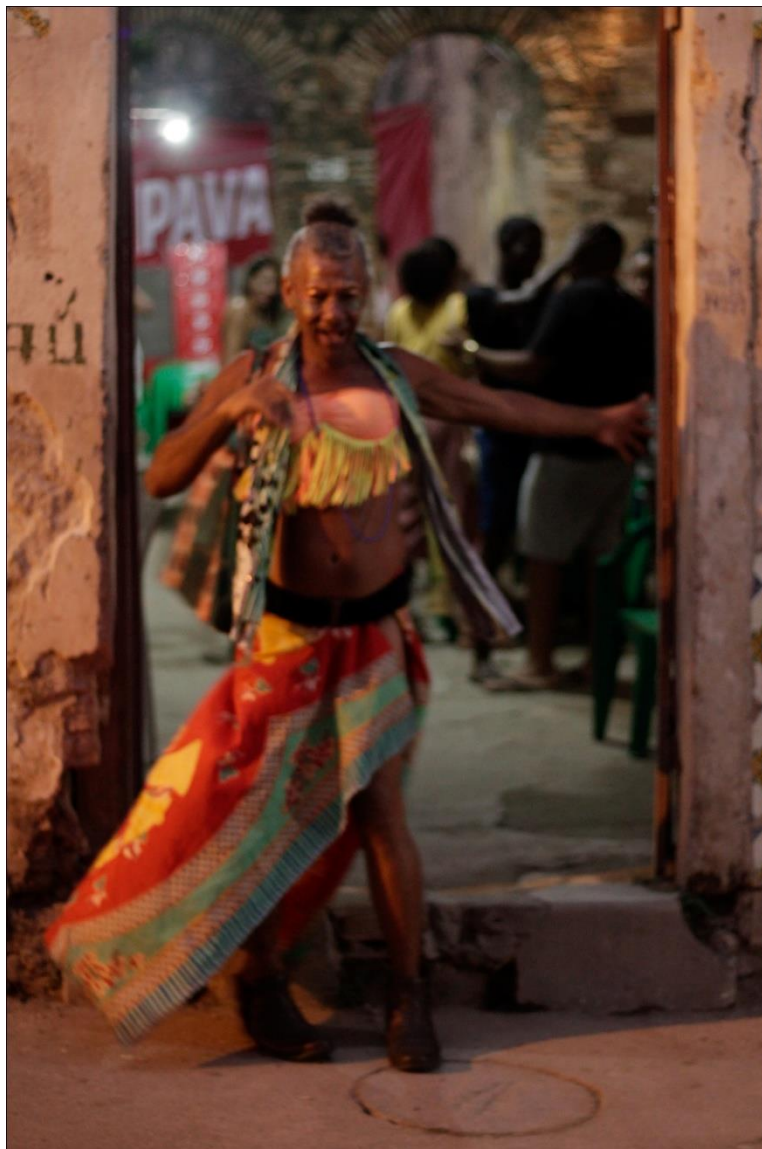
Dentro dessa proposta, evidenciamos a força da expressão das roupas na contribuição sensível do sujeito *queer* e em sua potencialidade enquanto ferramenta de composição. A partir de tais questões, norteadoras nesse debate teórico e prático, destacam-se as potencialidades desconstrutivas e, ao mesmo tempo, destrutivas dos parâmetros ditos como ideais da expressão de gênero e sexualidade na *composição da aparência*, dentro de um campo em que seus corpos adornados são trazidos no debate da sensibilidade comunicacional.

Em seu aspecto midiático, elevamos as suas vestes no objetivo de pensá-las não como fantasias, mas sim como (re)configuradoras dos padrões que insistem em negar seus lugares. Assim, a destruição enquanto categoria de potencialização de seus corpos adornados é projetada para questionar o que, por ventura, incutem determinadas regras “eficazes” do vestir.

Com isso, denominamos a potência do sujeito político, marcado na memória e no imaginário social, como forma de refletir sobre estratégias de enfrentamento. A partir dessa lógica, a eficiência com que esses elementos resistivos operam, no sentido social e comunicacional, revela que devemos sair dessa superficialidade em que apenas pensamos em algo que seja meramente de uso feminino (como a cor rosa, por exemplo) ou masculino, mas que possamos apontar os aspectos com que Pai Amor e Tikal Babado são rechaçados pelos modos como se vestem.

A partir dessa estranheza em que se envolvem as questões pertinentes a visibilidade provocada pelos seus adornos, não tratamos de apresentar ou apontar aquilo que seja “naturalmente” de menino ou de menina envolvido sobre seus corpos, e sim de despontarmos sobre a construção de uma práxis insurgente que vibre a potencialização das formas como se adornam, ainda que este impulsionamento seja um desafio. Assim, as construções de suas próprias trajetórias baseiam-se em observar como a classificação binária é rompida por ditas inadequações ao que se classifica como adequado ao corpo moldar.

Imagem 11: Nossa mente é um mistério e o nosso corpo uma máquina



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Logo em suas “palavras iniciais”, somos tomados por Paulo Freire, ao nos sensibilizar sobre o processo libertador da conscientização, que possibilita ao sujeito histórico adentrar no que ele chama de inscrever suas buscas por reconhecimento e afirmação (FREIRE, 1987, p. 12). O que tentamos resgatar, aqui, é justamente esse papel do sujeito na transformação e transgressão das formas que nos são dadas inevitavelmente, articulando dentro dessa estrutura segmentada e enviesada ao qual xs sujeitxs aqui escapam, no sentido de afirmar a sua posição *queer* e/ou a tudo aquilo que

implique certo estranhamento. É possível, sim, compreender tais pedagogias enquanto práticas que precisam sensibilizar.

A instauração de uma situação violenta como bem nos lembra Paulo Freire (1987), deve-se a proibição do sujeito na sua busca, por exemplo, pelas formas com as quais interagirá com as roupas e estas com o social, na busca pelo reconhecimento de si. Assim, quando nos deparamos com os atos de violência e negação à existência de seus adornos, vibrados pelas estonteantes formas, cores e texturas, estamos precisamente preocupados em dar lugar ao que é visto como diferente a partir das estratégias políticas de resistência.

Todas essas texturas, cores e formas que envolvem seus corpos dizem muito sobre esse lugar em que as vestes ocupam enquanto vetor de sentido e aporte midiático, para adentrar, também, sobre um posicionamento revelador das questões sociais dos seus corpos, que expressam suas demandas e abrem-se para um diálogo político ao qual estão inseridxs. Vejamos as falas e comentários:

As pessoas passam e muitas nem ligam, mas machuca mesmo aquelas pessoas que vem com agressão, querem xingar, mexer comigo. Passam falando de mim. Não entendem que eu me visto assim porque eu gosto de usar. Já chegaram, uma vez, me agredindo. Me chamando de louco e tudo quanto é nome. Viadinho, mulherzinha, passam dizendo que eu quero ser mulher. Esse sou eu, como gosto de ser. Queiram ou eles não queiram é assim que eu sou. Tem muita violência por aí [...] a gente toma muito cuidado porque somos alvo dessas pessoas preconceituosas. Eu procuro seguir minha vida, a religião e deixar essas pessoas pagarem pelo próprio preconceito. Machuca bastante, mas a gente tem que procurar se defender. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/02/2019).

Oxe. É as pessoas mexerem comigo todo dia. Todo dia eu enfrento essa discriminação. Tem pessoas que passam falam comigo, mas tem aqueles que fazem xurria; quando eu me reto eu pego a garrafa. Dói o lado brutal dessa violência que vem em cima, pra bater, como já aconteceu comigo. Eu dou um pau na cara. A palavra já me fere. Se dessem um pau não feria como uma palavra. A palavra fere antes, palavra é forte [...] O próprio meio das bixas diz: mas você não tem buceta. Ele [Tikal] quer ser mulher apusso. Aí outra coisa, Deus me deu o dom de vidência, depois que Bolsonaro ganhou, que tinha um grupinho aqui que queria me matar, me matar, e disseram que só iam deixar uma [bicha] na cidade. O pessoal tem mais ódio de mim porque eu fecho demais. Se eu tivesse “normal”, a cidade ia ver o que é

fechar, fazer como [eu] faz, botar um fio dental e sai de fio dental na rua. Uma vez, aí só porque uma vez eu mostrei a calcinha, o povo me arrasou. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

As suas falas nos mostram como a violência física ao corpo negro está tão naturalizada, a ponto de tomarem a palavra, ou como dizem a *xurria*, como uma violência que chega antes ao seu corpo. Tomamos a preocupação sempre de pensar seus corpos pelo viés da raça e de como a violência investida sobre suas peles já lhes é dada. E ainda que esta violência da palavra xs atinjam, não podemos esquecer que tal violência se concretiza com ameaças, ameaças que podem ocorrer aos seus corpos e modos de vestir.

É desse modo que despertamos os seus desejos e novamente afirmamos os seus corpos e vestimentas como agentes transformadores. Abre-se um caminho poético que vibra pelas formas através dos quais seus ativismos, revelados pelos seus adornos, constroem enquanto política emergente de luta ao que lhes são incutidxs enquanto processo de violência estrutural. Assim, Freire aponta:

Como poderiam os oprimidos dar início a violência, se eles são o resultado de uma violência? Como poderiam ser os promotores de algo que, ao instaurar-se objetivamente, os constitui? Não haveria oprimidos, se não houvesse uma relação de violência que os conforma como violentados, numa situação objetiva de opressão. Inauguram a violência os que oprimem, os que exploram, os que não se reconhecem nos outros; não os oprimidos, os explorados, os que não são reconhecidos pelos que os oprimem como *outro*. (FREIRE, 1987, p. 23)

A partir desse cenário atual de violências acarretadas contra LGBTQ+, de modo geral, é que salientamos esse campo de discussão com Paulo Freire, com suas pedagogias emergentes. São corpos potentes, pois se relacionam, desde cedo, com esse processo violento aos quais seus corpos já foram e são submetidos, lhes dizendo o que é permitido ou não.

Aqui na cidade de Cachoeira como eu já falei, já passei por diversas situações, que me machucam, mas se a gente não tem o gênio forte, a gente acaba ficando abalado com tudo. O preconceito existe em todo lugar. Já sofri em diversos lugares. Não sei se é mais por que aqui eu assumi mesmo as roupas que eu visto. Gosto de me vestir bem feminina. Às vezes até coloco um colar, uma maquiagem pra sair na rua. Mas a gente sente desde criança essa coisa dentro da gente que quer sair, se libertar. Mas desde a infância eu sinto que não tem lugar pra quem é gay, travesti. Sempre dizem pra gente não fazer isso, não fazer aquilo e a gente acaba obedecendo pra não sofrer. As próprias crianças já aprendem a discriminar quem é gay (...) e ainda dizem que porque eu fiquei louco que eu comecei a usar essas roupas. “Depois de velho quer ser mulher, já passou da época”, assim dizem pra mim. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/02/2019).

São Félix, por ser uma cidade pequena, as pessoas tem a mente fechada. Assim, nunca aceitaram o diferente, mas eu sempre lutei, briguei pelos meus direitos. Já começa a briga dentro da família, quando criança. Mas eu sempre segurei meu pepino, sempre soube me defender. É assim com a família desde criança. A gente sabe que não é fácil, mas desde criança eu sempre tive isso em mim. Antes todo mundo me recriminava, hoje eu vivo livre, nesse mundão de mistério. Eu mesmo tava descendo ali agora e dois pais de família falou assim pra mim: você não era assim não! Você era um homem, pegou muita mulher. Aí vem a vontade da baixaria, eu digo: eu mudei, (...) aí a gente segura a onda por causa da idade, né? Mas cobram todo dia isso de mim, aí cada dia eu fico mais feminino dentro de mim. A minha vontade é a cada dia ficar mais feminino, sabe por quê? Eu gosto de extravazar o que ta dentro de mim, não como eu vejo muitos aqui que sofre e que vai chegar num partido espiritual e não se realizou. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

As suas falas enriquecem o discurso do estranhamento ao dizer que querem cada vez mais, cada dia mais vestir-se de forma dita feminina. Mesmo que haja cobranças de todos os lados e ameaças pelos modos como autoplasmam seus corpos, o desejo pelos quais instituem a polêmica e a extravagância, produz algo maior, que é justamente a ampliação e constituição de suas dissidências adornadas.

Evidenciamos a infância, por acreditar que as violências impetradas aos seus corpos adornados não são apenas sentidas na fase adulta, mas que as operacionalizações desse discurso midiático sobre a roupa transitam por um crivo desde antes do nascimento. Tais marcadores sociais, como as formas de andar, falar, vestir, são construções ainda muito presentes no cotidiano e talvez sejam uma das formas possíveis de se pensar em práticas de sensibilização quanto à noção de violência que rodeia os

espaços. Pois, desde muito cedo, já se aprende o que é correto e o que não é, assim constrói-se no sujeito dito indesejável uma forte culpa.

Essa, por demais, constitui mais uma violência, àquela relacionada a incitar o medo e inspirar no estranho uma eterna negação. O interessante é pensar que seus corpos sabem o que querem, sabem como querem se vestir, mesmo que não corresponda aos desejos dos ditos “normais” e que acabam por gerar contra-respostas no sentido de tentar provar ou desacreditar na força política de seus manifestos adornados.

Tava falando com umas amigas hoje, gay em Cachoeira não têm mais, são travestis. Porque cada vez mais a gente ta querendo aparecer, e botar uma coisa mais feminina. Tem gente que diz que isso é viadagem. Viadagem porque não ta no nosso mundo pra saber que é a gente mulher. Nasceu no corpo errado. Se você sabe o que você queria tirar do seu corpo, você sabe o que botar. É o tempo todo falando em viadagem, deve ser porque não tem a coragem de se assumir como eu tenho. E cada dia eu vou colocar roupa mais feminina. Quando eu to com vontade eu boto um colar, uma maquiagem e saio. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Tentam dizer o tempo todo pra que eu mude. Eu não vou mudar. Saio abalando, fecho mesmo. Dizendo que o que eu faço não é certo, mas a gente vai levando. Ninguém vai dizer hoje pra mim o que eu faço. Eu sou assim. Ficam tentando me colocar pra baixo, mas eu tenho um Deus maravilhoso, esse Deus de mistério. Não vou me abalar. Sou isso aqui e acabou, quem quiser que goste ou não. E outra, não vou aceitar discriminação, já cheguei nos meus 58 anos, sou deficiente, e as pessoas tem que saber respeitar, mesmo que não aceite meu jeito. Falam, mas não estão na minha pele. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019).

É assim que pretendemos potencializar suas formas, trazendo-as para um discurso que esteja disposto a encontrar e celebrar os seus desejos sensíveis no modo como se adornam e não ignorá-los em sua atuação política. Trazemos um fazer das suas sensibilidades adornadas pensando “a política como necessidade vital no cotidiano” (BHABHA, 1998, p. 37). E mais, a política de suas vestes como potência vital do estranhamento em que (re)surgem enquanto categoria de sujeitxs possíveis.

2.1.2 Os processos de resistência

Os processos de resistência permitidos pelo revestimento de seus adornos são essa força que invocamos aqui enquanto *roupa-armadura*. Pensada por um viés político que impulsiona a perversão e anormalidade enquanto produtivas de representações não-normativas. Por isso, ainda que avistemos seus gostos desviantes “passeando” entre os diversos contextos, quem disse que é fácil vestir-se como Tikal Babado ou Pai Amor?

Imagem 12: A armadura *queer*



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

“Agressão? Já aconteceram várias, continuam acontecendo e vão acontecer sempre. Mas eu dizer que se eu saio gritando hoje por esse motivo eu não vivo e acabo agindo do mesmo jeito que eles, com agressão” (PAI AMOR, 2018). Podemos notar que existe, de algum modo, uma violência que mata esse corpo pelas vestes que xs cobrem? Ainda que seja um questionamento inicial, mas pertinente ao trabalhado aqui, propomos pensar em mecanismos que, ao mesmo tempo em que apontem a transgressão ao corpo dito desobediente em sua ornamentação, a partir dessas normalizações

apostadas por uma concepção do que deve ou não ser o certo, também sejam encontradas em seus corpos adornados modos de resistirem.

Podemos, então, afirmar que o limiar dessa violência ao qual são impetrados se efetiva por conta da aparência e o seu próprio ato de resistência é dado também pela aparência. A aparência, portanto, é observada como eixo central dessa discussão entre violência e resistência.

Como estamos compreendendo a vestimenta enquanto causa e efeito, também, sobre o aspecto de violência, precisamos evidenciar que o espaço da rua é onde, em boa parte, essas violências se manifestam. A rua como espaço perverso. Ela, sendo assim, torna-se esse lugar onde Tikal Babado e Pai Amor com as suas vestes apresentam seus modos de ser e existência; atentando-se para uma dimensão que esteja para além daquilo que esteja apenas cobrindo seus corpos e virando nossos olhos numa imersão em que seus desejos e lutas podem nos dizer e provocar enquanto sensibilidades.

Sempre vai ter aquelas pessoas que querem agredir, com ódio, rancor. Eu passo por diversas situações todos os dias, já foi até pior. Muita gente que me conhece dizia pra eu não revidar, o bom é que tem pessoas que me conhecem e não deixam fazer nenhuma besteira, mas quando sobe a raiva. Mas é isso aí, todo dia alguém falando alguma coisa. Muitas vezes eu nem ligo, já acostumei, mas o ruim é quando vem com agressão. Isso machuca. Não dá pra entender porque as pessoas sentem ódio só porque eu me visto assim. Acham que é brincadeira, mas não sabem que eu uso meus vestidos porque eu quero usar. É difícil toda essa situação com a gente, mas difícil ainda é não revidar toda essa violência, só porque querem que eu me vista do mesmo jeito que os outros. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/02/2019).

Todo dia é a mesma coisa. Tem dia que me enraivo, mas eu sigo. É xurria. Mas eu já me conscientizei que é: as pessoas falam assim comigo: “não brigue, não ligue” (...). Eu sou uma pessoa esquentada, temperamental. Eu era “normal”, hoje tenho trauma, por conta da cirurgia. Eu vou em cima como me chateiam, tem gente que não dá o respeito. Eu ando por mistério, vivo por mistério. Mas eu digo que eu sou feliz, por que eu ando, quando eu passo me chamam de capenga. E eu sou assim: às vezes sou ignorante, baixo astral, aí eu faço logo a baixaria, xingo, esculhambo, mas tem dias que não ouço, vou relevando, me educando, mas o sistema do local vai fazendo a gente violento, ignorante. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

Aqui, podemos observar que há um duplo jogo no que se refere ao aspecto de violência. Se de um lado há uma compreensão de seus corpos adornados enquanto desobedientes das normas ditas adequadas de aparição, há, conseqüentemente, uma violência impetrada que demarca essa desigualdade quando tratamos de falar sobre como a violência e suas marcas são distribuídas socialmente e de como esse desequilíbrio mantêm-se inalterado. É fortemente presente em suas falas a reiteração de uma violência, que aqui observamos de forma unilateral, em que seus corpos vão estar sempre perdendo.

Imagem 13: Armaram uma cocó, mas o babado já estava armado



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Essas resistências diárias apontam-nos para um problema de ordem urgente e que violenta seus corpos e adornos. Esse diálogo que se intensifica sobre o corpo que

destoa é apresentado em nossa análise, no intuito de resgatar essas humanidades não recuperadas, que estão sendo abordadas de acordo com os aspectos estéticos-políticos de suas vestes. É sobre esse descer sobre um arco-íris, causando a ruptura e o incômodo, que percorremos um significativo enfrentamento em torno da recusa em reproduzir os receptáculos das normas sociais.

Eu digo a você (...) chamar a polícia ou dá uma queixa não adianta, eles são mais miseráveis ainda do que os ignorantes que nos agride, eu e as outras pessoas. Eu sinto vontade de matar. Porque o seu espaço começa quando o meu termina e o meu espaço começa quando o seu termina, então ninguém deve entrar. É como uma casa, você não deve entrar na porta da outra pessoa sem ser convidado. E na nossa vida somos nós quem mandamos, ou só alguém que está com a gente que deve opinar, sobre nossa roupa, que tem o direito de opinar, desde que a gente assumiu um trabalho, um esporte e uma religião. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Eu não pretendo abandonar esse meu modo de ser. Antes quando me vestia de “homem”, eu me sentia preso. Hoje eu tenho liberdade. A gente briga e tudo, mas a violência vai continuar aí. É como você [eu] ta vendo, eu me visto assim e vou continuar. Não quero ser mais como antes, vivendo uma pessoa que não era eu. A sociedade só quer discriminar, fazer com que todos sejam iguais. O bom é essa diferença, a diversidade. Como tem muitas pessoas aí, que podem mudar, tem esse mistério que tem no mundo. Isso tudo é um mistério. Mas vai da boa vontade de cada um mudar e seguir sua vida (...) Eu vou usar o que me faz bem, botando roupa mais feminina todo dia e ai de quem me disser um ‘ai’. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

Chegamos neste momento numa aposta de Jota Mombaça, para pensarmos sobre esses corpos insurgentes. Numa busca que seja, em alguma medida, um modo de transformação dessa violência que os corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor enfrentam em algo que xs tornem relevantes, sem deixar de produzir os choques que constantemente ferem a normatividade cisheterosupremacista. Sendo assim, ao tratar sobre as diversas formas de desobediência, Jota Mombaça nos interpela sobre os modos através dos quais as violências vão sendo (re)produzidas:

Nessa chave, o monopólio da violência tem como premissa gerenciar não apenas o acesso às técnicas, máquinas e dispositivos com que se performa a violência legítima, mas também as técnicas, máquinas e dispositivos com que se escreve a violência, os limites de sua definição. Esses dois processos de controle se implicam mutuamente e dão forma a uma guerra permanente contra as imaginações visionárias e divergentes – isto é: contra a habilidade de pressentir, no cativo, que aparência têm os mundos em que os cativos já não nos comprimem. (MOMBAÇA, 2016, p. 5).

Esses cativos, nas palavras de Jota Mombaça, são como espécies de mordanças focadas em atingir uns e livrar outros. Segundo ele, a “violência é socialmente distribuída [...], parte de um projeto de mundo, de uma política de extermínio e normalização” (MOMBAÇA, 2016, p. 10). E, se a violência possui essa caracterização muito bem conhecida sobre as identidades ditas pervertidas, ainda podemos chamar atenção ao que, possivelmente, transformaria essa violência em algo de uso resistivo ou em algum modo de vida para além do ódio e da violência?

Nem sei dizer se dá pra transformar isso em coisa boa. A gente que tá na pele que sente o preconceito, o preconceito com a cor, como eu me visto. Falta mais amor nas pessoas. Eles não são nem melhores nem piores que eu. Só porque eu escolhi ser assim não justifica as pessoas tratarem com tanta violência. Eu quero cumprir minha caminhada, mas infelizmente o ser humano tem esse desejo de falar do outro, de recriminar. Falam do jeito que eu me visto, mas ninguém se olha no espelho e vê seus erros. Por isso que nem ligo quando dizem que eu to mal vestida, eu gosto de me sentir bem. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/02/2019).

Rapaz ... eu acho que duas coisas que faltam do mundo que eu tenho consciência, até porque na proporção que estamos vivendo a tendência é piorar, está faltando no ser humano paz e luz. Eu vejo falta disso. Por que quando o ser humano discrimina o outro, pisa porque se veste assim, tem sua opção, é falta de luz. Graças a esse dom de vidência, aqui, muitos homossexuais que já foram [morreram] e conversam comigo e dizem a mim: não seja besta, seja forte, não abaixe sua cabeça, meta uma garrafa. O pessoal fala que eu vou pro inferno, que não vou pro céu, mas que céu é esse? Se as pessoas não estão preparadas espiritualmente, discriminam o outro. Mas o criador é tão bom, que deu o direito de escolha, o livre-arbítrio, pra que eu pudesse me vestir desse jeito. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

Em toda a investigação exposta até o momento, não pudemos deixar de levantar não somente as questões envolvendo sexualidades e gêneros não-normativos, mas também não esquecer de racializar tais aspectos, inclusive no que consiste as formas e produções de violência. A gradação que envolve as sensibilidades adornadas de Babado e Amor não esconde a sua primeira pele. É preciso dizer que as suas vivências enquanto corpos negros são mergulhadas nesse universo de invisibilidade, caricatura e tudo aquilo que evidenciamos enquanto projeto racista e violento com seus desejos e que tornaram-se resquícios de uma branquitude colonizadora. Ao que nessa medida, podemos trazer a concepção em que, historicamente, “os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado” (BHABHA, 1998, p. 73).

Mas é precisamente nessas banalidades que o estranho se movimenta, quando a violência de uma sociedade racializada se volta de modo mais resistente para os detalhes da vida: onde você pode ou não se sentar, como você pode ou não viver, o que você pode ao não aprender, quem você pode ou não amar. (BHABHA, 1998, p. 37).

O aprendizado, em nossa cultura, sobre como devemos nos vestir é sempre pensado sobre um viés que não permite ao sujeito poder transformar. Quando há esse tipo de transformação, logo dá-se um “jeitinho” de (re)encaixar o corpo de volta ao que possivelmente o tornaria norma. Esse processo nos revela uma maneira de violentar sem dizer que está violentando, pois é compreendido que se vestir dentro desses parâmetros ditos adequados, de acordo com o gênero designado e construído socialmente, é o corretamente inato ao ser. Obedecer? Não. Desobedecer.

A resistência desenvolvida neste trabalho político busca não essencializar, assim como outras problematizações, o corpo e seus adornos, mas evidenciar as potencialidades que seus corpos e adornos constroem enquanto descumprimento ao que foi implementado sobre binarismos, normatividades, etc. Não obstante, é tornar as direções de seus corpos adornados pertencentes a uma categoria que assume as suas diferentes e plurais formas vestimentares, ao mesmo tempo que, “contesta efetiva e

ativamente as categorias do sexo, ou, ao menos, não concorda com os pressupostos e objetivos normativos desse conjunto de categorias” (BUTLER, 2003, p. 176).

Seguindo nesta linha de defesa sobre o processo de resistência, podemos pensar juntos com o que disse Michel Foucault em que “a sexualidade, tornando-se assim um objeto de preocupação, como alvo de vigilância e de controle, [...] a revolta do corpo sexual é o contrafeito dessa ofensiva” e que propõem ao sujeito, muitas vezes, uma luta contra si ou com aquilo que dizem para ser (FOUCAULT, 2013, p. 236). Vejamos nas falas dxs entrevistadxs:

Eu vi dois gays andando de mãos dadas, me cumprimentaram e deram risada. Eu fiquei assustado assim: eu fazia assim com meu namorado quando eu cheguei aqui, mas a taxação em cima dele foi tão grande que a gente teve que se separar. As pessoas aqui são muito ignorantes. Tem família que prefere um ladrão, um assassino, mas um gay eles não querem. Dizem: “Prefiro meu filho ladrão, do que viado”. Isso machuca. Sou muito julgado e fui muito julgado, até hoje, pela maneira como me visto e aparento. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

O povo me acha diferente, mas é uma coisa que eu gosto de fazer, que eu me sinto bem e às vezes incomoda muita gente, como a pessoa disse a mim: “ah! A cidade não comporta isso”. Não entendo como assim? Se sou eu, o jeito que eu gosto de me vestir, de sair na rua, vou na minha igreja, vou no candomblé. Mas eu digo assim: não tem nada a ver, isso é uma mente mal trabalhada. Cada um é diferente, temos escolhas diferentes, personalidades diferentes. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

Observamos em alguns momentos de suas falas a própria homofobia internalizada entre a população LGBTQ+, por exemplo. Tanto em Pai Amor quanto em Tikal há, de algum modo, uma queixa com relação à própria comunidade não receber muito bem o modo como se vestem, se comportam, etc. Isso nos revela de que a ferida da violência não tem que ser cessada apenas de dentro pra fora, mas o seu movimento reverso também precisa ser levado em pauta.

Seguindo esse pensamento, retomamos as falas de Goffman (2008) referindo-se as próprias características tidas como desviantes dentro de um mesmo grupo:

Ele poderia ser chamado de *desviante intragrupal* para recordar que se desvia de um grupo concreto e não só de normas, e que sua inclusão intensiva, embora ambivalente, no grupo o distingue de outro tipo conhecido de destoante – o isolado do grupo que está, constantemente, em situações sociais com o grupo mas que não faz parte dele. (Quando o desviante intragrupal é atacado por estranhos, o grupo pode correr em sua ajuda; quando o isolado do grupo é atacado, o mais provável é que tenhas que lutar sozinho.). (GOFFMAN, 2008, p. 152-153, grifo do autor).

E é aí que não podemos pensar que essas formas de violentar operam de forma sutil, é importante ter a consciência que dentro das leis que operam as funcionalidades atribuídas aos corpos conjuntamente com suas vestimentas, os adornos, portanto, funcionam como primeira arma de educação. Para que, assim, nossa sociedade não veja xs pervetidxs, mas se xs virem que xs façam pagar pelo preço, onde este preço parte de uma brutal exclusão pela simples forma como se distinguem daqueles/as ditos/as coerentes.

Desse modo, desenvolvemos o conceito de *armadura queer* no intuito de potencializar as forças que operam sobre os modos como se vestem. A *armadura queer* funciona, de forma simbólica, para entendermos que mesmo as violências sendo operadas sobre seus corpos adornados, surgem, do mesmo modo, a resistência e a luta nesse campo de batalha sobre seus modos de vestir enquanto ação de seus próprios corpos.

Como princípio neste trabalho, arriscamos profanar o conceito de *armadura*. Este conceito que trás em seu significado um ideal branco e de masculinidade é resgatado num trabalho que pensa os estranhamentos em que as vestes dxs sujeitxs pesquisadxs aparecem e as resistências que a sua experiência *queer* vestimentada proporciona. Essa *armadura*, que antes tinha um significado hegemônico, é trazida com intuito de potencializar xs sujeitxs marcadxs pelas interseccionalidades de seus corpos. Propomos também pensar a roupa enquanto *armadura*, e esta, por sua vez, como proteção as investidas normativas sobre seus corpos adornados.

Imagem 14: Me gritaram viado, eu gritei Amor.



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Ainda que seja uma proposta arriscada, a profanação do conceito em outro ideal parte, assim, da vontade de libertação. Além de tudo isso, pensar suas vestes como armaduras é poder adentrar em uma nova política de conhecimento onde há uma prática resistiva e emergente sobre os modos como enfrentam a sociedade com suas roupas.

As resistências funcionam não só pelo modo como impetram suas armaduras e chamam pro combate, mas trata-se, também, de um afastamento de uma dita masculinidade imposta. Seus corpos, que antes eram adornados para corresponder a um lócus de virilidade e obediência sobre seu gênero (e sexo) designado, é agora afastado desse conceito pela forma como a plasticidade de seus modos de adornar se entrelaçam aos seus trejeitos e corpos numa marcha incansável de desobediência.

Se não pudermos ser violentas, nossas comunidades estarão fadadas ao assalto reiterado de nossas forças, saúdes, liberdades e potências. Se não pudermos ser violentas, seguiremos assombradas pela política do medo instituída como norma contra nós. Se não pudermos ser violentas, concentraremos em nossos corpos, afetos e coletividades o peso mortífero da violência normalizadora. E para aprendermos a performar nossa violência, precisaremos também ser capaz de imaginá-la, e de povoá-la com fantasias visionárias que rejeitem o modo como as coisas são e ousem conjurar, aqui e agora, uma presença que seja capaz de bater de volta em nossos agressores, matar nossos assassinos e escapar com vida para refazer o mundo. (MOMBAÇA, 2016, p.13).

Esse trecho de Jota Mombaça discute sobre um enfrentamento que precisa ser evidenciado, se quisermos pensar na sobrevivência desses corpos e suas extensões de pele. O modo de refazer suas existências e esse enfrentamento direto com àqueles que ousem amedrontar, apontar ou violentar os corpos dissidentes, é visto como uma das maneiras de defesa ao que é questionado como anormal e, não obstante, digno de uma sanção disciplinar ou, mais especificamente, vestimentar.

A armadura, nesse contexto em que se insere e debate a violência sobre o corpo adornado dito destoante, é esse conceito que discute, justamente, esse lugar, ou até mesmo esse *não-lugar* (BHABHA, 1998), de reconhecimento. É a partir das investidas provocadas pelas armaduras, que o envolvimento das vestes no corpo torna-se potente. A armadura *queer* é uma possibilidade de se pensar o corpo e suas extensões, enquanto um campo organizacionalmente pronto para o combate, a luta pela sobrevivência. É a partir desse enfrentamento que a batalha travada por seus corpos adornados se constitui enquanto armaduras potentes das margens.

Assim, nada melhor que as suas próprias armaduras investindo as resistências em cima dos entraves de uma sociedade despreparada e opressora. Atentemos as falas de Freire:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos, será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1987, p. 17).

Mensurar esta força que as vestimentas, tanto de Babado quanto de Amor nos empresta, é preparar um terreno, ou até mesmo esse campo de batalha, para dizer que o embate é cotidiano. Uma verdadeira guerrilha em que os diversos corpos e suas vestimentas enfrentam diariamente. Podendo afirmar, sem o menor receio, que é como se elxs usassem suas armaduras e dissessem, a todo o momento, como suas aparições tornam-se objeto de força e de atravessamento de barreiras diante de uma multidão fortemente armada de regras.

Podemos pensar, também, a armadura como uma arma de resistência rígida sobre o corpo dissidente (a própria arma-dura). E dentro desse campo de batalhas, guerras e combates em que suas armaduras constituem a potencialização de suas formas de resistir, afirmamos que as violências de raça, sexualidade e expressão de gênero revelam-se no mesmo instante e não de forma separada.

A luta propagada por seus corpos, diz justamente que não podemos pensar as suas dissidências de raça e de gênero ou sexualidade de forma isolada. É poder dizer que as violências acometidas sobre seus corpos e adornos, possuem forte relação e acumulação devido às interseccionalidades bem pontuadas no que se referem as suas expressões sexuais e de gênero e, principalmente, pensando sobre o conceito de raça.

Chegamos a um ponto em que pensar sobre os modos de violência que aqui destacamos e que são enfrentados pelos corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor,

nos mostram que é possível construir estratégias, sejam elas de sobrevivência ou de formas de existir. Tendo essas estratégias dentro de um caráter político de suas lutas, não deixamos de apontar o vício que ainda é muito enraizado quando nos deparamos sobre diversos modos violentos de operar o corpo e as diversas funcionalidades e estéticas que os mesmos devem cumprir. É dentro desse pensamento que propomos refletir sobre uma prática que xs tornam, em suas comunicações vertimentadas, potencialmente e sensivelmente vibrantes.

2.2 *Por uma comunicação sensível e atuante das vestes*

Como mencionamos anteriormente, nas subseções que trataram de trabalhar a potência e resistência dos corpos e os processos violentos enfrentados por estes, é que pudemos alcançar um debate que se propõe a ser sensível e competente na atuação das vestes. Tentamos, aqui, movimentar uma discussão em torno das questões que conectam seus corpos dissidentes, chamados de *queers*, com as sensibilidades provocadas pelas suas vestimentas, chamadas de *armaduras*.

Assim, julgamos pensar *queer* o *queer* torne-se a força e *queer* a sua roupa seja armadura de resistência. E, desse modo, se quisermos potencializar o discurso midiático de suas vestes, é necessário evidenciar seus enfrentamentos diante da norma imposta e, assim, pensar numa comunicação vestimentar que seja, acima de tudo, politicamente atuante. Para tanto, é importante compreendermos a percepção que suas vestes provocam e fazem sentir.

Nesse terreno investigativo, propusemos reafirmar o discurso de seus corpos adornados dentro dessa dimensão ativista, sempre com o envolvimento em que eu, pesquisador, me permito estar. Uma dimensão que me coloca diante de questionamentos caros a, também, minha existência enquanto sujeito. Investigando um terreno desafiador e provocativo no campo da moda e, sobretudo, das relações sociais, mas também compreendendo essa minha proximidade e envolvimento direto com as duas pessoas que contribuem significativamente para esta pesquisa, com Babado e com Amor.

Ao apresentarem-se como atuantes, na nossa aposta, as vestes de Tikal Babado e Pai Amor proclamam inclusive a resistência histórica a qual o ato de vestir o corpo vivenciou nos mais diversos contextos. Tornam-se, assim, a resistência política que continua desafiando as mesmas regras (ou as novas) que acusam ser errado ao corpo encobrir.

Imagem 15: No balanço do amor, os teus singelos movimentos



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Sendo assim, a roupa não cumpriria o papel apenas de cobrir o corpo, mas o faria potente na comunicação de seus desejos e sensibilidades. Pondo em prática a percepção sobre as suas vestes, tomando como ponto de partida os seus modos de sentir e percebê-las, as abordamos com intuito de evidenciar as potencialidades geridas por elas na formação de seus afetos, resistências e que dão forma a suas corporeidades dissidentes.

Dada a importância de alguns momentos históricos em que a aparência se exibiu como fator de resistência e de proclamação de certas ideias de vida, de existência (momentos como Chanel e a rejeição ao espartilho ou até mesmo a ascensão do *prêt-à-*

porter), gerimos as potencialidades necessárias na discussão que envolve a atuação sensível das vestes estranhadas de Babado e Amor. Nesse encontro possibilitamos argumentar juntamente com Maffesoli ao tratar o conceito de *pavonear* o corpo:

Assim, o corpo que se pavoneia, referindo-se a alguns exemplos sócio-antropológicos que dei, é causa e efeito de toda socialidade dinâmica. É também, como se compreenderá facilmente, a manifestação privilegiada da estética, no sentido preciso que dou a esse termo: o de experimentar junto emoções, participar do mesmo ambiente, comungar dos mesmos valores, perder-se, enfim, numa teatralidade geral, permitindo, assim, a todos esses elementos que fazem a superfície das coisas e das pessoas, fazer sentido. (MAFFESOLI, 1996, p. 163).

O pavoneamento pode ser representado aqui como o corpo que, sob a luz do Sol ou do luar, estabelece sobre certos princípios as relações necessárias para destacar as emoções de sua aparência na revelação do arranjo social e “é essa lição que se pode tirar dos adornos, ou das diversas modulações da valorização do próprio corpo; elas fundam o corpo social” (MAFFESOLI, 1996, p. 162). O fato é que a potencialização de tal argumentação propõe refletir o próprio processo que permitiu o corpo, com todos os fios coloridos (pavoneados) de suas vestes, engendrar em um novo processo de politização, dando espaço a uma desobediência direta com a normatização em que o seu corpo anormal é promulgado.

É diante desse panorama do corpo e veste do “outro” enquanto anormal, estranho e esquisito que propomos refletir sobre os aspectos que tangem às resistências que tais agentes da pesquisa têm do modo como sentem e percebem o próprio corpo e vestes, dentro de uma realidade na qual as formas de violência e apagamento estão sendo evidenciadas bem como os seus processos criativos de resistência. A celebração, portanto, das suas vestes ao mesmo tempo em que xs dizem que sim é possível torná-las formas eficazes e desejosas de vestir, as distinguem dos demais corpos vestimentados, sobretudo àqueles que se mantêm no padrão.

Imagem 16: Que brilho foi esse, viado?



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Sendo assim, “somente pela compreensão da ambivalência e do antagonismo do desejo do Outro que podemos evitar a adoção cada vez mais fácil da noção de um Outro homogeneizado, para uma política celebratória, oposicional, das margens ou minorias.” (BHABHA, 1998, p. 87). As falas de Homi Bhabha nos revelam uma demonstração vívida de que não podemos considerar os sujeitos sociais com obrigações puramente reprodutoras de normas, pois se há a norma, há também aquilo que escapa a ela e se ela escapa ao que, possivelmente, nos é designado a seguir, a sua atuação política reverbera-se (ou reveste-se) de tecidos que nos apresentam a resistência. Esse corpo adornado que não mais é o padrão; o que fazem delxs potencialmente celebratórios quando o quesito é a fechação.

Não se trata de dizer apenas que há uma negação do feminino sobre as plasticidades de seus corpos adornados, mas de compreender a moda vista como algo somente de preocupação feminina. O que acaba por gerar questionamentos indesejáveis sobre Tikal Babado e Pai Amor se referirmos aos modos como lacram, fecham e tombam com suas roupas.

Os termos como *fechação*, *bombaço*, *lacrção* e tudo mais são utilizados enquanto verbos que potencializam a discussão em torno do que propomos tratar como uma atuação política sensível ao corpo adornado que aqui tratamos de abordar. Podemos dizer que a sentimentabilidade dentro desse campo político no qual suas vestes operam é, de fato, uma atuação que explora as suas realidades e possibilidades de criação. Portanto, os desafios enfrentados pelo envolvimento de suas armaduras são apontados nas seguintes falas de resistência:

Bom mesmo é usar o que gosta. Eu adoro quando dizem que gostaram da minha roupa, eu fico radiante. Eu sou mais na minha, mas eu gosto dessa lacração. Sim, eu imagino que para alguns minha roupa é fechação, mas para outros eu acredito que cause esse incômodo ou choque como você [eu] falou. Como se elas ficassem assustadas quando me veem. Isso mostra que não sou iguais aos outros. Se eu me destaco é porque tem algo em mim especial. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 13/02/2019).

Sim, minha roupa é fechação, lógico. A pessoa que tem brilho usa o que quer, o que se sente bem, é assim que eu gosto. Se acham que é de mulher, problema delas; o importante é arrasar e saber respeitar. A

minha produção eu faço assim na hora, nem penso. Gosto assim, hoje to colocando uma maquiagem, gosto de meus torços, lenços, brincos, anéis. “Abalando, hein Babado!?” [momento em que algumas pessoas gritaram seu nome Babado]. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 13/02/2019)

É em meio a essa carga de violência que as suas resistências nos proporcionam esses momentos radiantes. Quando afirmam que suas roupas são a fechoação, lacração ou bombação, Babado e Amor potencializam o uso de suas vestes, que representam pra si todo o brilho que brindam e emprestam a esse fazer da moda não mais como fantasia, mas sim como algo que não é mais uma busca estranha na moda.

Paralelamente ao que é dito anteriormente, nessa conexão do brilho com o poder das vestes, Mara Rúbia Sant’anna afirma que “a aparência e o poder são instâncias da experiência da vida moderna que se interferem infinitamente” (SANT’ANNA, 2007, p. 43). Desse modo, quando elevamos o poder que as vestes possuem nas configurações sociais, estamos concordando com a autora ao dizer que as “estratégias de poder passam pela aparência” (SANT’ANNA, 2007, p. 43) e que neste trabalho são observadas pelo brilho que Tikal Babado e Pai Amor nos fazem sentir.

Na tocante a essa questão, o que buscamos mostrar é que não se trata apenas de posicionar os corpos vestimentados de Pai Amor e Tikal Babado numa realidade de espaço seguro quanto ao modo como atuam suas dissidências, mas enxergar a atuação de suas vestes no sentido de potencializar o que chamamos (e que Babado e Amor chamam também) de *fechoação*, *bombação* e *lacrção*. Torná-lxs sensivelmente adornadas. Reavivar a força que possuem na dinâmica transformadora face às opressões, preconceitos e hipocrisias condescendentes da política normativa dos corpos e suas extensões.

Poderíamos apresentar diversas palavras que traduzissem, ainda que não de forma geral, aquilo que sentem sobre suas vestimentas ou aquilo que elas, porventura, causem de efeito, e ainda assim não esquecer que por trás de uma chamada *lacrção*, existe um corpo que expressa a voz dos estigmatizados e que luta para que não tenha a memória de suas vestimentas apagada. Assim, é possível entender os seus corpos adornados como parte de um processo em que são, sobretudo, denunciantes aos esquemas de violência que se pode imaginar. As suas vestes são a denúncia de que a

própria violência acarretada vive uma via de mão dupla, que intenta provocar as normativas, mas que é denunciada por não cumprir as exigências de um corpo adornado ideal.

Mais do que criar algo que possa partir de um zero absoluto e estabelecer equidades sobre as relações pré-concebidas sobre os corpos e suas vestes, provocamos uma reflexão autoconsciente a partir das estruturas que já nos são dadas. Essa reflexão parte de estratégias que estabeleçam uma autocrítica ao modelo impregnado socialmente, trazendo à tona, portanto, a importância de se tratar as maneiras com os quais nos vestimos e àquelas que as outras pessoas querem que nos adornemos.

E, portanto, articula-se com essa capacidade comunicativa que a vestimenta possui enquanto elemento que cobre o corpo e que se circunda sobre a dimensão de poder e da experimentação do sujeito com essa percepção consigo e com o outro. A autora Mara Rúbia Sant'anna nos convoca a estarmos atentos nessa dimensão de compreensão das vestimentas com as seguintes palavras:

O vestir, como dimensão de comunicação da sociedade moderna, que constrói sobre corpos, diariamente, uma aparência própria, é campo privilegiado da experiência estética, firmada no prazer de ver e ser visto [...] de ser um *outro* a cada dia e ser o *mesmo*, sempre. (SANTA'ANNA, 2007, p. 47, grifo da autora)

Enquanto reflexo da realidade humana e da questão social, a moda, como aborda o sociólogo Georg Simmel (2008) “pode, pois, aparentemente e em abstracto, acolher em si qualquer conteúdo; qualquer forma concreta de vestuário, de arte, de conduta, de opiniões, se pode tornar moda” (SIMMEL, 2008, p. 55). Isso, deve-se exatamente pela relação de investigação comunicacional que este trabalho também se propõe nas relações sociais com que as vestimentas de Tikal Babado e Pai Amor nos possibilita enquanto leitura.

Observamos que há um antagonismo na moda, propiciado entre o que esteja estabelecido pela fidedignidade que lançamos sobre ela no conjunto social, mas, ao mesmo tempo, sobre certa particularidade que nos é remetida encontrar em seu círculo (SIMMEL, 2008). As singularidades que encontramos em Babado e Amor apontam-nos

para essa particularidade significativa que suas extensionalidades provocam na operação politicamente eficaz de suas atuações composicionais e que se inserem no propósito de legitimar suas sensibilidades, movimentando-as a partir de um sistema hierarquizador à moda. Complementando o desejo aqui proposto, Simmel diz em suas palavras:

Em suma, o encanto peculiarmente picante e estimulante da moda reside no contraste entre a sua difusão ampla, que tudo abarca, e a sua transitoriedade brusca e radical, o direito à infidelidade para com ela. Reside tanto na estreiteza com que ela fecha um círculo determinado e cuja afinidade mostra quer a sua causa quer o seu efeito – como na decisão com que ela o atira contra outros círculos. Reside, por fim, tanto no ser-sustentada por um círculo social, que impõe aos seus elementos uma imitação recíproca e assim alivia o indivíduo de toda a responsabilidade – ética e estética -, como na possibilidade de produzir, agora porém dentro destes limites, um matiz original, quer mediante a intensificação quer até pela recusa dos elementos da moda. A moda revela-se, pois, apenas como uma invenção singular e deveras particularizada entre muitas outras em que a conveniência social objectivou, com igual legitimidade, as correntes antagónicas da vida. (SIMMEL, 2008, p. 57).

Quando propusemos trazer o *poder simbólico*⁴, ao que o também autor Pierre Bourdieu (1989) aprofunda, foi de discutir justamente o seu papel nas relações de violência simbólica que operam aqui a partir dos diálogos adornados. Não sendo vista como uma violência menor, a violência simbólica ao qual trata o autor se justifica em nossa afirmativa na perspectiva de uma atuação das vestes em que se problematize o campo de dominação aos quais os corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor se inserem.

Assim, como já mencionado neste trabalho, reforçamos um não apassivamento dos seus corpos e brigamos por um fazer político em que estejam em pleno enfrentamento diante das políticas dominadoras do vestir. Desse modo, ao que propusemos refletir enquanto leitura sensível e atuante das vestes, acreditamos que o que se propõe a ser encarado enquanto resistência e atuação política é porque reconhece o poder que possuem entre as partes. Poder, este, que é emanado com seus brilhos e que deixam suas roupas expressarem o Amor com muito Babado.

⁴ “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. (BOURDIEU, 1989, p. 7-8).

Imagem 17: Por uma comunicação adornada que seja, acima de tudo, afrontosa.



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

As armas, que sempre foram utilizadas em desfavor aos corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor, são agora transformadas em armas de resistência. Podemos pensar esses embates como formas de impactar as políticas hegemônicas sobre as plasticidades do corpo. Podemos, além de tudo, manipular os esquemas que sempre

julgaram isso ou aquilo como incorreto em intencionalidades provocativas sobre os ideais.

Tentamos, aqui, estabelecer uma relação em que suas vestimentas, entendendo todo o seu percurso comunicacional, produzem enquanto aspecto politicamente sensível ao fazer atuante na sociedade. Um campo de luta que se estabelece quando pensamos em formas possíveis de existência ao que trabalhamos nesta pesquisa nos âmbitos do corpo e das vestes.

Dando pistas para o nosso próximo capítulo, nos é primordial pensar como os seus modos de sentir e perceber as vestes passeiam por esses campos. Envolvendo questões pertinentes ao que dizem respeito aos modos com que a violência e o processo de resistência evidenciam projetos políticos de mundo, em que sujeitos são discriminados pelo modo, por exemplo, como são e se adornam.

Imaginando que o conceito de sensibilidades adornadas evidencia-se por um conjunto maior em que regem essas dinâmicas, aqui expostas, ao que diz respeito aos corpos adornados de Babado e Amor, emergimos de uma relação de percepção e sentidos que xs mesmxs observam e são observadxs diante do poder expressivo das vestimentas. Dentro desse conjunto é que encontramos as *violências* operacionalizando seus propósitos normativos e as *armaduras* revestindo seus corpos de potencialidades de ser e existir. E esse processo de resistência ao que lhe são ditos ou impostos adornar só acontece porque há, dentro desse conjunto maior, a vontade de ser no mundo. O desejo de um corpo adornado sensivelmente atuante.

Gostaríamos de afirmar que esta pesquisa nos auxilia na compreensão subjetiva que seus corpos e vestes, sempre numa relação indissociável com suas vivências racializadas e não-normativas nas expressões sexuais e de gênero, são analisados a partir do atuante protagonismo e interação que possuem suas aparições na sociedade. Arriscamos apontar para a superação de uma identidade política e própria que as armações de suas vestes despertam aos mais variados sentidos.

CAPÍTULO III

Sensibilidades adornadas: Tikal Babado e Pai Amor

“Toda essa água, esse Rio, é um mistério.”

Tikal Babado

Neste capítulo, sendo o de análise, tratamos de abordar uma dimensão, a qual está imbricada sobre os corpos adornados de Tikal Babado e Pai Amor, que tangencia os aspectos respeitosos às suas expressões de gênero, sexual, de raça e os seus estados de arte. Chamamos aqui de sensibilidades adornadas o que, por impetrar os modos com os quais sentem e percebem a própria vestimenta, se estabelece enquanto comunicação vestimentada de seus corpos nas relações sociais.

Inicialmente, apostamos na afirmação da roupa como comunicação midiática e no emprego de uma comunicação vestimentar que possibilite compreender as dinâmicas que o sensível nos provoca e nos faz sentir. Sempre com a preocupação de resgate ao que é histórico e o que é da sensibilidade que xs envolve.

Proporcionamos pensar a relação de suas vestes com as expressões ditas inadequadas de gênero e sexual. Desse modo, nos é caro ao trabalho refletir sobre as interseccionalidades em que seus corpos estão atravessados; considerando como estas relações interseccionais entre raça, gênero e sexualidade são abordadas a partir da perspectiva sensível pelo modo como se vestem.

Finalizando este capítulo, trouxemos as suas cores, formas e texturas tanto enquanto resistência nos espaços quanto aos seus modos de criação. Esses elementos, em amálgama, foram pensados a partir da perspectiva de que suas formas, cores e texturas engendram um fazer artístico nesse campo da moda. Possibilitando, assim, que o encontro desses elementos em seus corpos potencializassem ao que chamamos nesta pesquisa de sensibilidades adornadas. Além do mais, é potencializado também o *babado* e o *amor* que este trabalho têm e se preocupou em trazer.

3.1 *O Sentir e o Perceber*

Afeto talvez seja o primeiro sentimento, ou pelo menos um deles, que nos vem à cabeça quando pensamos em formas sensíveis. O afeto faz parte desse trabalho a partir do momento em que sentimos as trocas envolvidas nesta pesquisa. Trago aqui e no coração Tikal Babado e Pai Amor, duas pessoas que vivem suas vidas entre os tormentos de um projeto social que persiste em enquadrar as pessoas em normas, condutas, caixinhas, etc. e nos ensinam que é possível criar suas próprias apreensões de mundo.

O que chamamos neste trabalho de sensibilidades adornadas, diz respeito justamente sobre a apresentação das vestes nos corpos de Babado e Amor, sendo redescobertas a partir do conjunto de suas expressões e que nos permitem aproximar seus corpos adornados em possibilidade para ser e existir enquanto sujeitos sensíveis. Igualmente potentes, seus discursos são reconhecidos e retratados em sua importância histórica e memorável, revestidos de resistências.

Imagem 18: Para me “aceitarem” tive que fazer das tripas, coração.



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Por isso, o sentir e o perceber apresentam-se enquanto noções com as quais nos deparamos quando falamos sobre os processos através dos quais a vestimenta assume relevância no reconhecimento sensível dos sujeitos. O sentido envolvido sobre a compreensão da roupa em sua dimensão sensível pode ser observado quando os

sentimentos dessa experiência adornada, que já nos reveste e é compartilhada há tempos, possibilitam apreciar os relevos e contornos no funcionamento de sua expressão no corpo.

Sentir, que etimologicamente vem do latim *sentire*, é “experimentalizar uma sensação ou um sentimento, quer por meio dos sentidos, quer por meio da razão”. Já o perceber, apesar de serem palavras muito próximas em seu sentido, vem do latim *percipio*, que quer dizer perceber, observar, conhecer por meio dos sentidos. Trata-se de dizer que a percepção está nesse intenso movimento que nos é oferecido enquanto expressão das sensibilidades.

Com base nas colocações de Monclar Valverde, em *A instituição do sensível* (2018), acreditamos que essa leitura referente ao termo sensível “sentir” e “perceber” pode ser complementado sobre o que o autor diz ao referir-se sobre a expressão, assim como a própria noção de percepção, ser encarada de forma simultânea entre os indivíduos pelo mundo que lhes é compartilhado (VALVERDE, 2018, p. 33). É desse modo que instituímos um fazer que paute a sensibilidade que envolve tanto o sentir quanto o perceber de Tikal Babado e Pai Amor de modo a não reduzirmos sua carga compreensiva a partir do espaço que xs rodeiam e que não abandonemos a perspectiva de seus corpos adornados como central na compreensão dos seus desejos de receber as sensibilidades. Assim, encaramos que:

A percepção não é, pois, uma atitude meramente contemplativa e, ainda menos, uma ausência de atitude, mas um agenciamento corporal, uma performance, um comportamento que, mais que representar o mundo, exprime o movimento pelo qual nós o habitamos e o exploramos. (VALVERDE, 2018, p. 35).

Percebemos, portanto, que nas entrevistas realizadas com Tikal Babado e Pai Amor assim como nas fotografias, a ideia do sentir e perceber as vestes está coadunada diretamente com o propósito de liberdade do corpo, de se poder usar aquilo com que se sentem bem e confortáveis, ou seja, o uso das vestes está relacionado com o prazer para essas duas estrelas da pesquisa. Além disso, observamos uma acentuada relação no modo como as desobediências de suas sexualidades e de performance de gênero provocam a afirmação de seus adornos intrinsecamente como um produto que os afeta no estabelecimento da relação de si com o mundo e os dirigem ao olhar do outro enquanto poética inesperada.

A roupa é importante pra mim. A minha roupa diz quem eu sou. Comecei a usar essas roupas, mais femininas, tem algum tempo. Lembro de uma Parada gay que Ran me convidou. Muita gente não sabe, mas ali foi importante pra mim. Foi aí que comecei a me soltar. Comecei a usar essas roupas. Hoje posso dizer que estou mais liberto, antes eu tinha medo de usar e descobri que podia usar o que eu queria. Tenho que me sentir, bela. Se eu não me sentir, não será eu. E eu gosto de ser essa pessoa que você tá vendo, alegre. Me dou bem com todo mundo, aqui todo mundo me conhece. Já fiz filme com o pessoal da faculdade, eles sempre me chamam. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Eu me sinto mais alegre, mais folgado, solto. Quando eu coloco uma saia, um vestido, um implante eu me sinto feliz. Esse meu jeito tem a ver com meu riso, sou meio palhaça, eu gosto de tirar riso. Minhas roupas são essa alegria, isso que eu quero passar para as outras pessoas. Quero ser feliz. Tem gente que olha pra mim e cai na risada. Pai Amor é uma onda. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Esse modo de alcançar o outro olhar através da vestimenta, como também ser alcançado pelo outro, faz com que a roupa esteja envolvida em toda sua dimensão afetiva. Segundo o filósofo Maurice Merleau-Ponty:

O ‘algo’ perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um ‘campo’. Uma superfície verdadeiramente homogênea, não oferecendo *nada para se perceber*, não poder ser dada a *nenhuma percepção*. Somente a estrutura da percepção efetiva pode ensinar-nos o que é perceber. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24, destaque do autor).

Ainda segundo o autor, a maneira como encaramos o significado de sentir vai além da pura e simples observação, “o sentir é obter qualidades” e a qualidade que evidencia esse sentir “não está fundada em um testemunho da consciência, mas no prejuízo do mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 25). A crítica a simples observação, portanto, é também discutida neste trabalho como forma de reforçar o conceito do sentir e perceber, de forma que não caiamos em reducionismos simplistas para pensar as percepções sensíveis das vestes em Babado e Amor.

Interligando essas experiências, evocamos Mikel Dufrenne para tratar, também, do campo da sensibilidade ao dizer que “a sensibilidade parece exercer a função do juízo” (DUFRENNE, 1981, p. 90). O juízo aqui, no entanto, não é tradicional, segundo ele, “ele não se exerce no próprio objeto, ele é, antes, o reconhecimento de uma

experiência satisfeita, de uma experiência feliz” (DUFRENNE, 1981, p. 90). O que acaba por revelar a relação dessa experiência feliz com o próprio campo prazeroso da percepção e o reconhecimento que se trata sempre de uma relação e, no caso, de uma relação da vestimenta com o corpo que a encarna.

Imagem 19: Com que roupa eu vou, afrontar a sociedade que sempre me julgou?



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

As roupas, portanto, devem ser percebidas num “sentido totalmente imanente ao sensível que, portanto, deve ser experimentado no nível da sensibilidade e que, contudo, cumpre bem a função do sentido, a saber: unificar e esclarecer” (DUFRENNE, 1981, p.

92). Dessa maneira, posicionamos nosso trabalho em um mergulho dentro das sensibilidades adornadas, no intuito de capturar estas experiências estéticas aqui anunciadas.

Complementando a discussão, tomamos emprestados os conceitos de Herman Parret (1997) sobre a definição de *comunidade afetiva*, colocando nosso objeto empírico neste diálogo que constitui nossxs sujeitxs a sentirem e perceberem, na sua relação com os outros, na medida em que o sensível consegue ser envolvido com o social e vice-versa. Demarcamos, assim, o encontro dos corpos políticos (e sua dimensão no entorno histórico) com a dimensão sensível de seus corpos vestidos.

Observado como potência à perspectiva trabalhada nesta pesquisa, o conceito de comunidade afetiva abordado por Parret (1997) implica, justamente, sobre essa demanda a qual emprestam seus modos de adornar no social. A preocupação é de elevar essa dimensão do sentir e perceber de suas vestes no intuito de provocar o que o autor chama de sensibilizar o social e socializar o sensível na constituição afetiva de uma comunidade e abordar uma dimensão preparada em relacionar as suas presenças tanto histórica quanto sensivelmente.

Assim, destacamos neste trabalho dois aspectos nesse período de encontros e entrevistas: um deles diz respeito à generosidade em contar suas histórias, isso é perceptível no modo como se adornam e utilizam os seus vestuários enquanto potências dos seus *eus*. Outro aspecto relevante se deve ao fato de que, em muitos momentos que não estávamos gravando nossas entrevistas, tanto Tikal Babado quanto Pai Amor revelaram para a pesquisa muito conhecimento a ser transmitido, que propiciaram bate-papos mais abertos sobre os seus modos de sentir e perceber as vestes e o que elas carregam enquanto memória sensível. É com muito carinho e admiração pela inteligência e coragem dxs nossxs entrevistadxs, que compartilharam um pouco dos seus saberes e luta dentro do território cachoeirano, que nos debruçaremos refletir nesta pesquisa.

3.1.1 A roupa enquanto mídia

Quando recusamos a abordar a roupa e sua potência midiática, fruto de um preconceito histórico e cultural no que se refere a todo universo da aparência e da coqueteria, podemos cair no erro de não abordá-la como um elemento comunicacional e de não atentarmos para as possibilidades expressivas que a mesma comporta. A roupa é

mídia e, portanto, comunica para o outro suas formas, expressões e movimentos, que unidos ao corpo, configuram o que chamamos de *composição da aparência*, expressão tomada de empréstimo da pesquisadora Renata Pitombo Cidreira (2005). Assim, discutindo a roupa e o corpo indissociavelmente, podemos defender a roupa enquanto mídia, ou seja, enquanto processo que nos envolve de sentidos no campo afetivo das relações sociais.

Imagem 20: Ilumina e reflete esse brilho midiático



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

No debate com a interlocução da Moda e a Comunicação, Renata Pitombo Cidreira nos revela que “a moda é um mass media no sentido em que ela é ao mesmo tempo espaço de comunicação e meio de mediação entre indivíduos, grupos sociais e culturais, entre civilizações inteiras”, nos transportando para o debate em que a vestimenta é representada pela iconicidade (CIDREIRA, 2005, p. 114). E, enquanto discurso icônico, a comunicabilidade que as roupas de Babado e Amor expressam interagem sobre uma dimensão na qual a autora explicita que: “assim sendo, seria difícil sustentar a hipótese de que a moda enquanto mídia tivesse o poder supremo da massificação, sem que o usuário tivesse a possibilidade de rejeitar, driblar a mesma” (CIDREIRA, 2005, p. 117).

Eu uso essas roupas porque gosto. Decidi há algum tempo abandonar algumas roupas que eu usava. Tenho 57 anos hoje, de muita luta. 57 anos é muito hoje, né? Já passei por muita provação, muito obstáculo. A inspiração de minhas roupas foi quando eu tinha uma amiga travesti chamada Taninha, não sei se você conhece. Taninha me ajuda. Foi aí que comecei a fazer amarrações. A minha roupa comunica muita coisa, é minha conexão com a espiritualidade. As minhas roupas são uma forma de me comunicar com esse mundo de mistério. Eu sei que eu chamo atenção como eu me visto. Mas eu abalo, saíu nesse mundão abalando (risos). Esse nome babado, mesmo, veio porque no bairro que eu morava diziam que os viados que moravam lá, sujavam o bairro e eu dizia que eu era do Babado. Eu tinha que mostrar meu lado, da ousadia. Era Tikal desde pequeno e hoje o pessoal me chama de Babado. É babado pra lá, babado pra cá. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Sou zelador [referente ao cargo de alguém que cuida dos Orixás, no Candomblé], recém formado, vou dizer assim, filho de santo de Itapuã, sou de Boadã. Eu tenho mais de 14 anos de santo. E (...) meu nome de guerra é Greisse Kellen Cyclone de Sheila e Caramelo. É nome de sobra, né? (risos). Mãe Amor, gosto de ser chamada no feminino. Pai Amor é muito conhecido na cidade, mas eu gosto de usar o feminino. Eu fiz um documentário uma vez em Paulo Lomba, na praça 25, que tava até falando disso: Pai Amor ou Mãe Amor? Eu disse: Mãe Amor. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Esses fragmentos das narrativas de Babado e Amor evidenciam suas formas de expressão, os usos dos nomes, as roupas; observamos como incorporam as questões de classe, raça, gênero, sexualidade e demonstram a história de suas subjetividades marcadas pela possibilidade de assumir a liberdade de si e na sua maneira de lidar com a vestimenta. Nesse contexto, entendemos Tikal Babado e Pai Amor como

confrontadorxs ou dribladorxs da dita lógica que sustenta os ideais sobre os modos masculinos e femininos de adornar-se e o envolvimento de suas sobrevivências enquanto dissidentes.

Em sua afirmação de vestuário enquanto “segunda pele”, Marshall McLuhan (2005, p. 140) propõe pensar a sua função como também um “meio de definição do ser social” e que quando a roupa sobre nossa epiderme passa a assumir esta função, ela nos une e nos torna mais próximos, verdadeiramente como diz McLuhan, uma extensão de nosso corpo. Se a roupa é extensão do nosso corpo, ela manifesta-se como um forte tendão que une a sua comunicabilidade com a nossa expressão corporal, possibilitando a efetividade nesse movimento.

Em relação aos julgamentos que essa comunicação propicia, podemos observar nas entrevistas que o fator estigmatizante sobre xs nossxs sujeitxs empíricxs é declarado de forma significativa para nossa análise. Explorando os absurdos aos quais são obrigados a ver, escutar e sentir é que nos engajamos em demarcar as diferenças que suas experiências adornadas encarnam, a perceber os seus desejos e o modo como suas subjetividades são convocadas a rebelar-se.

Tive a ajuda de Taninha, do pessoal da faculdade. Eu escolho a roupa que vou hoje e visto, simples assim. Não demoro muito pra achar uma roupa. Escolho na hora e saiu. Vou nas festas, na igreja, no Candomblé. Minha produção é rápida. Como já me conheceram antes usando roupa de homem, as pessoas perguntavam por que me vestia assim? Não sei usar outra coisa. Meus brincos. Gosto quando tem festa, eu me produzo toda. Não é porque um se veste diferente do outro que a gente vai ficar procurando picuinha. Temos que nos unir. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Eu me visto de várias formas. Eu me visto como transformista até (...) porque me sinto travesti. E transformista e travesti não tem muita diferença por causa da roupa. Eu passei a me vestir de mulher porque eu vim morar em Cachoeira, aqui no Viradouro, e como a minha chegada eram roubadas as minhas roupas masculinas. Antes, eu me vestia como homem. E ajudou, também, o marido que tive a me reconhecer mais feminina e juntou uma coisa com a outra e comecei a me vestir. Um marido, não casado. E dentro de casa foi me reconhecendo eu sendo mulher e ele homem. E pra não ser assaltada, as minhas roupas, que ficou muito visada em Cachoeira, assim como ainda sou, né? (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Podemos observar em cada uma dessas falas, que as inevitáveis exclusões geradas pelas constantes subjugações se dão de forma explícita e essa fuga aos padrões transforma-se em processos que (re)lutam em reconhecer aquilo que se opõem as ditas regras aceitáveis. Enquanto sujeitos sociais, desde sempre, estigmatizadxs, a comunicação de seus corpos adornados localiza o político e o sensível neste bojo de conflitos apresentado sobre essa marcha contra as normativas, de um lado, e a decisão “correta” de como devem vestir-se, do outro.

Imagem 21: Brilho, Babado e Bomba



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

A noção de *estigma*, proposta por Erving Goffman (2008) e já debatida no capítulo anterior, nos parece adequadamente persistente, pois imputa-se sobre aquele/a que desvia a norma e que, diante do social, é visto/a de forma depreciada. Segundo Goffman observamos que:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa *estragada* e *diminuída*. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um *defeito*, uma *fraqueza*, uma *desvantagem* – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. (GOFFMAN, 2008, p. 12, grifo nosso).

Os termos grifados acima, na passagem de Erving Goffman, como defeito, diminuída, estragada são, assim, termos em que se concretizam os estigmas por acreditar que os modos de vestir de Tikal Babado e Pai Amor sempre estarão nessa dita desvantagem. Portanto, a conversa que suas vestes nos permitem, dentro dessa dimensão midiática, nos reporta a uma expressão reativa de necessidade e afirmação frente a essa concepção estereotipada e estigmatizada de si.

Assim, como também afirma o autor Marshall McLuhan (2005, p. 141), a roupa enquanto comunicação não-verbal produz sua própria conversação, “num mesmo nível de esplendor e riqueza de texturas”. Essa combinação quando indagada, nos revela, segundo Tikal Babado, uma “forma de resistir e não abaixar a cabeça diante do que dizem sobre mim”. Com a mesma aposta e afetividade, a mensagem do vestuário entrelaça-se à pesquisa na medida em que ela se torna “um manifesto não-verbal de subversão política” (MCLUHAN, 2005, p. 142).

3.2 Vozes das Margens

Quando pensamos as interseccionalidades que atravessam nossxs sujeitxs da pesquisa, nos preocupamos de que forma suas sexualidades, gêneros e raça desviantes provocam as sensações de estranheza em relação aos adornos que o compõem. Ao pensar a descolonização terceiromundista, Stuart Hall (2006, p. 318) indaga que este

grupo, na sinalização de suas dissidências, é “marcado culturalmente pela emergência das sensibilidades descolonizadas”. Tal percepção pode associar-se ao modo como são tratados os corpos adornados de Babado e Amor nesta pesquisa.

Seus lugares enquanto negros são evidenciados nas entrevistas de modo a demarcar os seus corpos na discussão sobre raça. Nesse sentido, a potencialidade vestimentada dxs nossxs entrevistadxs pode ser inserida no que Stuart Hall (2006, p. 320), em uma de suas passagens, diz enquanto “vozes das margens”, localizados através das transformações em que se inserem sócio culturalmente, a partir dos seus corpos adornados.

Muitos não têm a coragem de se vestir como eu me visto. Deve ser medo. Mesmo me criticando, eu não tenho medo de usar as roupas que eu gosto. Meu turbante, uso muita peruca também, pra abalar, arrasar. Gosto de colocar meu cabelo afro. Quando não estou de peruca eu coloco um lenço ou um turbante. O povo tem a mente pequena. Enfrentei tudo e todos. Me agarrei na fé. Como dizem por aí, eu sou babado. Tem força também por causa de nossos antepassados que lutaram também pelo seu povo. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Sou negro, me orgulho. Precisamos falar mais sobre. Seja bixa, negro, travesti. A luta é de todos contra o preconceito e de cor principalmente. Eu mesma já sofri muito e ainda sofro. Sempre segui de cabeça erguida e comecei a ver essas pessoas preconceituosas como ignorantes. Eu estudei e vejo muitos que não terminaram a segunda série. É ignorância. Precisamos de estudo para abrir a cabeça do pessoal com relação ao preconceito. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Isso tudo faz surgir os novos sujeitos no cenário, que tanto podem se impor politicamente, quanto pela maneira como seus adornos estão permeando o espaço (HALL, 2006, p. 320). Desse mesmo modo, o autor enfatiza o fato de não querer afirmar que “podemos contrapor à eterna história de nossa própria marginalização uma sensação confortável de vitórias alcançadas” (p. 320); pelo contrário, Hall reflete sobre a forma como os processos de inserção e de conquistas das minorias (e isso inclui os negros, LGBTQI+, mulheres, etc.), ainda que poucas, são constantemente julgadas e punidas.

Quando questionados sobre essas interseccionalidades que atravessam seus corpos, Tikal Babado, por exemplo, afirma com preocupação que “precisamos enfrentar

o preconceito, ninguém é melhor que ninguém, somos irmãos (...) mas não posso, também, deixar ninguém me xurriar”. Nesse mesmo ponto, Pai Amor apresenta em seus argumentos o reforço sobre os estigmas a partir dos corpos destoantes: “Parada gay, espero que aconteça pra o respeito da gente. Pra que a gente seja mais valorizado. Os preconceitos vão existir independente de sexo, de cor, de raça, de relação homossexual ou lésbica. Mas, a gente tem que ter força, porque é pela gente”. Há uma demonstração de que estas representatividades estão sustentadas enquanto “contranarrativas negras que lutamos para expressar” (HALL, 2006, p. 325). Essa expressão se dá na intersecção de suas dissidências adornadas.

No meu trabalho antigo, quando eu morava em Salvador, eu não usava essas roupas. Não podia fechar, naquela época era difícil. O preconceito existe ainda, mas as pessoas tiveram que me respeitar. Não devo nada a ninguém. O povo sempre dizendo que eu tava afrontando. Lutei muito na vida e você acha que vou deixar tirar sarro de mim? Às vezes a entidade não deixa eu usar uma coisa mais feminina. Sou bixa, negro, gosto de me vestir desse jeito e quem quiser que goste. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Eu fazia calça da Timbalada. Eu costurei umas roupas no Malê [Bloco Afro de Salvador-Ba]. Já fiz desenhos para o Olodum de roupas ornamentais, dos bateristas, tocadores. E não deu tempo de fazer as roupas dos bailarinos porque já tinha muita gente, muita coisa pra dar conta, mas quanto mais descobertas, coisas novas eles querem abraçar. A negritude na Bahia, na verdade, é isso aí. Sou negro, tenho orgulho. É ridículo as pessoas que tem preconceito. Sinto que sofro muito não só pela roupa que uso, também pela minha cor. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

No mínimo de sinal sobre estereótipos e sobre o julgamento que tanto Tikal Babado quanto Pai Amor são confrontadxs diariamente, demonstram como os julgamentos alheios negam a composição de suas vestes e a cor da pele e nos confirmam o quanto que “o racismo apresenta-se geralmente como esse ‘saber automático’ sobre o Outro” (SODRÉ, 2006, p. 8), funcionando também para outros pré-julgamentos, como àqueles relacionados às nossas destoantes sexualidades e performances de gêneros.

Dar conta de todas essas camadas de exclusão é tarefa árdua. Gerenciamos aqui a expressão de suas vestes conjuntamente com as dissidências envolvidas sobre seus corpos enquanto ferramentas de composição que permitem assumir suas singularidades, mas também o pertencimento a um amplo grupo de transviados, *queers*, pretas e demais

minorias. Uma proposição notória sobre as fissuras nas chamadas normas reguladoras do vestir, do comportar-se, do assumir as representações adequadas e por aí adiante, mas, que antes de tudo, é uma proposição potente no sentido de mobilizar afetivamente (e efetivamente) o encontro de seus corpos dissidentes e seus adornos.

Como já mencionado acima, interseccionamos, portanto, o racismo e os debates sobre gênero e sexualidade em sua conexão com os modos de vestir-se. Como diz o autor indiano Homi K. Bhabha (1998), defendemos que Pai Amor e Tikal Babado estão constituídos no *entrelugar*, nessa margem que xs unem enquanto afetividade e atravessamento de seus lugares no mundo enquanto *queers*, pretas, mas que, ao mesmo tempo, xs singularizam enquanto seres dissidentes dotados de uma sensibilidade essencial.

O que estamos a tratar neste trabalho está pautado também sobre o entendimento do *biopoder* ou da *biopolítica* (FOUCAULT, 1999b) e no modo como esses segmentos reguladores nos invadem, determinando sobre como nossos corpos devem comunicar e, antes disso, como esses corpos devem adereçar-se para a apresentação social. Derrubaremos os preceitos sobre os signos de virilidade, masculinidade hegemônica e tóxica, raça superior dentre outros questionamentos fundantes e reducionistas das normas.

É nesse sentido que entendemos essas intersecções entre raça, gênero e sexualidade sobre àqueles julgados como estranhos, anormais, pervertidos, etc. e tentamos localiza-los sobre os lugares de afeto que seus corpos e vestes anunciam. E, é a partir desse panorama, visto como “anormal”, que potencializaremos as expressões corporais e das vestes àqueles aos quais suas sensibilidades sempre foram silenciadas e aos quais os apagamentos fizeram e fazem parte de seu cotidiano, xs reconhecendo desde já, enquanto sujeitos possíveis.

Antes de continuarmos, é preciso salientar que Babado e Amor são pessoas conhecidíssimas na cidade, além de muito queridas. De todo modo, isso não xs exime de sofrer na pele e nas vestes a perseguição heteronormativa e dotada de regras que rege o seu entorno, e que constituem suas histórias. São os dispositivos de gênero, raça e sexualidade que bombardeiam estes corpos adornados no trabalho.

3.2.1 *Pode o corpo masculino afeminar-se?*

A feminilização assim como a masculinização são questões implicadas sobre como entendemos as performances tanto ditas femininas quanto masculinas. As roupas, as maquiagens, os sapatos e demais acessórios que compõem os nossos corpos são construídos para determinar o gênero, seja ele masculino ou feminino. Essa é a versão dita correta; mas vamos falar da desviante?

O povo gosta de dizer, de apontar, que eu me visto de mulher. Eu sou deficiente de uma das pernas, quando eu não coloco uma calça apertada, eu gosto muito de usar saia. O saião preto, com a bota. Gosto de usar de tudo. Uso saia, calça, adoro me maquiarm, passei um lápis, um batom, pra fechar, não é? Eu ando isso tudo aqui, São Félix, Cachoeira, mas não mexe comigo não. O ser humano tem um lado doentio, se incomoda com o que o outro veste, come. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Já se veste de mulher, não tem uma voz lá muito modificada, porque não deu tempo eu assumir. Eu assumi a homossexualidade muito tarde. A família muito carrasca, turrona. E, a “coisa” primeiro teve que ser mais devagar e escondida, quase parando. Mas não tem como, a família da gente já sabe quando a gente nasce. Eu sempre soube, e comecei a usar mesmo as roupas de mulher. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

A filósofa Judith Butler encara a distinção entre gênero e sexo dizendo que “a hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (BUTLER, 2003, p. 24). Assim, o corpo sexuado não necessariamente englobará a um determinado sujeito uma direta forma de vestir, andar, comportar-se, ser, etc. ainda que possamos dizer que tais tarefas se darão socialmente, devido ao seu caráter enraizado e repetidamente performatizado.

Quando questionamos sobre quais papéis de gênero a sociedade aguarda de Tikal Babado e Pai Amor, observamos em suas falas discussões muito próximas. Tikal diz que o preconceito nos ronda, e que muita gente critica seu modo de se vestir, diz que algumas pessoas x apontam como se elx quisesse ser mulher. Pai Amor, muito lúcidx, enfrenta os mais diversos comentários e diz saber que o silêncio, muitas vezes, diz muito, os olhares, o não cumprimento. Nesse sentido, o olhar sobre seus corpos adornados implica sobre diferentes fases do processo de julgamento, no sentido de

vigiá-lxs, normatizá-lxs, eliminá-lxs, e conseguir, assim, seguir a lógica que impera nos imaginários sobre as práticas determinantes que organizam as variantes dos gêneros.

Dizem que sou travesti, bichinha, viado, mas eu entrego eles a esse mistério. Tudo isso aqui é um fundamento. Eu tenho minha proteção e sei o que sou. Se você vive a opinião dos outros, você não vive. Sempre vai ter alguém pra te rotular. Como muitos não querem ver o seu sucesso, te chamam de tudo. Sempre procuram um defeito em você. Eu não tenho defeitos e não julgo ninguém. Agora, infelizmente esse é o mal do homem. Tem que abrir a mente e se hoje eu uso minha saia, boto meus colares e saí arrasando, é um problema meu. Todo mundo tem que se acostumar e respeitar. Não é porque eu me visto, como muitos dizem, de mulher, que eu sou pior nem melhor. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Me sinto pessimamente mal. Não é de hoje que arranjam o motivo da roupa, por eu me vestir de “mulher”. Tem hora que eu me visto de qualquer jeito. Nem sempre tem aquela roupa. Faltou aquela peça de roupa (...) eu boto aquela. Gosto de vestir roupa de “mulher”. Fui chamado de viadinho relé, viado baixo, putinha, vagabunda (...), mas pelo menos era no feminino, eu adorava isso (risos). Tiveram que me engolir, a verdade foi essa. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Entendemos os gêneros pelo seu viés construído e não naturalizada (resultante também à Teoria *Queer*), mas não podemos abandonar o fato de Babado e Amor sentirem desejosxs ao introduzir em suas peladas as roupas que demarcam seus gostos. Ainda que a roupa possua, em alguma esfera, a conjugação feminina de vestir, esta é contagiada por uma sensibilidade *queer* que emprestam. De todo modo, é comum ainda que essa maneira como pevertem a odem estabelecida, a partir do que se determina ao corpo seguir segundo o gênero, não fica explícita para a sociedade que permanece julgando, na crença de que exista, realmente, um modelo fixo e correto de cobrir o corpo.

O que vem a ser, então, um corpo feminilizado? E um masculinizado? A subversão das performances poderia, então, ser encarada como uma reiteração das dicotomias do gênero já pré-estabelecidas? Assim, no que se refere as mesmices que insistem em localizar, corrigir, eliminar, devido a um repetido coro sobre as enraizações performadas pelos gêneros, é que explicitamos os desvios de tais condutas esperadas sobre o corpo adornado como parte do jogo que movimenta o que é permitido ou não ser enfeitado. Conhecer essas raízes é perceber que o embate é diário quando já se tem

convicção de que as pedagogias masculinistas não cabem nos corpos adornados de Babado e Amor.

Imagem 22: O sagrado, o badalado feminino e o inesquecível choque



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

De fato, em muitos momentos caímos na perspectiva *queer* de construção das identidades, que são movimentadas pelas contínuas, e incansáveis, repetições de performance, como diz a autora Judith Butler:

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade e feminilidade verdadeiras ou permanentes também são construídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade (BUTLER, 2003, p. 201).

Assim, esse entendimento de efeminar o corpo, inclusive através também das vestes, é formado dentro de uma observação, ou melhor, dizendo, de uma pré-concepção existente antes mesmo do sujeito. Dentro desse desdobramento, esse processo, enxergado como o de efeminar o corpo com todos esses elementos composicionais do vestuário, além da plasticidade envolvida por seus movimentos, gestos e que, também, denunciam a dita irregularidade, é posto em xeque pelxs nossxs sujeitxs, a partir do momento que implodem a categoria feminina enquanto questão inata e homogênea ao sujeito.

Tem muita gente que me elogia, fala que tô bonita. Falam da minha roupa. Eu adoro receber um elogio. Tem uns que vem dando *kiu*, mas se eu me invocar eu vou em cima. Esses dias tive uma briga com um moleque que ficava me perturbando. Eu fui em cima dele. Falam que sou travesti, que eu quero me aparecer. Eu visto o que eu sinto bem. Eu sou bixa e não entendo porque as pessoas se incomodam tanto com minhas roupas. Até nesse mundo gay tem muita falsidade, uma querendo falar mal da outra, aprontando com a outra. Por isso que eu vivo minha vida. Quer gostar de mim goste, se não gostar tudo bem. Eu quero viver minha homossexualidade livre, usando o que eu quero, fazendo o que eu quero. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

As pessoas chegam pra mim e dizem: eu adoro seu estilo Pai Amor, você é original, você é uma pessoa natural, você é natureza. Não adianta esconder isso e tapar o buraco com a peneira, que vai escoar tudo pelo ralo. Vou te dizer que pra gostar de mim é difícil. Pai Amor é barril (risos). A ousadia que eu tenho na ponta da língua, no andar,

no me vestir. Só o fato de eu me vestir no feminino, com roupa de mulher já é barril. Eu sou assim porque gosto. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

A essa noção de gêneros, Judith Butler afirma ainda que:

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. (BUTLER, 2003, p. 24).

Portanto, o fato de ser visto como alguém efeminando não deve ser necessariamente dado a um corpo que antes é masculino, do mesmo modo que as feminilizações não são inatas nem ao corpo feminino, nem ao masculino de forma estanque. Dentro da nossa cultura, esses sistemas assimilacionistas são, sim, projetos que visam concretizar as facticidades do corpo adornado com base nas atribuições estabelecidas, anteriormente, de seus ditos sexos e gêneros harmoniosos.

3.2.2 *As performances do Corpo e da Sexualidade*

Quando propusemos pensar este tópico, inserimos questões que, porventura, iniciassem um debate em torno dos modos em que as performances esperadas do corpo e suas vestes apontassem para a sexualidade. Será que vestir-se de tal forma é um modo de atribuir, além de gêneros, sexualidades? O que nos faz pensar que determinado modo de se adornar nos fornece uma confirmação desobediente da sexualidade? A confusão entre os desvios de gênero e sexual ainda é muito frequente.

Em uma de suas falas Tikal Babado e Pai Amor nos dizem:

Gosto de usar muitos acessórios. O pessoal fica falando que é fantasia. Às vezes esperam eu passar pra começar a cochichar da minha roupa. Você acha que eu ligo? Essa cidade é um mistério, esse rio. Você acha que esse mundo não dá a resposta não? Eu entrego nas mãos de Deus. Continuo seguindo minha vida, usando o que eu gosto. Fazendo minhas orações. Sinto prazer e me sinto bem. Quando vocês me chamam eu já penso na roupa. Muitos queriam ser assim que nem eu, botar uma saia. Muitos tem medo de serem chamados de viados. Eu

nem ligo. As pessoas associam logo a homossexualidade. Mas pode ser travesti, não é mesmo? (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Eu usava muito ... olha, eu usava de tudo, usava argola, anel, brinco. Anéis? Eu adoro anel, cada dedo tem que ter um anel e com pedras diferentes. Assim como o médico tem a pedra branca, garimpeiro tem a pedra verde, advogado a pedra azul, eu tenho esses anéis todos numa mão só, com várias pedras diferentes. O que eu mais gosto é de anéis. Um anel que combine bem bonito com uma roupa. Odeio gargantilha no pescoço. Acho que por usar essas coisas sempre me chamaram de viadinho, já fui xingado de tudo quanto é nome. Eu revidava. Eu gostava porque com as roupas que eu usava eles me chamavam no feminino, mesmo que fosse pra me atingir. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Nesse debate sobre o sexo, segundo Michel Foucault (1999b, p. 145), acaba por torná-lo “o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres”. O que o recorre participante das relações de poder engendradas nas formulações de sexualidade biologicistas, naturais, inatas, e que acaba por abordá-las na perspectiva despótica que “funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder” (FOUCAULT, 1999b, p. 101).

Sem dúvida alguma, podemos incrustar as contribuições de Michel Foucault ao dizer que:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 1999b, p. 100).

Na relação com o poder e o dispositivo abordado por Michel Foucault, nossos personagens apresentam essa dimensão que perpassa sobre seus corpos, apontando sobre os discursos que lhes fazem sobre ser (ou querer ser) isso ou aquilo. Na medida em que vão alertando sobre os controles que os circundam e como essas práticas de dominação e poder vão operando na regulação de suas práticas e experiências, vão tornando o discurso sobre suas existências enquanto fatores necessários para provocar a reflexão no entorno dos preconceitos.

E se considerarmos que a vestimenta sagrada ou profana, religiosa ou civil faz com que o indivíduo entre no espaço fechado do religioso ou na rede invisível da sociedade, veremos então que tudo o que concerne ao corpo - desenho, cor, coroa, tiara, vestimenta, uniforme tudo isso faz desabrochar, de forma sensível e matizada, as utopias seladas no corpo. (FOUCAULT, 2013, p. 13).

As provocações ou choques que as vestes e acessórios de Babado e Amor nos revelam é justamente sobre os lugares que lhes foram atribuídos, pensando, assim, sobre os processos de marginalização aos quais alguns sujeitos são designados. Essa discussão retoma o que Foucault diz sobre “os lugares que a sociedade dispõe em suas margens, nas paragens vazias que a rodeiam, são antes reservados aos indivíduos cujo comportamento é desviante relativamente à média ou à norma exigida” (FOUCAULT, 2013, p. 22).

Para Tikal, há em diversos momentos questionamentos (aparentes ou não) sobre sua sexualidade, visto por muitos com muito carinho, mas que em certos momentos alguns, que segundo elx, não aprovam o modo como se adorna, o que reforça mais uma vez que o sentido das vestes está para além de cobrir o corpo (CIDREIRA, 2005). A roupa pode provocar diferenciados modos de sentir a partir do corpo que a compõe. A roupa vai provocar esses sentimentos de si e do outro, conformando um conjunto perceptivo.

Em Amor, o questionamento surge de forma similar, mas de acordo com suas palavras, o fato das pessoas x enquadrarem enquanto “loucx”, promove um sentimento de desprezo e que pode ser observado como mais um maquinário de julgamento e exclusão. A máquina social constrói aqueles/as que são loucos, anormais, dissidentes e estas categorias punitivas e vigiadas, já acentuadas por Foucault (1999a), são aqui debatidas nesse esforço de envolver o sujeito em suas formas perceptivas, não somente porque seus corpos adornados denunciam tais construtos irregulares, mas porque suas próprias lutas políticas são abordadas pelos caminhos que a sensibilidade nos propicia.

Imagem 23: Balanços sensíveis do perceber



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Segundo a autora *queer* Berenice Bento, “o sentido que se atribui às roupas e aos acessórios liga-se a um campo mais amplo de significados que extrapola a idéia de um ‘gosto pessoal’, vinculando-se às normas de gênero que estabelecem determinadas formas de cobrir o corpo-sexuado” (BENTO, 2006, p. 162-163). Desse modo, as lógicas operadas sobre o vestuário serão indicadas, na maior parte das vezes, pela lógica binária e reiterativa de seus usos e que, conseqüentemente, vincularemos as formas de vestir de cada sexualidade sempre no apoio dos gêneros como forma de controlar os corpos e reproduzir as normas.

E mesmo apontando para uma problematização em que venhamos a negar a roupa como determinando o sexo ou o gênero, sabemos que essas lógicas determinantes às formas de cobrir o corpo vão ser atravessadas por tais questionamentos. Ou seja, a roupa estará vinculada a uma ideia em que o/a outro/a será julgado como viado, sapatão, hétero, etc. por justamente nos apontar o que a autora Berenice Bento trás em suas reflexões e que são determinadas pela ampla dimensão social em que são atribuídas as roupas.

3.3 Elementos composicionais do vestuário: as cores, formas e texturas

Definindo os elementos que compõe as sensibilidades adornadas, denominamos as cores, as formas e as texturas. Aqui, abordaremos também as concepções artísticas da moda e que possibilitará dar o tom essencial aos desdobramentos discutidos sobre suas *composições de aparência*.

Trataremos de abordar os aspectos artísticos dxs sujeitxs empíricos, a partir dos quais procuramos não exatamente construir uma vertente sobre a ideia de arte, mas, antes, de refletir as implicações que essa temática envolve na relação com o vestuário e as derivações de sua criação no corpo. Assim, segundo essa assertiva, Renata Pitombo Cidreira observa que “tanto a moda quanto a arte acabam incitando uma reflexão sobre a aparência, sobre a imagem do indivíduo e a imagem do corpo, prolongação da arte do retrato e do autorretrato” (CIDREIRA, 2005, p. 82).

Ainda nesse sentido, podemos referir que tanto na arte, quanto na moda, podemos reconhecer e citá-las como incentivadoras na elaboração de um estilo. A esses processos criativos procuramos instigar, em suas singularidades, o próprio estilo que mais xs evidenciam enquanto referências dessa dimensão do “adornar-se estranhamente”. Pois, se existe algo que diferencia nossxs entrevistadx dos demais habitantes da cidade, é justamente a exibição de seus estilos próprios. Estes, por sua vez, promovem essa percepção artística coexistente com seus lugares de fala e que xs mobiliza através desse ser e estar no espaço.

Eu gosto muito de criar com as roupas. Às vezes eu combino o que vem na frente, mas sempre tem que ter algo feminino. Crio meu estilo. É como eu me vejo no espelho hoje. Não seria diferente. Eu escolhi me vestir assim porque sempre gostei, só que antes eu não podia. Eu tenho minhas peças, minhas echarpes e dependendo da ocasião eu uso. É uma mistura e tanto, mas todo mundo já me reconhece, por onde eu passo. E gritam: Babado! (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Eu comecei desenhando pra minha irmã roupas de ano novo, vestidos comuns. Tipo vestido de 15 anos, de casamento, e fui me aperfeiçoando. No início foi de brincadeira, porque eu sempre tirava nota dez em desenho. Eu tinha traços de desenho. Eu vi uma novela que me inspirou, acho que era Tititi, acho que era isso mesmo, com Jacleclé e Vitor Valentim. Me identifiquei com um deles, mas

modéstia parte eu tenho uma mão de estilismo, que inclusive aqui na prefeitura teve (...) pra tirar a carteirinha dos artista, eu fui me inscrever e queria tirar a carteira de estilista. Hoje eu sou estilista afro, faço roupa de orixá e desenho roupas de orixá. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Dentro de uma atitude mais *queerizada*, trataremos de ampliar o debate sobre as experiências de Babado e Amor com esses elementos composicionais do vestuário que constituímos aqui. Ampliando, assim, o debate centrado nos discursos onde suas percepções não sejam simplificadas ou negadas a partir de suas aparências adornadas e que, enquanto modo de subversão e negação às normas, seja evidenciada os desejos que se afloram na constituição de suas armaduras.

Diferenciando-xs em suas formas, expressões e mesmo os modos de vestir-se, Tikal Babado e Pai Amor comungam dos ajustes que envolvem suas percepções no modo como se adornam e como utilizam a arte para projetar as vestimentas. Os argumentos em torno do pensamento da vestimenta enquanto experimentações das produções artísticas são evidenciadas por Renata Pitombo Cidreira (2005) ao não reduzir a moda/vestimenta a uma simples função. Segundo a autora:

Por muito tempo, descartou-se a possibilidade de se pensar a moda como um campo artístico através do argumento de que antes de tudo a moda é algo de ordem funcional, serve para cobrir o corpo (...), pois já se demonstrou que o funcional também pode ser criativo e, porque não, artístico. (CIDREIRA, 2005, p. 79).

Assim, a produção de suas vestes são potencializadas no campo artístico da moda. Os seus fazeres vestimentados, nesse sentido, são proporcionados e defendidos enquanto arte dentro de uma elevação sensível da qual esse fazer artístico, na produção e criação de suas próprias roupas, evocam e xs fazem sentir.

As cores

Dimensionar a relação das cores com as formas perceptíveis do corpo é incorporado em nossa análise no sentido de reconhecimento de suas construções enquanto seres sociais. Como essas cores são colocadas? O que representam? Como suas combinações podem vir a configurar-se no sensível? De que forma as cores xs atingem? As cores vão ser detalhadas para dar o tom colorido axs nossxs ilustres Tikal

Babado e Pai Amor, muitas vezes, invisíveis para a sociedade. Evidenciando, portanto, todo o brilho que carregam.

Imagem 24: Que o *queer* torne-se a força e que a sua roupa seja armadura de resistência



Fotógrafa: Sílvia Leme (2019)

À medida que a pesquisa foi se formando, percebemos que as cores conseguem representar toda uma relação com a ancestralidade, possuindo uma forte relação com os Orixás. Tikal Babado diz que o vermelho é sua cor favorita, “a cor que representa Yansã”. Assim como Babado, Pai Amor possui forte relação com o Candomblé e esta questão é evidenciada a todo o momento em seus momentos criativos e de celebração de seus adornos.

Eu uso todas as cores, gosto do vermelho, me lembra Yansã. Ogum com o azul. É o dia do orixá. Cada um com sua cor. Gosto do preto também. E uso muito colorido. Colorido é alegria, não é? As cores mexem com nossos sentimentos. Tem aqueles pra usar na noite e no dia. Mas se tiver festa de dia eu faço tudo, me apronto toda. A cor que eu mais gosto e uso é o vermelho. Ta vendo? Tem detalhes de vermelho na minha roupa. Tem vezes que é no anel, no lenço. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Posso especificar dois orixás? Eu e nós gays gostamos de determinada cor, rosa por exemplo (risos). Se tivesse o quarto, queria todo rosa, minha sala rosa, o chão de piso rosa. Um homem deitado numa cama rosa, de rosa, de sunguinha box rosa, roupão rosa. E entre orixá, muito obrigado isso, viu? E o orixá é o seguinte: Oxum, dourado, tem pessoas que bota amarelo, tem outras pessoas que bota o amarelo canário, mas tem uma marca de uma Oxum que ela só usa ouro, é assim que a gente chama, da cabeça aos pés, ouro. Chamada de Yapondá. Esses ouros que ela carrega, ela não dá a ninguém não, é tanto que ela usa sozinha. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Por acreditar que as cores influenciam nas sensações e percepções, perguntamos aos nossos entrevistados o modo como se relacionam com as cores. Definimos as cores vermelha, laranja, amarela, verde, azul, rosa, preta e branca por serem cores básicas e mais comuns e os questionamos sobre suas relações com cada uma delas. A relação estabelecida, em confluência com as questões religiosas, foi descrita de forma a considerar sua experiência cotidiana.

Meus orixás que me guiam. Eu uso essas cores pra representar eles. É o respeito, tem que ter respeito. Eu boto um colorido e chamo atenção de todo mundo. Tem um tempo que comecei a comprar roupas coloridas e usar. Em casa eu bolo a roupa e saí abalando. Eu uso de tudo, amo as cores. Eu sou do axé, me inspiro nisso. Fechação. Eu me sinto famosa aqui. Eu gosto é do babado. Tem que ter a fechação. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

A obrigação de feitura é roupa simples. A obrigação de três anos a roupa é mais trabalhada, de sete anos a roupa é uma riqueza e de 21 anos em diante a roupa é um luxo (...) de Rei e de Rainha. É um gasto, você gasta mais com a roupa do que com festejo. Mas porque vai dobrando, porque cada vez mais o orixá vai valorizando e a gente sente vontade de agradecer a ele. Aí as roupas vem assim. Hoje eu faço qualquer tipo de roupa de Orixá. Eu chamo assim aqui, mas a minha nação é Gêge, eu chamo de Vodum. Odé, Ogum, Osanhim,

Obaluaê, Xangô, Oxumaré, Yansã, Euá, Obá, Yemanjá, Oxum, Nanã, Oxalá que tem 16 tipos, 16 marcas de Oxalá, cada roupa é diferente, tem uns que vestem cores diferentes. Não são todos, cada um uma coisa diferente. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Evidenciamos nas entrevistas mais um pouco de suas expressões artísticas tanto nos modos de se vestir quanto em suas produções. A verdade é que todo esse colorido e envolvimento com as cores que lhes agradam, possui relação no modo com o qual as cores veem a representar um conjunto de produções e representações de religião de matriz africana e que se estabelecem em seus processos de criação, como elementos que emergem suas formas de vestir desobedientes. O processo criativo e de inspiração surgindo muito por conta da religião, torna-se um fator que demarca suas crenças e a maneira como interconectam esses fundamentos sobre o modo como se adornam, resistindo sempre.

Imagem 25: Cores vibrantes, vestes estonteantes.



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Suas cores fortificam o *pavoneamento* (MAFFESOLI, 1996), já discutido nesta pesquisa, que empresta as suas vestes. As cores de seus adornos e de tudo aquilo que valoriza seus tons cromáticos, é abrilhantada pelas enunciações que executam a metamorfose mágica de suas *composições da aparência*.

Eu amo produzir minhas roupas. Calça, saia, blusas, cada uma de uma cor, mas que tem que combinar comigo, com meu estilo agora. O pessoal diz que estou me fantasiando. O bom mesmo é fazer um visual alegre. E sempre que dá, eu coloco uma maquiagem bem colorida. Você coloca uma maquiagem, colares e já está pronta pra arrasar. Quanto mais chamativa melhor. E o povo fala e eu saio arrasando. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Eu ia começar a trabalhar com alguns materiais, mas não tive condições. Aí eu fazia de palha da costa e búzios as espadas, xaxará, senzala, braceletes, mocã, copos, peitorais, costapés, coroas. Eu fiz uma coroa uma vez pra uma gamelê, na Bahia só tinha uma gamelê lá em Salvador, e ela exigiu uma coruja. Eu fiz o adé dela, de palha da costa, todo cravado em búzios que vinha até aqui assim uma coruja. O búzio era montado tipo brajá (é uma conta de búzio que vem um sim, outro não, etc.). (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Introduzindo uma reflexão mais ampla sobre os sentidos das cores Eva Heller (2013) debate os processos sobre como somos afetados pelas cores, e que apontaremos sobre os coloridos experimentados nas vestimentas de Pai Amor e Tikal Babado. Em suas reflexões a autora debate que:

Cada cor atua de modo diferente, dependendo da ocasião. O mesmo vermelho pode ter efeito erótico ou brutal, nobre ou vulgar. O mesmo verde pode atuar de modo salutar ou venenoso, ou ainda calmante. O amarelo pode ter um efeito caloroso ou irritante. Em que consiste o efeito especial? Nenhuma cor está ali sozinha, está sempre cercada de outras cores. A cada efeito intervêm várias cores – um acorde cromático. (HELLER, 2013, p. 11).

Desse modo, a composição dessas cores, seus arranjos, combinações, são apresentados segundo essa concepção de *acordes cromáticos* (HELLER, 2013). As cores, portanto, possuindo esse teor sentimental e de interferência nas relações estabelecidas com aquilo que vestimos, nos levam a inferir que estamos diante de uma

sentimentabilidade provocada sobre os modos com os quais sentimentos e percebemos as vestes nessa relação que as cores nos propiciam. Em suas pesquisas, a autora trabalha justamente o ponto que interliga a relação que se estabelece com as cores e as diversas sensações provocadas por elas.

Talvez as escolhas partam desse pertencimento as mais diversas sensações que tais cores podem provocar no sujeito. Mas, de todo modo, são essas escolhas que permitem que tanto Tikal Babado quanto Pai Amor construam suas relações. Desse modo, a relação estabelecida com as cores de seus adornos perpassa sobre a construção do sentimento de bem-estar.

As formas

As formas, enquanto um dos elementos composicionais das vestes foram trazidas ao debate por envolver a dimensão daquilo que se acredita serem as formas corretas. As suas formas adornadas foram convocadas a problematizar o campo que institui tudo aquilo que diz respeito à preparação da vestimenta a um determinado organismo e que obedece, portanto, a um ideal de forma coerente. Essas são as formas que organizam o traçado regulador dos corpos, das roupas. E, nesse momento, suas formas são trazidas no intuito de desalinhar o esperado para o corpo adornado e apresentar suas estranhezas enquanto formas políticas de si.

Dentre as formas, evidenciamos sua força sensível. As vestes de Tikal Babado e Pai Amor trazem a percepção de si e contam suas histórias. Suas peças carregam, como nos afirma Peter Stallybrass (2000), as dores, as memórias, as emoções, que nos auxiliam no entendimento de suas existencialidades e formas de representação propiciadas pela vibração contida em seus vestuários.

A magia das roupas, segundo Stallybrass (2000) envolve a herança de nossos suores, cheiros, formas, presença. Desse modo, Tikal Babado nos convoca em suas memórias o relato sobre o uso recente de tais vestimentas e como essa mudança impactou diretamente no seu novo modo de viver, agora de forma mais prazerosa. Complementando, Pai Amor afirma que suas vestes são o que elx sente e é por dentro, indo além da ideia de que suas peças são extensões de suas peles; para Amor elas são sentidas nas mais profundas camadas do corpo.

Imagem 26: A vitrine anuncia o próximo casamento?



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

As formas representam, sensivelmente, esse corpo que resiste. Numa fuga completa aos padrões impostos ao qual o corpo de todxs está submetido. As suas formas manifestam fortemente a não normatização, a não conformidade ao que é esquematizado ao corpo encobrir. A forma, vista como distorcida ou contra-forma, é compreendida em seu desdobramento sobre a ideia de simetria, alinhamentos e recortes ideais e padronizados àquelxs ao qual o corpo é lido como estranho e sem noção.

Essa contra-forma torna-se modo de enfrentamento e subversão com o ideal, o que provavelmente desenham essa armadura de resistência sobre os seus corpos. A forma da saia, do turbante, da blusa, do colar, etc., tudo isso numa comunicação, e numa relação com seus corpos, que tem como propósito dar visibilidade, de forma afetiva, as suas (r)existências e que “estilhaçam o conceito de unidade do vestir” (CIDREIRA, 2005, p. 88).

Minha roupa incomoda. Mas ninguém me pediu pra me vestir assim, eu mesmo escolhi. As pessoas até se espantam, mas logo se acostumam. Comigo aconteceu muito recente. Meu corpo não é feminino como alguns dizem por aí, mas eu misturo tudo isso pra usar o que eu gosto. Não vou usar roupa de um jeito de “homem”. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

Eu, no caso, procurava o meio social daquela cidade, daquela terra, pra poder pisar devagarinho, até vê se podia avançar, ou se mostrar, né? Botar uma roupa mais fechativa, um implante. As minhas formas são de alegria. Sei que as pessoas se incomodam com meu jeito, mas vou fazer o que? Eu amo meu jeito, mas sei que preciso mais. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

Suas formas chocam, suas formas denunciam, elas evidenciam o caráter transformador sobre o uso da vestimenta. Enquanto perturbadoras, elas representam a expansão poética de suas autorepresentações, desafiadoras em suas propostas. As suas formas desenham nos seus corpos a desconstrução política que tem como base a estética de raça, gênero e sexualidade ideais.

Imagem 27: Formas radiantes para quem enxerga os seus presépios



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Explorando os sentidos que suas formas vestimentares provocam e as repetições sobre aquilo que é dito como roupa de “homem” ou de “mulher”, enfatizamos que as caracterizações enquanto forma e conteúdos dos adornos estão associados sobre fundamentos enraizados aos gêneros. O que, portanto, condena aqueles que enfeitam-se diferentemente ao que se espera sobre seu corpo. Nesse ponto, evidenciamos que saias, por exemplo, constituem ainda peças reservadas ao universo dito das mulheres, assim como as calças e blusas gola pólos, ou até mesmo a não utilização de peças destinadas exclusivamente ao universo feminino, se resguardam eminentemente as vestes ditas mais adequadas as formas dos homens. Essa relação é desobedecida, como já citado neste trabalho, e configura o espaço das roupas que, muitas vezes, não permite ser atravessado e quando isso ocorre há justamente o que chamamos aqui de desvio, *estigma* (GOFFMAN, 2008).

As texturas

Além das cores e formas, abordamos as texturas que vibram sobre seus corpos, bem como os tecidos. É nessa relação perceptiva, que evidenciamos atentos as considerações de Cidreira ao dizer que:

É preciso reconhecer também que o argumento de que a roupa é linguagem e de que ela *transmite mensagens* sobre aquele que a veste abre brechas para desdobramentos às vezes simplistas. A abordagem mais comum e muito recorrente atualmente, parte do princípio de que se você conhecer os significados de tais e tais cores, formas, combinações, você terá a capacidade de “construir” voluntariamente e conscientemente um look específico e adequado para cada situação. (CIDREIRA, 2005, p. 99, grifo da autora).

Nas falas de Cidreira (2005) observamos uma veemente reflexão em torno dos modos como poderíamos, eventualmente, vir a regular as cores, formas, texturas e combinações que usamos, mas que em muitas situações os sentidos transbordam certas combinatórias já estabelecidas. O objetivo enaltecido, aqui, é o de destacar a relação que tanto Amor quanto Babado estabelecem com esses elementos, não os fazendo, necessariamente, enquanto códigos fixados ou regrados de seus vestuários, mas, sobretudo, sobre como se relacionam entre esses caminhos sensíveis que suas perspectivas estabelecem na relação com os elementos composicionais dos adornos.

Imagem 28: Esvoaçantes texturas calaram a boca dos preconceituosos



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Portanto, as afirmações de Cidreira (2005) revelam um olhar que visa estabelecer a perspectiva da sensibilidade e não apenas aquela voltada na aplicação de códigos e regras pré-estabelecidas sobre as formas de vestir-se. Nesse trabalho, suas roupas marcam e tais marcas são carregadas de sensações, provocadas pelas formas, cores e texturas que evocam sentidos em consonância com aquilo que é vivenciado pelas suas dissidências.

Paetê é pura fecheção. Eu amo cores, gosto também de brilho. Gosto da textura que dá na roupa. A seda é um pano que eu gosto muito. Se me perguntarem se as roupas que eu gosto e usar são caras ou baratas, eu respondo que o que me chama atenção é a durabilidade da roupa. Uso muita xita, é meu tecido favorito. Com a xita dá pra fazer um monte de coisas: amarração, turbante, que eu amo usar. A xita é barata e fica muito bonita. (Entrevista realizada com **Tikal Babado**. 23/10/2018).

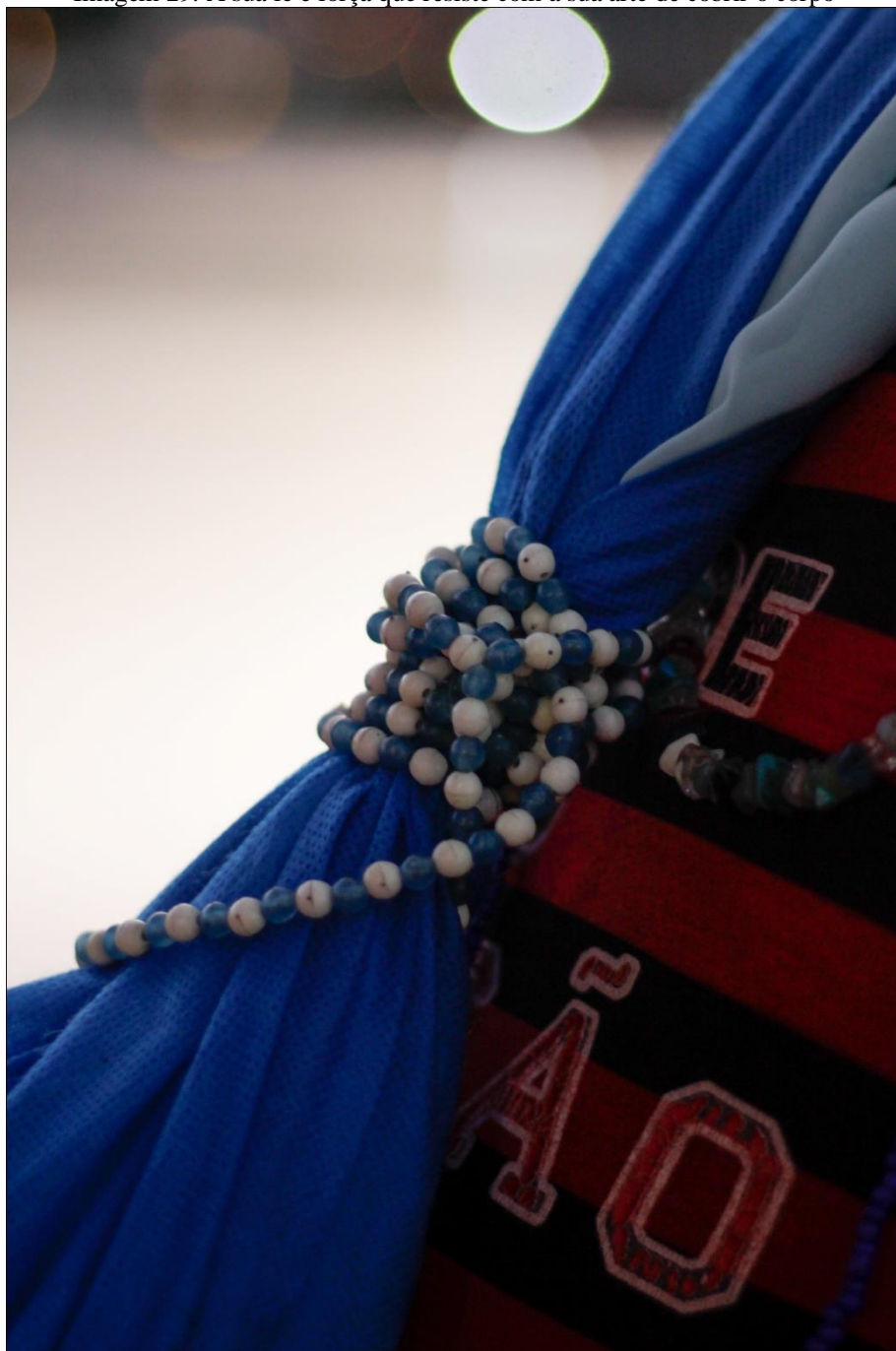
Rapaz, eu uso muito linho e seda. Seda por causa da temperatura. Onde eu morava era muito quente e seda é mais fresco, mais leve. Camisa de seda, calça não. A homossexualidade na Bahia, respeitosa e respeitada vem disso aí, dá promoção da roupa, dos tecidos. Agora, pessoalmente eu gosto mais da seda, por que? não é que seja um pano de luxo. Mas é que hoje eu visto roupas doadas, não tenho condições. Mas, eu gosto de tecido grosso, eu gosto de costurar pra mim mesmo. Faço minhas roupas, abalo, e também recebo doações. (Entrevista realizada com **Pai Amor**. 23/10/2018).

É possível identificar nas falas dxs nossxs entrevistadxs uma paixão por determinado tipo de tecido. Enquanto Tikal Babado tem uma relação afetiva com a xita, Pai Amor tem com a seda. Isso demonstra a relação sensível estabelecida pela forma como se relacionam com suas roupas, contudo, sinalizam uma conjectura daquilo que xs agradam e xs motivam dentro de uma realidade colocada sobre elxs como estranha.

Como observado nas entrevistas, a xita e a seda tornam-se elementos de seus gostos. Comumente, tais elementos nos transportam determinado tipo de imaginário, a saber, por exemplo: a seda traz ideia de leveza, evanescência ou frescor; já a xita remete a durabilidade, resistência ou pluralidade. No que se refere ao imaginário em que esses tecidos xs auxiliam, nas suas tensões enquanto afirmação para um corpo de aparição dissidente, percebemos que o desejo particular por cada um deles exerce o fascínio com que imperam suas formas e escapam as regras de uma formagem ideal.

Impetramos uma relação de envolvimento com esses elementos, incidentes de forma potente, em suas formas de sentir e perceber as vestes. Vestes estas que são hora coloridas, hora combinadas, roupas que denunciam suas formas, mas que também as afirmam, e texturas que passam pelos seus corpos, são assim abordados nesta Dissertação.

Imagem 29: A sua fé é força que resiste com a sua arte de cobrir o corpo



Fotógrafa: Silvia Leme (2019)

Desse modo, ao apresentarmos essas análises sobre o vestuário de Tikal Babado e Pai Amor procuramos potencializar a forma como ousam. A análise, portanto, não se finda neste trabalho, ela gera caminhos de possibilidades e de atravessamentos aos quais Babado e Amor nos propõe sempre romper.

DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

E agora, rompemos com a norma?

É preciso abordar que, direta ou indiretamente, as desavenças contra Pai Amor e Tikal Babado não cessam, mesmo que busquemos desarranjar tais problemáticas e construir novas formas. Estas, por sua vez, são frutos de uma concepção histórica que tenta prejudicar o desejo que possuem em relação as suas vestimentas. Suas histórias confirmam essa problemática em que se inserem no que é determinado para o corpo ideal, a sua norma.

O ordenamento vigente que impera dita muito mais do que o vestir, ela pune antes mesmo seus corpos, lhes dizendo como devem ou não vestir, falar, andar ou “sexualizar” o corpo. Está apontado sobre seus *eus* uma ordem na qual seus corpos já se encontram enquanto categoria de monstruosidade. E, ainda que possamos potencializar o discurso sobre o corpo monstro, ou o que parafraseamos aqui de *Choqueer de Monstro*, em nada lhes retira a categoria de dehumanização que seus corpos adornados provocam.

O desafio desta Dissertação procurou estar presente na compreensão dessa hipótese em que seus corpos são machucados, violentados, perseguidos e mal vistos. Com isso, foi possível investigar as sensibilidades que afetam suas aparências, mapear as resistências que opuseram e analisar os contornos que seus brilhos constituem na luta oportuna das suas identidades *queers*. Por isso, não devemos abandonar as diversas formas que gerenciam as violências, tendo em mente o compromisso de uma política que produza e compreenda as suas resistências diante do modo como sentem e percebem as próprias vestes.

Pensar em um rompimento de normas, padrões de uma sociedade é escapar das regras que ditam o aprisionamento ao corpo. Liberdade e bem-estar necessitam ser enfatizados, pensando em visões político-estéticas nas quais suas *composições de*

aparência desprendem ou dissolvem diante de uma política padronizada de cisheterosupremacia.

O mais interessante, talvez, de demarcar ao final desta Dissertação, seja o papel transformador que os corpos adornados de Amor e Babado nos propuseram conhecer. Ainda que as políticas normalizadoras tentassem reconstruir seus corpos à uma dita normalidade do ser, os seus corpos no mundo resistiram (e resistem) aos arranjos de um sistema que não lhes cabe. É preciso mais que desobedecer, é preciso compreender a resistência que tanto Babado, quanto Amor operam, sem ao menos deixarmos de compreender quem são para se sentirem aceitos.

O tempo lhes permitiu acumular a força necessária para viver nesses tempos tão sombrios. Ao mesmo tempo, o medo de perde-lxs durante o processo da pesquisa foi ficando cada vez mais real, não porque são as pessoas aqui pesquisadas somente, mas pelo fato de termos nos aproximado nesses últimos anos, o que me fez sentir também como parte dos seus cotidianos. As violências e perseguições contadas me aproximaram de suas vivências. Desse modo, ainda que me sondasse tal medo, já nos é imperiosamente satisfatório poder ter conhecido suas realidades e saber também que resistiram a tempos muitos difíceis para soltar para todos nós suas esfuziantes extensões de pele.

O movimento que projetamos ao dizer que suas aparências causam os choques sociais se sustenta porque compreendemos que é por essas aparências mesmas que as suas resistências operam; assim, ousamos dizer que a força que projetam é sem dúvida um “choque de monstro”. Por isso, acreditar que Babado e Amor devam se adornar de outra forma, é impor uma identidade sobre elxs que não lhes pertence e por isso que também podemos falar de arranjos estéticos-políticos que seus corpos vestimentados nos emprestam.

Operamos aqui um fazer que não deixe de contar nem as violências que lhes perseguem enquanto corpos vigiados, nem muito menos os brilhos, as cores e as formas que apresentam enquanto desejos de uma não normalização. Isso mesmo, Babado e Amor negaram ser como os “outros”, os normais. Reclamaram para si sensibilidades que sempre estiveram ali de alguma forma, não como algo inato ou natural, mas com um sentimento que desejavam, mas quase nunca lhes era permitido experimentar.

É evidente a contestação que nossxs pesquisadxs acionam quando se trata da intersecção entre suas roupas, gênero, sexualidade e raça desobedientes. Uma Dissertação ainda é pouco para abordar tantas perspectivas e tantas sensibilidades emanadas.

Num primeiro momento, gostaria de dizer que o fato de que em alguns momentos Babado e Amor falarem de suas identidades enquanto homossexuais e travestis, não é a mesma coisa de dizer que tais categorias são para a sociedade bem explícitas. Como evidenciamos, as categorias de gênero e sexualidade repousam sobre dois lugares diferentes, ainda que se atravessem. Porém, a “confusão” entre tais categorias por Babado e Amor não podem ser levadas da mesma forma que a sociedade, como um todo, a faz. Assim, preferimos utilizar a expressão *queer*.

O que quero dizer com o parágrafo acima é que, em muitos casos, chamam travestis de viado ou vice-versa. Essa é um tipo de confusão que, eu enquanto pesquisador, compreendo e também não posso culpar toda uma parcela por tal incompreensão, até porque estou num espaço privilegiado e compreendo que isso me coloca nesse lugar de entendimento sobre o termo.

Não é por conta disso que não abordamos tais questões, pensando sempre nessa relação com a vestimenta e como ela confirma tanto um “desejo” do gênero, como também imputa-se sobre determinada sexualidade. Por esse motivo, percebemos em alguns momentos que Babado e Amor são questinadxs quanto ao fato de “quererem ser mulheres”, taí um fato sobre o gênero, ou serem xingados (ainda que compreendamos aqui que esses termos não sejam pejorativos) de viados, bichinhas, o que determinaria a sexualidade, por exemplo. Percebemos que o processo dito de feminilização aponta para essas duas incongruências: o corpo dito “masculino” que se veste de forma dita de “mulher” quer sê-la, ao mesmo tempo em que suas vestes podem lhes apontar uma sexualidade desviante, o viado.

Nesse ponto, decidimos apontar sobre corpos *queers*, entendendo que tal categoria daria conta de abordar não só os temas sobre sexualidade e gênero, mas sobre a perspectiva de raça, classe e demais vertentes minoritárias. O *queer* consegue ter a competência, principalmente, sobre as vivências que Babado e Amor carregam no corpo, nas vestes, na mente e na alma.

O título do trabalho também poderia versar sobre esses quatro elementos: corpo, veste, mente e alma. Assim, potencializamos discussões extremamente importantes na compreensão do que significa (em termos de sentimentos) suas vestes; abordar seus corpos sem perder de vista a relação que permitimos abordar enquanto corpos negros e que se inserem na perspectiva *queer*; o que suas mentes sentem nessa relação em que seus corpos adornados se inserem e poder projetar essa alma sensível que xs tornam únicas e também como parte de uma sociedade que precisa ser evidenciada, se entendermos suas sensibilidades adornadas na categoria do corpo possível.

A raça foi, sem dúvida, uma das maiores preocupações do trabalho, compreendendo os questionamentos sobre quais corpos devem vestir isso ou aquilo, quais daqueles já operam como indesejáveis e o que lhes permitem usar. É óbvio que para o corpo branco torna-se muito mais fácil adornar-se da forma que não é permitido, enquanto que para o corpo negro (nesse caso, ao corpo construído socialmente como masculino) imposições sobre sua conduta social devem marcar um lugar de virilidade e que não lhe é permitido atravessar. Desse modo, mostramos que as violências sobre seus corpos funcionam como uma pré-configuração que já está sobre sua pele, e quando tais corpos rompem com essa barreira da roupa, tanto sua primeira pele quanto a segunda irão sofrer, no mínimo, o dobro. São as diversas violências, sobre a pele e as vestes, ocorrendo no mesmo instante, sem separação entre ambas.

Suas vivências e toda a aproximação que Babado possui com o Candomblé e o Catolicismo, espaços onde circula com suas vestes, percorre sobre trilhas de escolhas afetuosas para si. As roupas que Amor produz para os Órixas e as vestes que deseja vestir diariamente, tudo isso forma sua sensibilidade, a sua espiritualidade e confirmam o apetite pela transformação e transfiguração imagética sobre seus corpos adornados. São todos esses elementos que classificamos como rompimento da norma, mesmo que a norma ainda continue perseguindo nossas vestes, corpos, classes, cores, raças, brilhos e tudo aquilo que a ela é inconcebível e incompreensível diante da comunicação vestimentar que nosx Babado e Amor realizam e que xs tornam únicxs.

É interessante quando ouvimos e reproduzimos no cotidiano cachoeirano que tem coisas que só existem aqui. Realmente, estamos certos, é inexplicável a energia que sentimos nesse espaço. E, ainda que existam outrxs Babados e Amores por esse mundão a fora, não há em nenhum outro lugar pessoas como Tikal Babado e Pai Amor nesse

envolvimento energético que a cidade de Cachoeira proporciona e que permitiram que essa pesquisa acontecesse. Esperamos que ela seja contada em mais e mais lugares.

4.2 *Queerizar nossas perspectivas é urgente*

Das partilhas que se desenharam nesse trabalho, sempre com o desejo de transformação, de contar cada pedaço dessas vivências de forma única. Bravejamos e desbravejamos conceitos na busca por aproximar inclusive você, leitor, dessa nossa travessia entre marcações tão brilhantes e que nos permitiram falar sobre raça, gênero, vestes, desvios e etc. de forma contundente. Priorizamos trazer abordagens em que suas vestes pudessem, inclusive, parecer estar saindo do papel.

Poderíamos ter observado ou recolhido seus modos de sentir e perceber as vestes apenas no sentido de satisfazer a pesquisa, porém a pesquisa se mostra mais encorajada em trazer o sentido envolvido por todas as suas sensibilidades e seus processos de adorno ao corpo, que aqui xs fazemos potentes no intuito de reconhecê-lxs enquanto pessoas que requerem ser trazidas para essa dimensão de reconhecimento enquanto possibilidade de sujeitxs sensíveis no mundo. Potencializamos seus discursos verbais e não-verbais, gesticulando a partir dessa movimentação que possibilitaram às estruturas o mínimo de ruptura.

Desse modo, descolonizar, emancipar, *queerizar* ou qualquer outra forma transgressora e libertadora, as estruturas de um sistema em que se objetifica mais a destruição do corpo do outro ao invés de apaziguar-se, vai requerer que pensemos em alguns métodos, os quais não deixam de já ter sido trabalhados nessa Dissertação. Elegi cinco pontos importantes nesse processo de construção dos saberes relacionados as sensibilidades adornadas de Tikal Babado e Pai Amor e que discutiremos como pontos chaves sobre os quais devemos refletir com certa urgência, a saber:

1.O primeiro deles diria que se trata de compreender a desumanização enquanto um processo histórico e vicioso, encarado não só pelas determinações de quais corpos devem existir ou não, como também pelas formas como esses corpos se cobrem, vivem.

2. Não dar o braço a torcer para uma política que já te extermina. Esse ponto retoma uma questão trazida por Jota Mombaça (2016), quando afirma que os corpos em resistência precisam construir estratégias de sobrevivência, sem que se deixem sempre que seus corpos sofram o extermínio em massa, que é a própria violência desigual.

3. Entender que se eu trato de dissidências sejam elas sexuais ou de gênero a partir de um corpo negro, para que alcancemos uma perspectiva *queer*, é preciso pensar em ações em conjunto e não de forma separada. Como já avistamos aqui, propomos reforçar o conceito de corpo-roupa indissociavelmente, do mesmo modo que propomos acionar dispositivos da relação violência-corpo-*queer* de forma também inseparável.

4. Que existem as partilhas sociais, isso é certo. Passamos também a compreender que os modos com os quais Babado e Amor rompem essa ordem estabelecida pela sociedade - que insiste em reproduzir o que é padrão e condenar o que não o seja -, se tornam formas únicas da sensibilidade que emprestam enquanto estética própria.

5. Finalmente, definamos o corpo, as vestes e alma como formas que contestam ideias de beleza, perfeição no adorno e ditas poéticas elementares da composição vestimentar. É a afirmação de corpos negros *queers* e com espiritualidade, nos projetando as sensibilidades envolvidas pelas suas escolhas, formas de ver, sentir e perceber as vestimentas.

Passado esses tópicos, que não deixam de ser encontrados nas linhas deste trabalho, arriscamos trazer questionamentos que buscam potencializar as roupas aos sujeitos *queers*. Foram deslocamentos que puderem abrilhantar ainda mais as suas vestes, potencializado suas marcações históricas, estéticas, políticas e de resistência.

Ao longo do trabalho nos deparamos com conceitos chaves como *violência*, *corpo político*, *armadura* e *resistência*. Esses conceitos permitiram a formação do que as roupas podem provocar enquanto choques e os modos de sentir e percebê-las. Nesse sentido, o corpo político que veste a sua armadura, a usa como forma de resistência ao que lhes opera no sentido de violência.

Por fim, nos emocionamos com cada vivência contada entre seus processos sensíveis e como encararam as dinâmicas de violência; curtimos cada gestualidade e cada estilo aqui apresentado. Vibramos com suas cores, potencializamos seus tecidos e

aplaudimos as suas formas enquanto recusas de uma normatização. Choramos com cada detalhe, performance e expressão de seus corpos adornados. Desse modo, que possamos *queerizar* cada vez mais nossas perspectivas e abordar tais questões em diversos outros trabalhos pela frente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMOR, Pai. Choqueer de Monstro. Entrevista concedida à Baga de Bagaceira (Dissertação de Mestrado). UFRB: Cachoeira-Ba, 2018-2019. [A entrevista encontra-se transcrita ao longo do trabalho]

BABADO, Tikal. Choqueer de Monstro. Entrevista concedida à Baga de Bagaceira (Dissertação de Mestrado). UFRB: Cachoeira-Ba, 2018-2019. [A entrevista encontra-se transcrita ao longo do trabalho]

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. IN: **Itinerários**. Araraquara, SP, nº 10, 1996, p. 11-27.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Vida precária**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. Tradução de Angelo Marcelo Vasco. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

_____. **Actos performativos y constitución del género**: un ensayo sobre fenomenología y teoría feminista. Debate Feminista, México, v. 18, 1998, pp. 296-314.

CIDREIRA, Renata Pitombo. **Os Sentidos da Moda**. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. Experiência estética na moda: as vitrinas como meios de comunicação. In: MENDONÇA, Carlos M. C.; DUARTE, Eduardo; FILHO, Jorge Cardoso (Org.) **Comunicação e sensibilidade: Pistas metodológicas**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2016, pp. 223-244.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação Social**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete, 20ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999a.

_____. **História da Sexualidade I: a Vontade de Saber**. 13ª ed. São Paulo, Graal, 1999b.

_____. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. 27ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2013.

_____. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: n-1, 2013.

_____. **Os anormais**: curso no Collège de France (1974-1975). São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores**: como as cores afetam a emoção e a razão. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. 1ª ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HOLZMEISTER, Silvana. **O Estranho na Moda**: a imagem nos anos 1990. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Tradução de Décio Pignatari. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MISKOLCI, Richard. A Teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. Estéticas da existência e estilos de vida – as relações entre moda, corpo e identidade social. São Paulo: **Revista Iara** – Revista de Moda, Cultura e Arte, v1, n 2, ago./ dez. 2008.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência**. Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32ª Bienal de São Paulo – Incerteza Viva, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1988.

OMAR, Arthur. **Antropologia da Face Gloriosa**. São Paulo: Cosac&Naify Edições, 1997.

PARRET, Herman. Comunicar por aesthesis In: PARRET, Herman. **Estética da Comunicação: para além da pragmática**. Tradução de Roberta Pires de Oliveira. Campinas: Edunicamp, 1997, pp. 183-202.

PRECIADO, P. Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 19, n., pp. 11-20, janeiro-abril, 2011.

RAMOS, Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. **Teoria de moda: sociedade, imagem e consumo**. Barueri, SP: Estação das Letras Editora, 2007.

SANTOS, Jocélio Teles dos. Incorrigíveis, afeminados, desenfreiados: indumentária e travestismo na Bahia do século XIX. **Revista de Antropologia**. São Paulo: USP, v.40, nº 2, pp. 145-182, 1997.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2008.

SODRÉ, Muniz. Diversidade e diferença. IN: **Revista Científica de Información y Comunicación**, Rio de Janeiro, n. 3, pp. 5-15, 2006.

_____. **Claros e Escuros**. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve História do Corpo e de seus Monstros**. Lisboa: Editora Vega, 1999.

VALVERDE, Monclar. **A instituição do sensível**: uma hermenêutica da experiência estética. Aracaju: Editora J Andrade, 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Perfil com *Amor* e com *Babado*

Trago aqui, um pouco, dos motivos que me levaram a escolher Tikal Babado e Pai Amor para esta Dissertação. Ou, talvez, seja mais correto afirmar que, afetivamente, eu fui escolhido por elxs.

Quando começo a escrever o projeto, ainda não tomo a dimensão que seus corpos adornados possuíam e que, mais tarde, me tomaria por completo. A partir do momento que fui compreendendo suas histórias, suas existências, me vi também num lugar de íntima relação em que suas vestes também passaram a me provocar sensações constantemente. Me vi contando suas vivências e fui me percebendo enquanto um corpo que também destoa dos padrões.

Criamos laços desde cedo, mas somente com o desejo de produzir uma pesquisa que não objetificasse seus corpos, mas que justamente elevassem enquanto campo da sensibilidade, é que conseguimos construir uma verdadeira relação. Relação que me permitesse entendê-lxs e ser entendido nesse mundo.

Pensar as provocações que os choques de suas roupas nos convocam, é refletir sobre como ainda gerenciamos os seus receptáculos desobedientes da aparências. Acredito não, tenho certeza de que o motor sensível que Babado e Amor realçam, consegue romper com qualquer pensamento que ouse negá-lxs. As formas sensíveis com que vivem suas cores brilhantes, formas estoantes e texturas radiantes são correspondentes a uma postura que xs permitiram rejeitar as expressões ditas ideias aos modelos de gênero, sexualidade e raça.

Babado tornou o trabalho vivo, fazendo apresentar sua deficiência não como uma fragilidade ou algo em que não possa se orgulhar, mas apresentou como parte de sua sensibilidade, conectando diretamente as formas como veste. Trouxe todo o mistério necessário para desvender o que já se começa a pensar como choque das vestes, dos monstros. Atormentando todos aqueles que ousassem desafiar as inscrições e acepções do seu corpo. Babado é a eficiência dentro de um sistema falido e prestes a desabar.

Amor é o trabalho resistivo de dizer que a loucura que dizem ser sua não passa de uma desconpreensão coletiva sobre suas sensibilidades e formas de ser no mundo. Sua singularidade destaca-se, principalmente, pela maneira como desaprova o essencialismo do sujeito queer. É um amor para todo mundo.

APÊNDICE B

Roteiro das Entrevistas

Abaixo, estão ordenadas algumas das perguntas realizadas nas entrevistas dessa Dissertação:

Capítulo I

- Como você acredita ter o seu corpo e vestes causando esse estranhamento?

- Você acredita não ser entendido pela sociedade? Te veem como monstro?

- O que há de sensível em você?

- O que falta para vivermos num mundo mais sensível?

- O que mais a roupa te provoca em sensação? Descreva a partir de suas peças.

- E o que você acha que suas vestimentas/aparência provocam nos outros?

Capítulo II

- Você já foi violentado violentadx/oprimidx desde a infância?

- O que mais te fere quando as pessoas te desafiam por conta das suas vestimentas?

- Quais as violências mais fortes que vivenciou a partir da forma quando se adorna?

- Com que frequências acontecem essas violências ao seu corpo e como reage a elas?

- Se pudesse transformar essa violência em algo bom, no que transformaria?

- Descreva essa fechação que é as suas vestes?

- Descreva o porquê de ser amado e odiado nesse espaço?

Capítulo III

- Como você sente e percebe a própria vestimenta?

- O que você acha que sua roupa comunica para os outros?

- De que você é julgadx quando se veste dessa forma dita “anormal”?

- Quais resistências impetram sobre as violências vivenciadas diariamente pela sua composição da aparência?

- Você acredita que por ser negrx, a violência é muito mais severa sobre seus corpos adornados?

- Dizem que você quer ser uma mulher? Porque acham que dizem isso? Descreva outros ditos xingamentos.

- Quais satisfações sentem a vestir tais roupas?

- Como as cores/formas/texturas influenciam nos seus modos de vestir?

- Descreva as relações ancestrais que possuem com a roupa.

APÊNDICE C

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o estudante de pós-graduação BAGA DE BAGACEIRA SOUZA CAMPOS, do curso de COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, no Centro de Artes, Humanidades e Letras, que pode ser contatado pelo e-mail bagadebagaceira1992@gmail.com e pelo telefone (75) 9 92574965. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas, visando, por parte do referido estudante a realização de um trabalho de pesquisa em nível de Mestrado Acadêmico intitulado "Choqueer de Monstro: Tikal Babado e Pai Amor e os modos de sentir e perceber suas vestes em Cachoeira-Ba". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que o estudante providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

Tikal Babado
(Assinatura)

Cachoeira-Ba, 15 de Jul de 2019



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do estudo que tem como pesquisador responsável o estudante de pós-graduação BAGA DE BAGACEIRA SOUZA CAMPOS, do curso de COMUNICAÇÃO da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, UFRB, no Centro de Artes, Humanidades e Letras, que pode ser contatado pelo e-mail bagadebagaceira1992@gmail.com e pelo telefone (75) 9 92574965. Tenho ciência de que o estudo tem em vista realizar entrevistas, visando, por parte do referido estudante a realização de um trabalho de pesquisa em nível de Mestrado Acadêmico intitulado "Choqueer de Monstro: Tikal Babado e Pai Amor e os modos de sentir e perceber suas vestes em Cachoeira-Ba". Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será gravada e transcrita. Entendo que esse estudo possui finalidade de pesquisa acadêmica e que o estudante providenciará uma cópia da transcrição da entrevista para meu conhecimento. Além disso, sei que posso abandonar minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação.

BREISSE HELLEN CYCLOME FAYANES
(Assinatura)

Cachoeira-Ba, 15 de abril de 2019